

REVISTA MENSAL

RN/ECONÔMICO

ANO XIII — N.º 134 — AGOSTO DE 1982 Cr\$ 250,00

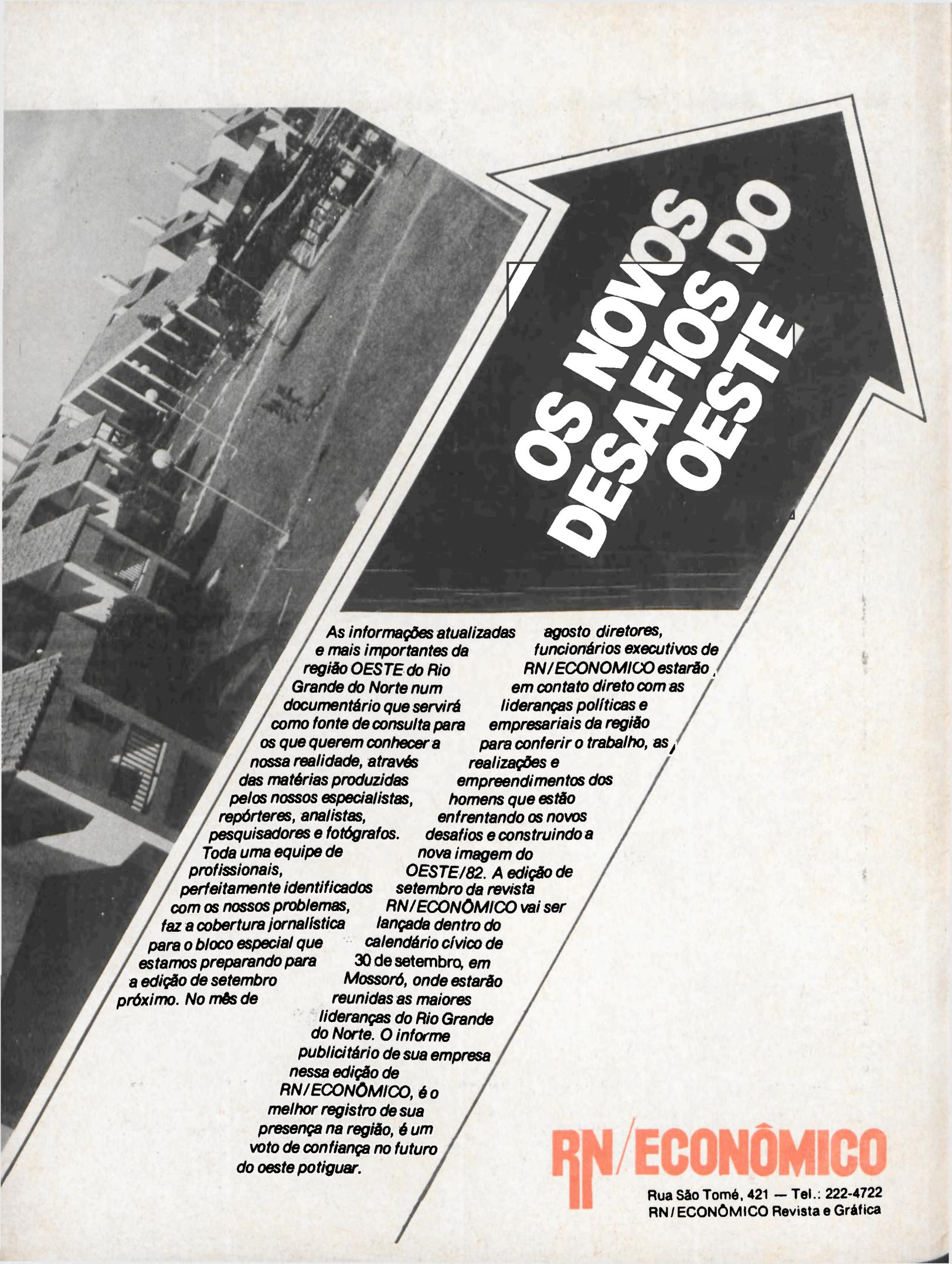
O PODER
DA IGREJA
NO RN

Supermercados
na guerra
do marketing

JOGO,
UM NEGÓCIO
LUCRATIVO

413

NATAL SENTE MEDO



OS NOVOS DESAFIOS DO OESTE

As informações atualizadas e mais importantes da região OESTE do Rio Grande do Norte num documentário que servirá como fonte de consulta para os que querem conhecer a nossa realidade, através das matérias produzidas pelos nossos especialistas, repórteres, analistas, pesquisadores e fotógrafos. Toda uma equipe de profissionais, perfeitamente identificados com os nossos problemas, faz a cobertura jornalística para o bloco especial que estamos preparando para a edição de setembro próximo. No mês de agosto diretores, funcionários executivos de RN/ECONOMICO estarão em contato direto com as lideranças políticas e empresariais da região para conferir o trabalho, as realizações e empreendimentos dos homens que estão enfrentando os novos desafios e construindo a nova imagem do OESTE/82. A edição de setembro da revista RN/ECONÔMICO vai ser lançada dentro do calendário cívico de 30 de setembro, em Mossoró, onde estarão reunidas as maiores lideranças do Rio Grande do Norte. O informe publicitário de sua empresa nessa edição de RN/ECONÔMICO, é o melhor registro de sua presença na região, é um voto de confiança no futuro do oeste potiguar.

RN/ECONÔMICO
Rua São Tomé, 421 — Tel.: 222-4722
RN/ECONÔMICO Revista e Gráfica

ÍNDICE

ESTADO

Os prazos fatais para as eleições.....	20
Técnicas perdem para a improvisação na publicidade eleitoral.....	23
Batalha legal dos partidos.....	26
Carro a álcool caminha para a reabilitação.....	28
Comércio : a crise dos maus pagadores.....	30
Quase milagre em cirurgia buco-facial.....	32
Jogo do bicho: negócio sempre na alta.....	35
Natal é sempre atração para os bancos.....	37
Igreja é poder em ascensão.....	39
Scheelita sofre cerco.....	41
Juiz, posto ingrato.....	43
Supermercado na guerra do "marketing".....	45
Legislação eleitoral: uma dura luta de partidos.....	46
Crise do faixa cidadão.....	48
Leão de olho nos imóveis.....	51
Reitor: já a sucessão?.....	52

ARTIGOS

Manoel Barbosa.....	7
Cortez Pereira.....	50
Dorian Jorge Freire.....	54
Rosemilton Silva.....	58

HUMOR

Cláudio.....	56
--------------	----

SEÇÃO

Homens & Empresas.....	4
------------------------	---

CAPA

Foto/concepção de Flávio Américo



Natal está sob cerco da violência

Os níveis de violência e insegurança atingiram uma situação nunca vista. Até há quatro ou cinco anos Natal era uma cidade tranquila, uma das mais pacatas do País. Podia-se andar pelas ruas a qualquer hora, sem o menor susto — e em qualquer bairro. Os carros podiam ficar com os vidros

abertos nos estacionamentos que nada desaparecia. Num curto espaço de tempo tudo mudou. Andar por qualquer rua, à noite — e até de dia — só, é um perigo. Não só para os pertences, como de perder a vida em assaltos violentos e com a sanha de bandidos que se deliciam com perversidades. No centro da cidade, nas

ruas periféricas, os assaltantes agem livremente, à luz do dia. Por que? O Comando da Polícia Militar diz que há poucos soldados; o secretário da Segurança Pública vê a cidade crescendo; o delegado de Menores vê o Código desatualizado e o delegado de Roubos e Furtos vê a maioria dos crimes praticados por menores (Pág.8).

RN/ECONOMICO REVISTA MENSAL • ANO XIII • N.º 134 • AGOSTO/82 • CR\$ 250,00

DIREÇÃO
DIRETOR/EDITOR: Marcelo Fernandes de Oliveira
DIRETORES: Núbia Silva Fernandes de Oliveira, Maurício Fernandes de Oliveira e Fernando Fernandes de Oliveira
REDAÇÃO
DIRETOR DE REDAÇÃO: Manoel Barbosa
ARTE E PRODUÇÃO
CHEFE: Euryly Moraes da Nóbrega

PROGRAMAÇÃO VISUAL: Moacir de Oliveira
DIAGRAMAÇÃO: Sônia Santos
FOTOCOMPOSIÇÃO: Antônio José D. Barbalho

DEPARTAMENTO COMERCIAL

GERENTE COMERCIAL: Paulo de Souza
GERENTE DE ASSINATURAS: Antônio Emílio da Silva

RN/ECONOMICO — Revista mensal especializada em

assuntos sócio-econômicos do Rio Grande do Norte é de propriedade de RN/ECONOMICO EMPRESA JORNALÍSTICA LTDA. — CGC n.º 08.286.320/0001.61 — Endereço: Rua São Tomé, 421 — Natal (RN) — Telefone: 222-4722. É proibida a reprodução total ou parcial de matérias da revista, salvo quando seja citada a fonte. Preço do exemplar: Cr\$ 250,00. Preço da assinatura anual: Cr\$ 3.000,00. Preço do número atrasado Cr\$ 500,00.



BANCO AUXILIAR INAUGURA AGÊNCIA

— O Banco Auxiliar inaugurou a sua agência em Natal e já está operando na rua João Pessoa. À frente da agência está o ex-funcionário do Grupo Banorte, que os clientes do mercado financeiro e imobiliário de Natal se acostumaram a conhecer pelo nome familiar de Bezerra. Depois de atuar algum tempo em Natal, ele foi transferido para o Banorte do Recife e agora retorna a Natal integrando outro grupo financeiro.

★ ★ ★

2.º ENCONTRO INTEGRAÇÃO

— Dentro da sua nova estratégia de "marketing", o Supermercado Nordeste realiza em setembro o II Encontro Integração Donas de Casa Nordes-

tão. Essa promoção foi realizada em agosto. Mas o interesse foi tanto, que foi tomada a decisão da direção do grupo de realizá-la pela segunda vez. Trata-se de uma série de palestras, por especialistas de alto nível, abordando questões relacionadas com economia doméstica.

★ ★ ★

MASTER DINAMIZA LANÇAMENTO

— A Master Engenharia ampliou a promoção de vendas do Parque das Rosas, um conjunto de 108 apartamentos construídos na Cidade Jardim. A Master é uma empresa de construção que em seu currículo tem obras no Rio de Janeiro, São Paulo e em todo o Nordeste.

★ ★ ★

MAIS UMA LOJA DE DEPARTAMENTOS

Natal ganha, neste mês de setembro, mais uma loja de Departamentos. É a Destak, especializada em roupas brancas (para enfermeiros, médicos, etc), jeans e roupa esportiva.

★ ★ ★

CAMPANHA DA EMATER TEM SUCESSO

— No início deste mês a Emater-RN realizou a segunda campanha de vazantes no Estado e,

segundo o seu presidente, agrônomo Gilzenor Sátiro, o objetivo foi incentivar o cultivo de 10 mil hectares de vazantes em 88 municípios, beneficiando cerca de 18 mil produtores rurais. A campanha deste ano é duas vezes superior a do ano passado. A avaliação dos técnicos da empresa é de que serão produzidas 100 mil toneladas de alimentos, incluindo feijão, batata doce, milho, sorgo e melão.





5.º PLANO DE EXPANSÃO DA TELERN

— Com a assinatura do contrato com a NEC do Brasil, a Telern está apta a implantar o seu 5.º Plano de Expansão, que compreende a instalação de mais seis mil terminais telefônicos. Até meados de 1983, dentro do novo plano, poderão contar com telefones áreas da Redinha e Cidade Jardim-Neópolis. Dos novos terminais, 70 por cento serão residenciais e 30 por cento comerciais.

★ ★ ★

MAIS IMOBILIÁRIAS SURGINDO EM NATAL

— Com a expansão do mercado imobiliário de Natal a cada dia surgem novas empresas especializadas. A Sonmar Imóveis é uma delas, com

escritório no edifício Mendes Carlos, já tendo feito o seu primeiro lançamento na zona norte: o Bosque do Rio.

★ ★ ★

ESTADO COM MAIS PETRÓLEO

— As notícias sobre petróleo no Rio Grande do Norte são cada vez mais otimistas. Em Mossoró, continuam circulando rumores de que a Petrobrás está muito entusiasmada com um novo poço que acaba de jorrar na plataforma continental, em Macau, com vazão de 1.300 barris/dia. Os poços na plataforma continental ainda não são em número expressivo no país e têm muitas vantagens sobre os da plataforma submersa pelas naturais facilidades de exploração econômica.

★ ★ ★

COOPERATIVISMO EM ASCENSÃO

— Apesar de todas as dificuldades da economia do Estado nos últimos anos, o cooperativismo está em ascensão. O faturamento da Cooperativa Central, de acordo com o seu último balanço, foi de Cr\$ 262 milhões, com um lucro de Cr\$ 7 milhões 346 mil, que foi transformado em bens de capital com a elevação do capital social de 4 para 11 milhões de cruzeiros. A comercialização de insumos agrícolas a preços mais baixos que os do mercado, tem sido uma das atividades da Cooperativa Central de maior proveito para o agricultor do RN.

★ ★ ★

CARTÕES DO HIPERCENTER — Cartões de Crédito do Hipercen-

ter Bompreço é uma das formas ousadas que o grupo está usando para atrair clientes na sua investida mercadológica em Natal. O modelo é diferente de tudo o que se conhece em Natal e permite até saques por conta — isto é, sem movimentos de fundos — pelo prazo de até 15 dias.

★ ★ ★

OFENSIVA DA GLOBO

— A TV Globo está programando a ampliação da sua cobertura local, segundo informa o seu superintendente regional Cléo Nicéas. Está em planejamento a abertura de uma janela para um noticiário do Rio Grande do Norte e a intenção da emissora é dispensar mais atenção ao Nordeste. Não está fora de cogitação uma série "Globo Repórter" produzida no Nordeste.

Este é o momento das decisões



NOVO OU USADO, BASTA ESCOLHER A MARCA. DEPOIS VENHA BUSCAR O SEU CARRO



Peças e equipamentos para o seu carro você encontra em
DUAUTO EQUIPADORA — PEÇAS E ACCESSÓRIOS
Pneus Good Year para todos os tipos de veículos procure em
DUAUTO PNEUS

duauto veículos ltda.

O salão nobre do automóvel.

Presidente Bandeira, 1240 Lagoa Seca.

CASUÍSMO E "CASUÍSMO"

MANOEL BARBOSA

Nestes tempos de efervescência política uma das questões que mais dizem respeito as classes empresariais é a da responsabilidade. É inegável que, no estágio da economia do Estado, e em função das peculiaridades da Federação, o nível de representatividade é fundamental. A União, sabem todos, não é equânime. Não temos um Governo de magistrados, mas uma nação dirigida por militares, tecnocratas e políticos com os dois pulmões em São Paulo, o cérebro em Brasília e o coração no Rio de Janeiro. Cabe aos Estados disputarem corpo a corpo todas as estreitas faixas que lhes possam restar. E o sucesso de cada um está na razão direta do grau de representatividade. Mas o que, aqui, queremos dizer por representatividade? A colocação está no sentido de liderança política. E liderança política a nível nacional, com a cancha ou, pelo menos, a substância intelectual capaz de não se dobrar e até mesmo dobrar os loquazes defensores dos grandes "lobbies" baseados no Centro-Sul e Sudeste.

Não é fácil. Não é uma condição comum, em se sabendo como é dura, árida e, ao mesmo tempo, escoregadia e traiçoeira a área onde é preciso desenvolver todo esse trabalho. Mas é isso. O quadro característico do federalismo brasileiro, desde o Império, é esse. Os mais habilidosos conseguem mais vantagens para o seu Estado, a sua região. Os mais habilidosos e mais tenazes. E isso é conseguido até em áreas aparentemente impossíveis. Exemplo: o complexo do Sesi/Senai, no Rio Grande do Norte, sempre conseguiu deslocar recursos substanciais das áreas mais ricas. O Senador Jessé Pinto Freire, quando era vivo, criou uma jurisprudência na alta direção da Federação Nacional do Comércio que era, como se diz hoje, essencialmente "casuística", mas com a finalidade de beneficiar o Rio Grande do Norte. A norma estabelecia que os Estados mais ricos completassem as cotas de contribuição dos mais pobres. Isso pegou e o Rio Grande do Norte pôde ter um Sesc como poucos no Brasil.

Esse tipo de "casuísmo" positivo, de criatividade, de habilidade, é necessário para favorecer um Estado que sempre foi desfavorecido. As vezes é preciso algum artifício para corrigir injustiças, mais ou menos como naquela história de que "deus escreve certo por linhas tortas". As lideranças capazes sabem encontrar esses artifícios. Sabem e lutam por eles, mobilizando outras energias, motivando, criando situações favoráveis ao seu desempenho. O Rio Grande do Norte, mais do que nunca, tem carência desses serviços. Mais do que nunca porque, agora, os tempos são dos políticos — quando nada, até prevalecer a determinação do chamado sistema em levar adiante o processo de abertura. E os políticos estão tendo espaços mais amplos, tribunas com maiores repercussões. O país mostra-se receptivo às mensagens políti-

cas. O que é preciso é aproveitar o clima para dirigir mensagens que obtenham ressonância.

Quem tem condições de exercer esse papel, após novembro, no Rio Grande do Norte — e para o Rio Grande do Norte?

São as perguntas que os empresários se fazem, agora. Perguntas de nível diferente do eleitorado normal. Perguntas cruciais. O Estado não vai ficar toda a vida dependente de ajudas emergenciais, porque, pela própria natureza do seu grau de desenvolvimento, as novas necessidades estão exigindo soluções básicas. Logo, a representatividade em novo nível qualitativo é uma questão vital. Porque os outros Estados estão sabendo disso. Nos outros Estados já está sendo exercitada essa consciência reivindicativa, tendo em vista a atual posição assumida no contexto regional pelo Ceará e Bahia, sem contar Pernambuco — já adiantado na matéria — e Alagoas, que tem os trunfos naturais do petróleo, do sal-gema e do açúcar.

São os componentes que vão pesar de modo definitivo — embora talvez não decisivamente. Nas eleições, fora o racional, há o emocional. E nem sempre o aparentemente racional é capaz de permitir avaliações corretas.

E exatamente por isso a eleição é apaixonante, suscita tantas discussões, prévias, especulações, antagonismos, brigas. Emoções fortes turvam os raciocínios. Jogos de interesses amainam as emoções. As vezes, convergem raciocínios claros e a emoção.

Em meio a todo esse torvelinho a expectativa permanece crucial e a pergunta assalta o empresariado: quem será capaz de dar ao Estado a representatividade que ele precisa? Mais: e quem tem essa capacidade, será o vencedor a 15 de novembro?

E tema para papos intermináveis no Café São Luiz sem que a resposta seja conseguida. O fato, independente das dúvidas, incertezas e especulações, é que é preciso dar a economia estadual às condições suficientes para o seu salto qualitativo. Há pelo menos cinco anos impasses traumáticos vêm criando uma situação de estagnação perigosa. Há muitos anos não existe uma cifra animadora, um dado encorajante. Um ou outro recorde de produção petrolífera dos poços da Petrobrás, em Ubarana, não despertam o menor entusiasmo, porque já se sabe neste país para onde vai o dinheiro do petróleo.

A abertura política teve, quando nada, esse mérito: forçou o exercício da criatividade em detrimento de uma continuidade passiva. Há, no todo e em todas as partes, um clima de animação diferente da apatia e do desânimo. Seja quem for o vencedor, terá não somente a obrigação de administrar. Vai ter de criar alternativas. Não com a obrigação de enriquecer o Estado do dia para a noite. Mas de tirá-lo da certeza de que a penúria econômica é o destino fatal do Rio Grande do Norte.



De repente, um beco escuro em Natal transformou-se numa armadilha mortal, à noite (Foto: Flávio Américo)

ESPECIAL — I

Natal está sentindo medo

Cidade do sol e do mar, terra das mulheres bonitas, capital espacial do Brasil, Natal ganhou agora, mesmo sem querer, uma nova denominação. E passou a ser também a cidade da violência, da insegurança, do perigo, do medo. Porque de uma hora para outra, num abrir e fechar de olhos, como num toque de mágica, as ruas, praças e avenidas perderam a tradicional e gostosa tranquilidade e se transformaram em palcos sangrentos (muitas vezes fatais) de roubos, furtos, brigas, assassinatos. De violências mil, para ser mais exato — e verdadeiro. As provas e as consequências estão aí, estampadas nas notícias trágicas dos jornais e nos rostos amedrontados de todo o povo. Não há um dia sequer, sem o registro de um assalto, às vezes um estupro, outras um tiroteio, aqui e ali um assassinato. Nas praias, nos bairros mais afastados, no centro comercial da cidade e principalmente nos conjuntos habitacionais, é violência mais violência,

LUIZ M. FAUSTO

versus violência, vezes violência. Tanta e tão assídua que a população já começa a se acostumar e nem se espanta mais com o perigo constante, até mudando hábitos e criando um novo modo de vida para poder sobreviver aos tempos de agora.

Mas Natal era assim há seis, cinco, até quatro anos atrás? Não era. Até se falava que a cidade era uma das mais tranquilas de todo o Brasil, paraíso nordestino. Os repórteres policiais, coitados, sofriam o diabo para fechar suas páginas de jornais.

O que foi, então, que aconteceu? Como e por que a cidade se transformou tanto, o perigo passando a morar em cada esquina? E a Polícia, onde é que está a Polícia — que na teoria, ao menos na teoria, é a responsável pela segurança e bem-estar da coletividade?

“PROBLEMA COMPLEXO”, DIZ

O SECRETÁRIO — José Fernandes Delgado, o coronel-secretário de Segurança Pública no Rio Grande do Norte, é homem muito ocupado e de difícil acesso. Dificílimo, diga-se de passagem. Homem ocupado, há pouco tempo no cargo, o secretário falou pouco.

O pouco que disse o secretário: o problema da insegurança e da violência em Natal “é um problema complexo”. Mais: a população, segundo ele, não ajuda — como acontece no Rio de Janeiro, em São Paulo, e até na cidade de Campinas, onde mini-delegacias de rua são criadas graças às contribuições populares. “Só a Cidade Satélite apresentou um projeto deste nível, visando a sua segurança, num trabalho conjunto com a Polícia” — informou.

— E a violência natalense que aumenta a cada dia, coronel?

— A violência é um problema antigo, de milênios, que existe desde o começo dos tempos, e se eu fosse ex-



plicá-la aqui a você levaria muito tempo...

— E o combate à marginalidade aqui em Natal, o que a Polícia está fazendo para agir com maior rigor?

— O governador está interessado no problema. Estamos comprando equipamentos, vamos nomear novos delegados e agentes civis e até iremos criar uma delegacia especializada apenas em tóxicos, com psicólogos e psiquiatras à nossa disposição o tempo todo...

“TENHO MEDO DE SAIR”, DIZ A DONA-DE-CASA — Maria das Dores Neves, dona-de-casa lá na Cidade da Esperança, é mãe de quatro jovens estudantes que trabalham o dia inteiro e, portanto, são obrigados a assistir aulas à noite. Vai daí, dona Maria vive assustada. Lê nos jornais que a violência está por toda parte, que os assaltos são frequentes, que os assassinatos são comuns e por isso teme pela sorte dos seus. “Não consigo dormir enquanto todos os quatro não estão aqui em casa, comigo. O senhor sabe como é que é, mãe vive pensando nos seus filhos e rezando por eles...”

Morando num bairro muito grande e (muito) escuro, com fama (justificada) de violento, o temor de dona Maria triplica. E ela tem motivos de sobra. Segundo nos disse, há poucos dias a filha de uma vizinha sua, “gente muito boa”, foi assaltada quando voltava do colégio. “E ainda bateram na menina!”

Puxando pela memória, dona Maria ainda consegue se lembrar de tempos melhores, mais calmos. Tempos recentes, por sinal. Tempos de conversas compridas nas calçadas, os principais assuntos do dia-a-dia sendo noticiados e comentados à sombra da lua e das estrelas. “Agora, meu filho, não existe mais nada disso, não. O povo tem medo de sair às ruas, medo por sinal que eu também tenho, e todo mundo fica em casa mesmo, assistindo os programas de televisão”.

— A senhora passa o dia inteiro dentro de casa, não passeia, não vai ao centro, às praias?

— Ah, meu filho, eu tenho medo de sair... Acontecem tantas coisas hoje em dia, que a gente fica com medo, não é mesmo?

“MENOR FAZ MISÉRIA”, DIZ O DELEGADO — Karruzo Carlos da Fonseca, o delegado de Roubos e Furtos, tem uma explicação para tanta insegurança. Segundo ele, a culpa maior, quase total (“oitenta por cento”), é dos menores. “O menor faz miséria hoje em dia”, diz o delega-



Fernandes: problema complexo

do — que acusa a falta de estrutura para coibir a violência infantil e condena veementemente o atual Código de Menores, “caduco e falido”.

A maioria dos assaltos, inclusive a mão armada, são praticados por menores. Quem diz isso, com muita propriedade, também é o delegado Karruzo. E ele vai mais além: na sua opinião, “há menores delinquentes que são muito mais perigosos que os adultos marginais”.

O que fazer? “Deveríamos lutar para recuperar os menores. Mas não como é feito. É necessário tratar o menor com todo o carinho, dando-lhe alimentação, estudos, assistência religiosa, assistência médica, assistência psicológica, vestuário decente. Afinal, o nosso futuro, o futuro do país, está nas mãos deles, dos menores”.

Luiz Fabrício Alves de Oliveira, o delegado especializado em menores, concorda em parte com o seu colega Karruzo Carlos da Fonseca. No entanto, Luiz Fabrício não acha que o trabalho que está sendo feito para a recuperação dos menores delinquentes seja falho. E nem condena, tampouco, o Código de Menores. Segundo ele, grande parte da violência é realmente praticada por menores — “por causa do desajustamento familiar, com pais de família analfabetos deixando o interior e vindo para Natal sem condições, logicamente jogando seus filhos, mesmo sem querer, na marginalidade”.



Karruzo: Código superado

Mas o governador — “coloque isso aí, sim” — está interessado e voltado para o problema, diz o delegado de menores. E garante que o trabalho feito pela sua delegacia, em conjunto com a Febem, o Juizado e a Secretaria de Trabalho e Bem-Estar Social, vem dando bons resultados. “É um trabalho de base, nos bairros, com assistentes sociais, palestras, orientações, educação. O índice de marginalidade infantil até tem diminuído onde o trabalho é feito...”

A Delegacia de Menores possui hoje, agora, 30 agentes especializados. Mas o ideal, segundo o próprio Luiz Fabrício, seriam 50. Ou mais.

Menores de lado, há também os maiores. E eles não são brincadeira. Os exemplos dados pelo delegado de Roubos e Furtos, Karruzo Carlos, são de arrepiar. Segundo ele, há homens muito perigosos — “muitos presos e outros evadidos”. Ele diz também que o movimento na sua Delegacia sempre é grande, “às vezes até 47 homens são presos aqui dentro, todos juntos”, e que as condições de trabalho não são as desejadas. “Temos 15 homens e o ideal seriam 30. Temos duas viaturas e precisaríamos de três camburões e um Fusca, todos equipados com rádios. Dos 15 homens, 5 trabalham num dia — e necessitaríamos de 10”.

— E as providências para sanar essas deficiências, delegado?



O policiamento é pouco, deficiente, porque o número de soldados não é o ideal para um

— O secretário de Segurança Pública tem se mostrado muito interessado no problema e está nos atendendo na medida do possível.

— E como fazer para diminuir o índice de violência, delegado?

— É difícil, mas não impossível. Primeiro, precisaríamos atualizar o

Código de Menores, hoje caduco e falido. E depois, aumentar o nosso contingente de Polícia Civil, que deve atuar em conjunto com a Militar.

— E a recuperação dos marginais adultos, quando presos e levados para a Colônia Penal?

— Recuperar na Colônia Penal!?

O dia-a-dia da insegurança

MAIO — 1981

Dia 3 — Ao tentar defender um amigo que estava sendo assaltado, o vigia Geraldo Leandro da Silva era morto no Conjunto Potiguar, em Lagoa Nova, por um bandido que fazia parte de uma gang de assaltantes. Duda de Nicodemus, o perigoso assaltante que toda a cidade temia, era apontado como autor de mais um bárbaro assassinato.

Dia 6 — Em sua lanchonete, situada à rua Cel. Estevam, no bairro Dix-Sept Rosado, o comerciante e membro da Igreja Protestante Assembléia de Deus, era barbaramente assassinado com uma grande cutilada de faca-peixeira.

Dia 12 — Na rua Antônio Basí-

Pesquisa: Mussolini Fernandes

lio, nas Quintas, o motorista de táxi, Paulo Barbosa, era violentamente morto com três tiros no tórax.

JUNHO — 1981

Dia 26 — O fotógrafo Renato Leal Gonçalves de Queiroz, era assaltado em plena rua São Tomé na Cidade Alta por três bandidos armados de revólver que levaram 3.000 cruzeiros.

Dia 30 — Viciado em maconha, o menor Henrique Dias, conhecido como Pretinho, era assassinado com tiros de revólver ao lado do 1.º Distrito Policial na Cidade Alta.

JULHO — 1981

Dia 17 — O tarado Adelmo Fernando da Cunha, vulgo Peitó era preso acusado de violentar uma menor no bairro de Neópolis.

Dia 24 — O menor José Júnior da Silva era trucidado barbaramente com nove peixeiradas quando, saindo de sua casa à rua São Clemente, na Candelária, dirigia-se a uma mercearia para comprar o pão de seu jantar. Indícios de violência sexual podiam ser a causa da morte do Juninho. Após vários dias de sindicâncias com muita gente presa o crime permanecia envolto em mistério. Pedestras, toxicômanos e xangozeiros eram apontados como autores do bárbaro assassinato.



1ª cidade como Natal, depois dos conjuntos habitacionais

Ah, não! A Colônia Penal eu a chamo de ante-sala do inferno, escola de marginais. É impossível alguém se recuperar ali dentro...

“FALTA POLÍCIA”, DIZ O COMERCIANTE — Odirlei Félix Monteiro, pequeno comerciante do Centro

da Cidade, tem uma explicação simples e rápida para o que ele chama de “fenômeno da violência”. Segundo nos disse, “o problema é que falta Polícia para tanto marginal”.

“Se a Polícia tivesse um contingente maior, trabalhando com mais eficácia no Centro da Cidade e em ou-

tros locais onde os delinquentes costumam agir com frequência, não estaríamos vendo tanta violência assim” — é a opinião do comerciante.

Odirlei vai mais além e mostra o despreparo de alguns policiais, “que ao invés de oferecerem segurança à população estão fazendo exatamente o contrário. Temos aí vários exemplos de policiais que mataram, de policiais que comungam o crime”.

— E aqui no Centro, Odirlei, como anda a situação?

— Ah, meu amigo, a barra pesa muitas e muitas vezes. Os assaltos aqui no Centro são frequentes, principalmente os “lances”. E são os menores, realmente, os principais responsáveis. A molecada está solta, fazendo muito barulho, batendo carteiras a três por quatro e assustando os fregueses. Todo mundo só anda agora com as antenas ligadas.

“A CIDADE CRESCEU”, DIZ O COMANDANTE — O coronel Sosígenes Andrade de Araújo, que desde março do ano passado é o comandante da Polícia Militar no Rio Grande do Norte, diz que a cidade cresceu muito nesses últimos anos. E confessa, impotente, que a Polícia Militar não acompanhou este crescimento.

“Realmente”, diz ele, “a Polícia não acompanhou o crescimento da cidade. Natal tem 500 mil habitantes, 33 conjuntos habitacionais, alguns

Dia 28 — O assaltante Nilson Abath da Fonseca, mais conhecido como Totinha ou Lepa, acompanhado de dois delinquentes menores, assassinava na praia de Barreira D'água, o servente do SENAI, Raimundo Pereira de Melo, roubando de sua vítima seus óculos.

Dia 29 — Na Coréia do Nilo, bairro da Conceição, o policial Edmilson Vatares invade a residência do ex-combatente Amaro Faustino da Silva, assassinando-o com uma cutilada de faca-peixeira no coração.

AGOSTO — 1981

Dia 1.º — Polícia colabora com a violência. O policial Jaeci Cabral de Oliveira liquidava sua amante Rita de Cássia Pereira na Travessa das Donzelas, Ribeira, cabaré onde morava a prostituta da qual era gigolô.

Eluciado o crime da Candelária em que perdera a vida o menor Júnior da Silva. O excepcional Moisés de Sena confessava o mesmo, dizendo que “matara para beber sangue”.

Dia 4 — Na Cidade Nova, o comerciante Francisco Queiroz era crivado de balas e várias cutiladas de faca-peixeira pelo açougueiro Francisco Soares Ribeiro, vulgo Marinheiro. Vingança, o móvel do crime.

Dia 9 — O motorista do ITORN, Macedo Elias era assassinado na rua Antônio Basílio, com seis tiros de revólver, disparados pelo lanterneiro José Fernando Pedro. Uma escritura de compra e venda de um terreno, tinha sido o motivo da morte.

Dia 11 — Ao discutir por causa de uma televisão ligada, o funcionário aposentado da Rede Ferroviária Federal, Eudo Praça, era

assassinado com uma peixeirada pelo seu próprio filho Luís Praça, em sua residência no Conjunto Soledade I.

SETEMBRO — 1981

Dia 9 — Embriagado, o comerciante João Xavier de Souza, matava friamente, a empregada doméstica Francisca Barbosa da Silva, na Praia de Ponta Negra.

No mesmo dia, no Bairro Nordeste, Edson Barbosa da Silva era exterminado com tiros de revólver por dois ocupantes de um Fusca, crime atribuído ao famoso “Mão Branca”.

Dia 22 — Voltando de uma festa na Cidade Nova, a costureira Gilvanda Pereira do Nascimento foi alvejada e morta nas proximidades do Motel Araponga na Cidade da Esperança. Crime atribuído ao bananao conectado como “Dorme Sujo”, ex-amante da mesma.

maiores inclusive do que várias cidades do interior. Aqui a dosagem desejada seria um policial para 250 habitantes, em áreas perigosas (exemplos de Coqueiros e Japão), e um para 500 em outras áreas. Se tivéssemos 500 policiais nas ruas... Mas temos 250, número realmente pequeno”.

Providências, no entanto, estão sendo tomadas. “Agora mesmo recebemos 27 veículos novos e já temos, ao todo, 40 viaturas à nossa disposição. Perto do ideal. Além do mais, há um projeto para o aumento do contingente policial e o governador Lavoisier Maia Sobrinho já autorizou a contratação de mais 200 homens”.

O recrutamento de novos homens, porém, é tarefa árdua. “Poucos querem abraçar a profissão de policial, em virtude da qualidade do serviço (muito pesado) e do salário recebido (pouco mais que o salário-mínimo)”.

— Mas, comandante, o que é que provoca tanta violência, tanta marginalidade?

— Prá começar, o êxodo rural. Depois, a falta de empregos e a má formação da grande maioria. Há ainda o incentivo à luta armada entre patrões e empregados, pregando invasão de terras e saques — e temos aí, recente, o exemplo de São Miguel. Também a impunidade dos menores e os advogados de porta de xadrez, que soltam os adultos com a maior fa-



Sosígenes: é preciso mais policiais

cidade. O beneplácito da Lei Fleury também conta e é bom lembrar, a título de ilustração, o exemplo também recente daquele caso de Santo Antônio. Um delegado e um soldado foram assassinados barbaramente, pelo filho do vice-prefeito da cidade e a sua turma, e depois, graças a esta Lei, foram soltos. Estão soltos.

— Quer dizer então, comandante, que o nosso Código Penal anda carecendo de reparos?

— Nosso Código Penal é muito avançado para uma sociedade como a nossa, pouco evoluída.

— O que se faz para tentar diminuir a marginalidade, comandante?

— Tentar diminuir é possível, impossível é acabar com a marginalidade. Governo e sociedade deveriam trabalhar juntos para este objetivo. Deveríamos dar atenção redobrada aos menores, recuperando-os condignamente. Como se faz hoje com as

OUTUBRO — 1981

Dia 7 — A população mosso- roense estava revoltada com a morte do estudante Elziário Gurgel, crime atribuído ao próprio delegado de Polícia, Tenente Jorge Ferreira de Oliveira.

Dia 9 — Na Candelária o comerciante, proprietário da “Farmácia Toda Hora”, era baleado pelos ocupantes de um Corcel que estava parado na esquina. Tratava-se de uma vingança?

Dia 11 — O “peixeiro” Damião Borges, embriagado, em um dos bares da Ribeira, beijou a mulher de um outro freguês, sendo imediatamente morto pelo mesmo, com uma grande facada no tórax. O criminoso foi o soldado da Polícia Militar, reformado, Severino José da Costa.

O toxicômano “Barra Suja”, to-

talmente drogado, depois de roubar um revólver, dirige-se à residência de seu irmão, João Maria do Nascimento e após arrombar a porta, assassina o mesmo com vários tiros. João Maria estava dormindo. “Barra Suja” ainda deu gargalhadas de desprezo, chamando-o de “cão danado”.

Dia 20 — Maria das Graças Araújo, não suportando mais as torturas que lhe infligia seu amante, soldado do 16.º BIMtz, Natanael da Silva, esfaqueava o mesmo com uma grande cutilada na região abdominal. O fato ocorrera na rua Sampaio Correia, em Bom Pastor.

Dia 21 — Jande Medeiros de Melo Araújo, não suportando mais ser torturada pelo marido, o fuzileiro naval Eliel Araújo, que lhe havia exorcisado “para tirar o espírito de Satanás”, suicidava-se, ateando fogo ao corpo, embebedas

as vestes de álcool. As sessões de tortura e exorcismo eram constantes na casa da suicida, que conseguia seu intento depois de outras tentativas frustradas.

Dia 23 — O gari da Prefeitura, Gaspar Luís Messias, enciumado, matava sua companheira Maria Dalva de 19 anos, com duas facadas no coração e uma na boca, crime acontecido nas Quintas (Transmissores da Nordeste).

Dia 29 — Ivanaldo Gomes da Silva, após quatro dias internado no HWG, morria vítima de três tiros, disparados pelo seu padrasto Paulo Zebra, na vizinha cidade de Eduardo Gomes. Ambos funcionários do CATRE.

NOVEMBRO — 1981

Dia 6 — Nova onda de assaltos. Na Praça Pedro Velho o estudante Antônio Silva Leite, quando voltava das aulas do Atheneu, era rou-

crianças excepcionais, porque eu acredito, também, que os menores delinquentes sejam excepcionais. Deveríamos, ainda, seguir o exemplo de Rio de Janeiro e São Paulo, onde a comunidade doa pequenas mini-delegacias para serem armadas nas calçadas, com um policial dentro sempre à disposição. Enfim, em decorrência da pobreza do nosso Estado o Governo e a sociedade deveriam trabalhar juntos para um só objetivo.

— E o policiamento da cidade, comandante, como é e como deve ser?

— O nosso contingente é pequeno, repito, mas fazemos o possível, o que está ao nosso alcance. Deveríamos, porém, ter um policiamento ostensivo, sempre apoiado por carros com rádio em contato com o Copom, nossa central de comunicações. Isso não há.

Melhor: ainda não há, porque o Governo já está atento para o problema e tomando as providências necessárias.

“DIREITO À SEGURANÇA”, DIZ O ESTUDANTE — José Luiz Vieira, estudante de II Grau, quase universitário (no próximo ano tentará uma vaga para o Curso de Direito, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte), cobra os seus direitos. Os direitos de todos nós, por sinal. Segundo ele, “todos temos direito à segurança e a Polícia deve trabalhar para

nos dar tranquilidade. Afinal, pagamos impostos é para isso mesmo, não é?”

Sobre a violência infanto-juvenil, Zé Luiz tem uma opinião formada. Diz ele, “repetindo não sei quem”, que “um homem é feito na infância, aperfeiçoado na adolescência e cristalizado na idade madura”. E o que está acontecendo, no seu modo de entender, é que logo na infância e na adolescência as pessoas começam a conviver e a se acostumar com tanta violência — em casa, fora dela, através dos jornais, dos livros, das revistas, da televisão. “Em consequência”, diz ele, “temos o que temos. A marginalidade em todo canto”.

Conceitos de lado, há também os fatos. E eles, os fatos, não mentem nunca e jamais. “A própria Polícia”, acusa Zé Luiz, garotão de 21 anos, “contribui muito para o crescimento da violência. Basta lembrar os exemplos recentes, de policiais que mataram friamente, “no cumprimento do dever”. Agora mesmo um estudante foi assassinado dentro de um ônibus, por um auxiliar de Polícia, a tiros, bestamente”.

— E o que se pode e se deve fazer, Zé?

— A gente precisaria nascer de novo, começar tudo de novo, criar um outro mundo, com conceitos mais humanos. Mas é tão difícil, cara... □



Nas escolas, todos têm medo

bado em mil cruzeiros por assaltantes.

A Avenida Prudente de Moraes, o comerciante Jacinto Manoel de Oliveira perdia cinco mil cruzeiros e mais um cordão de ouro. Outros assaltos do dia: estudante José Felipe dos Santos (proximidades do Colégio da Conceição, na Deodoro); Maria do Socorro Monteiro, em Neópolis, por três assaltantes e o motorista Raimundo Sebastião, no Conjunto Panatis, que perdeu pequena quantidade em dinheiro, mas foi ferido por peixeira no rosto.

Dia 12 — Em Eduardo Gomes, o pintor de paredes, Leonardo da Silva, aproveitando a ausência da mãe da menor JBF, de 10 anos, violenta a mesma.

Dia 17 — Januário de Moura, vulgo Jabuti, mata com uma cutilada de punhal seu companheiro de farra, operário Carlos Alberto

Lucas. Crime acontecido no Bar do Galeto, na Cidade da Esperança.

Dia 28 — A telefonista da TELERN, Eliana Carlos de Araújo, 24 anos, ao regressar para sua residência no conjunto do antigo IPASE, Potilândia, era brutal e violentamente assassinada com 17 fucadas nas costas pelo seu ex-namorado, maconheiro e pederasta, Antônio Francisco Monteiro.

Dia 28 — Na Boite “Apple”, o estudante Ronaldo Pinheiro Né Júnior, sobrinho do Governador Lavoisier Maia, era assassinado com um tiro de revólver 38, pelo também estudante Sérgio Ubiratan de Freitas, sobrinho do psiquiatra Severino Lopes.

Dia 29 — O traficante de maconha Edilson Carneiro Martins, vulgo Galegal, saindo da Colônia Penal, assassinava com um tiro de revólver no pescoço o estudante José Ivanilson Alves Soares em

Lagoa Seca, num ponto ac encontro de viciados de maconha.

DEZEMBRO — 1981

O mês começava mal. Dia 1.º, o soldado da Polícia, Carlos Azevedo assassinava covardemente com um tiro na cabeça, seu próprio pai, Valdomiro Azevedo da Silva, sargento da PM e sub-delegado de Felipe Camarão, que se encontrava dormindo. Atribuía-se o crime a uma vingança pelas torturas que o morto infligia à sua mãe. No Bairro Nordeste, o barbeiro José de Lima, 66 anos, exterminava seu filho, o padeiro desempregado, José Carlos Xavier das Chagas.

Dia 5 — Audacioso roubo verificava-se na Agência do BANESPA, no Centro Biomédico, quando quatro bandidos armados de revólver desarmaram o vigilante da Emserv, rendiam o gerente Aurino Alves dos Santos e fugiam

Colônia: o último estágio e o começo de mais violência

A multiplicação da violência, o medo do medo, o último estágio de degradação humana. É este o quadro comum na Penitenciária "João Chaves", onde os responsáveis pela violência e pelo medo em Natal vão parar com a suposta finalidade de recuperar-se. Recuperar-se? Ninguém lá dentro acredita nessa palavra nem como teoria. Principalmente o seu diretor, major Marcílio Pinto que não é o que se costuma chamar de especialista em ciência penitenciária. Aliás, de filosofia penitenciária praticamente não há ninguém com um grau sequer aproximado de familiarização lá na Colônia, com suas celas mal cheirosas, sua superpopulação carcerária, suas brigas de grupos rivais, seus assassinatos que se tornam rotina, a promiscuidade que levam presos a disputarem a posse de sentenciados novatos como se fossem o ouro de Serra Pelada, numa tamanha fúria que mesmo os criminosos que lá vão parar as vezes não suportam e preferem matar-se — quando não

matam mais uma vez, enredando mais no crime e complicando-se mais ao contrário da projetada "recuperação" visada pela sociedade que o puniu.

FALENCIA CARCERÁRIA — Os advogados criminalistas do Estado vêm com profunda tristeza a situação do sistema carcerário do Rio Grande do Norte. A opinião geral é a de que ele se encontra perto dos sistemas medievais. A própria direção da Colônia "João Chaves" tem dado inúmeros brados de alerta sobre o que se passa em seu interior. Isso já é prova do inusitado da sua situação. No geral, as direções dos presídios procuram fazer crer a opinião pública de que tudo vai bem, até mesmo por uma questão natural de autodefesa ou autopromoção. No caso da Colônia Penal "João Chaves" é diferente. As guerras entre, pelo menos, três poderosos grupos de detentos pelo controle do tráfico da maconha e do prestígio entre os demais sentenciados é



A Colônia Penal "João Chaves" é o purgatório

com uma caixa de papelão na qual estavam um milhão e quatrocentos mil cruzeiros destinados ao pagamento do funcionalismo da UFRN. No dia seguinte a Polícia já prendia dois dos assaltantes: João Tomé da Silva e Jalmar Lula de Medeiros, este último universitário do Curso de Geografia, e também apreendida grande parte do dinheiro roubado.

Dia 7 — Na Redinha, o homossexual conhecido por Leide Zu era assassinado pelo pescador Marcos Antônio de Oliveira. Duas cutiladas de punhal no coração.

Dia 15 — João Eduardo Biten-court, morria com um tiro de revólver no ouvido na rua Boa Vista em Santos Reis. Suicídio ou assassinato? A lavadeira Creusa Ribeiro da Silva era presa como suspeita do crime.

Dia 18 — O carreteiro Sandoval Dutra de Almeida, por causa de

uns óculos escuros, assassinava com um tiro na face, na rua Cel. José Bernardo, o amolador de tesouras Hermiro Alves Barbosa, vulgo Magrão.

JANEIRO — 1982

Sexta-feira, dia 1:º e também primeiro homicídio do ano. O pescador Sérgio da Silva Melo era assassinado com um tiro nas costas em um bar na rua Belo Monte, nas Rocas. A Polícia desconhecia ainda o autor do crime.

Dia 8 — O menor de 15 anos, José Alberto Morais da Silva, era liquidado com um tiro de revólver, na rua Mirassol, em Felipe Camarão, disparo feito pelo cozinheiro Luiz Gonzaga da Rocha.

O comerciante Gentil de Almeida era assaltado e esfaqueado por quatro marginais nas proximidades da CEASA. Acreditava-se em vingança, pois a vítima fora autora

de um outro assassinato há vários anos.

Dia 15 — O pedreiro Jurandir Vieira de Melo era morto com pauladas na cabeça, na rua Baraúnas, nas Quintas, pauladas dadas pelos irmãos Rivaldo e Reginaldo Santana.

Dia 17 — O assaltante Auzier, considerado como um dos mais perigosos, era morto ao trocar tiros com a Polícia.

Dia 25 — O ensacador Francisco Martins de Araújo era morto com três facadas pelo seu vizinho, motorista José Evangelista da Silva. O crime fora na Travessa Aluizio Bezerra, em Lagoa Nova.

Dia 26 — Três bandidos armados de revólver, assaltavam a Agência do Bandern no Alecrim, roubando 230 mil cruzeiros. Na perseguição aos delinquentes a Polícia conseguia ferir e prender um dos marginais.



de todos os males, onde a recuperação é impossível

tão violenta que escapa ao controle da direção do presídio. E esta, num gesto de desamparo, recorre à imprensa, denunciando as condições de extrema insegurança, não hesitando em fazer a confissão diante de gravadores ou entrevistas ao vivo nas emissoras de rádio. Num dos últimos assassinatos ocorridos lá, o diretor do presídio não se conteve e disse, através de uma emissora de rádio, que novos crimes seriam praticados na guerra entre os grupos e que ninguém poderia fazer nada para evitar. É uma situação constrangedora e, ao mesmo tempo, macabra: homens em fúria, segregados já por crimes cometidos e criando, sob a proteção da Justiça e da sociedade, outro mundo de crimes restrito, talvez pior ainda. A única diferença é que esse mundo de crime intra-muros não afeta sempre a segurança da sociedade no seu todo. Não afeta sempre, mas eventualmente é uma ameaça.

O RETRATO DO INFERNO — Retrato fiel e sem exagero da realidade da Colônia é traçado pelo repórter policial Ubiratan Camilo, da Rádio Cabugi e do jornal "Tribunal do Norte". Com a sua experiência profissional de vários anos lidando diariamente com os dramas nas Delegacias e em seus xadrezes, ele frequentemente também transpõe os muros da Penitenciária para cobrir os crimes que

Dia 30 — O marginal conhecido como Canindé do Morro é encontrado morto nas antigas dependências da Capitania dos Portos na Avenida Junqueira Aires, com várias peixeiradas. Atribuía-se o crime à eterna guerra do submundo da maconha.

José Targino dos Santos era assassinado na rua Creso Bezerra nas Quintas. Dois desconhecidos eram apontados como autores dos disparos que liquidaram José, que era pedreiro e na ocasião estava completamente embriagado.

FEVEREIRO — 1982

Dia 7 — As professoras cariocas Maria Margarida Costa e Isadora Coutinho Guerra, em viagem de turismo, eram assaltadas na Praia do Forte. Levaram das mesmas, seis mil e cem cruzeiros.

Dia 9 — O vigia Severino Paulino de Medeiros ao tentar reagir a

um assalto de três marginais era barbaramente assassinado com um tiro de revólver, na face, na rua D. José Tomás, no Tirol.

Ocupantes de uma Brasília verde baleavam, na Cel. Estevam, o ajudante de pedreiro Manoel Luciano Gomes da Silva, ao mesmo tempo que sequestravam seu amigo, ajudante de pedreiro Gilberto Francisco da Costa. Os sequestradores apresentaram-se como agentes da Polícia Civil.

Dia 19 — O soldado da Polícia Militar, Adailton Lima da Silva, era liquidado com um tiro de rifle disparado pelo assaltante Juarez Lucas de Souza, vulgo Régio, dentro da residência do funcionário estadual, Carlos Alberto Galvão de Campos, em Ponta Negra.

Dia 21 — A sra. Amélia Henrique da Cruz, residente na rua Todos os Santos, no bairro de Felipe Camarão, era assaltada por dois

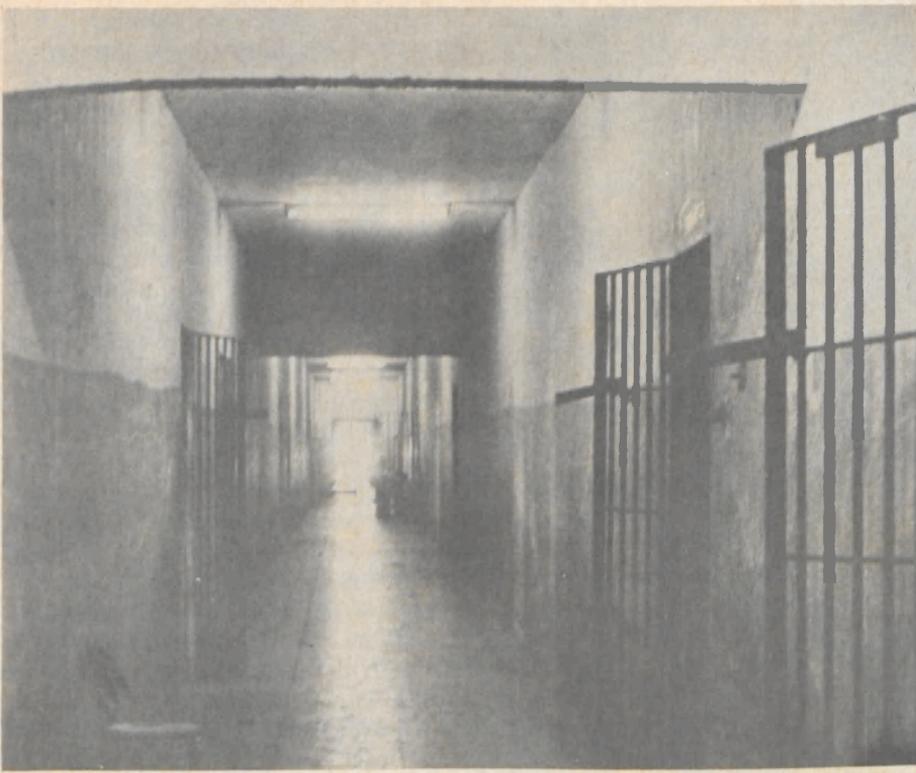
marginais, que tomaram quinhentos cruzeiros e um relógio que "estava pagando à prestação".

Dia 27 — Delinquentes mirins infestavam a orla marítima. A Secretária Maria dos Santos Dias quando se dirigia para seu trabalho era assaltada por dois garotos que a derrubaram roubando todos seus objetos e documentos.

O capoeirista Roberto Carlos Farias, conhecido como John Travolta, era encontrado morto com quatro tiros, em Pirangi, atribuindo-se o crime a fumadores de maconha, vez que nos últimos tempos Travolta andava com "puxadores da erva".

MARÇO — 1982

Dia 2 — A orla marítima continuava sendo palco de assaltos. Armados de facas e revólveres, dois marginais atacavam a turista e advogada Valdevina Câmara Suas-



Celas sem condições

ali ocorrem. Com tantas idas àquele mundo de homens furiosos e segregados, ele formou uma visão básica do que acontece no geral, pois, como repórter ágil e que consegue inspirar a confiança dos entrevistados — um pouco também pelos seus modos extrovertidos — extraiu muitos relatos

pormenorizados e histórias nada edificantes das ocorrências intramuros.

E, no seu linguajar franco, ele diz o que pensa da Colônia Penal “João Chaves”, resumindo tudo o que já viu de lá:

— Para começar, há um índice muito grande de homossexualismo.

Lá só existe um quarto para que os detentos mantenham relações sexuais com as suas mulheres. São poucos os detentos que têm condições de frequentá-lo. Em consequência, os presos mais fortes passam a seviçar os mais fracos, a quem querem transformar em seus “cativos”. Isso é causa de muitos crimes no interior da Colônia.

REPRESSÃO NAS VISITAS — Os detentos também se sentem insatisfeitos e melindrados com a falta de respeito com que são tratados — talvez consequência da falta de especialistas em Ciência Penitenciária na assessoria do presídio. Um exemplo dado por Ubiratan:

— Eles reclamam muito porque, nos dias de visitas, a mulher encarregada da visita, de luvas e todo o aparato, submete todos os elementos femininos das famílias dos detentos a exames, com revistas rigorosas. Até as partes íntimas são observadas, o que é um trauma para muitas pessoas.

E também, no aspecto violência, ele conta:

— Os presos são torturados pelos soldados da Polícia Militar. O diretor do presídio não apoia esse procedimento. Mas os soldados insistem em aplicar castigos nos presos. Vários militares que prestam serviços ali já foram punidos.

suna levando todos seus pertences e 115 mil cruzeiros. Aconteceu na Praia do Forte.

Dia 5 — O comerciante Juarez Pinheiro da Silva ao sair de sua residência onde, com amigos, realizava trabalhos espíritas, era morto com um tiro na testa, que atravessou sua cabeça, indo alojar-se na parede do terraço. A Polícia estava à procura de Carlos Alberto, vulgo Carlão, amante da mulher de Juarez, Zilda Viência da Silva, que era proprietária do Motel Jóia na Ribeira e que tinha dado um carro e um apartamento ao “jovem amante”.

Dia 9 — Mais um assalto misterioso tirava a vida de um natalense. O caixa do Nordeste, Lourival Alves de Melo, ao sair do trabalho na Av. Bernardo Vieira, no bairro de Dix-Sept Rosado, era abatido com tiros nas costas, disparado por um dos ocupantes de um Fiat

branco, que estava à sua espera.

Dia 11 — Ao sair da Casa da Maçã na Avenida Deodoro, às 20 horas, o economista Agenor Fonseca Filho, pernambucano que aqui estava a serviço de sua firma, era atacado por quatro marginais armados de peixeira e revólveres que o obrigaram a entrar na mala de seu Corcel e o levaram até o Morro de Mãe Luíza, despojando-o de todos os seus pertences e abandonando o carro roubado.

Dia 12 — O PM Carlos Antônio de Farias matava com um tiro no coração, em frente ao posto policial de Ponta Negra, a menor Rosa Maria Vital dos Santos, conhecida como Rosemary. O acusado alegava ter sido casual o tiro que matava a jovem.

Dia 13 — Outro crime misterioso em Igapó. O operador de filmes Rilmir Barbosa da Silva era atacado por quatro marginais que o es-

pancaram até deixá-lo inconsciente. Rilmir veio a falecer.

Dia 16 — Novamente em Igapó, o operário Manoel de Tal matava com um tiro de revólver o pai-deiro Manoel Messias de Lima. Ambos residiam na “Vila Brasil”, naquele bairro.

Dia 19 — Em plena Secretaria da Saúde, na rua Junqueira Aires, às 7:30 horas da manhã, Antônio Juvenite de Medeiros tentava matar a mulher Francisca Batista de Medeiros, desferindo-lhe quatro peixeiradas.

Dia 21 — Bandidos dominavam a cidade. A Polícia estava no encalço de uma quadrilha especializada em roubos de carros para praticarem assaltos. Naqueles últimos dias nada menos de dez queixas de assaltos eram feitas à Delegacia Especializada.

Dia 25 — Em frente à Discoteca Santos Reis, em Eduardo Go-



Nas torres, a vigilância nem sempre é suficiente para evitar fugas

A SUPERPOPULAÇÃO — Para Ubiratan Camilo, o fato “revoltante é a superpotência carcerária, pois existem celas com mais de 20 detentos e a Colônia foi construída para apenas 120. No momento, a sua população carcerária está em mais de 300 apenados”.

Os detentos vivem diante de outros dilemas, como o da falta de assistência de todo tipo. Até mesmo a jurídica.

— Atualmente — depõe Ubiratan — não existe assessor jurídico na

Colônia Penal. A assessora Lindalva Medeiros, que era a assessora, fez um concurso e foi nomeado Juíza de Portalegre. Também quanto a assistência médica, os presos estão mal servidos. A enfermaria encontra-se em péssima situação, como também a enfermaria tisiológica. As celas destinadas aos tuberculosos têm estado lamentável. Os alienados mentais que ficam atrás do prédio da Colônia jogam fezes em quem passa nas proximidades. E mais: vivem despídos.

E não é só isso. Diz mais Ubira-

tan:

— Muita maconha entra diariamente nas dependências da Colônia. E bebida alcoólica: aguardente, que é colocada pelos próprios soldados. Muitos já foram expulsos, flagrados na prática de tais irregularidades.

Não é de admirar que a Colônia Penal “João Chaves” transforme em criminosos mais perigosos os que lá são segregados para que se recuperem. □

mes, o menor Luciano Bento da Costa era barbaramente assassinado com nove facadas pelo padeiro e viciado em tóxicos, Jorge Rodrigues da Costa.

Dia 30 — Com um tiro de bereta o feirante Valdomiro Costa de Souza matava na rua Nova, Quintas, o pintor de paredes Carlos Carvalho da Costa. Discussão em torno de dois galões de tinta, o móvel do crime.

Dia 31 — O empregado da Brahma, Ednor Meira da Cruz, tentava matar sua mulher Jódea Maria da Cruz, digitadora da Datanorte, com um tiro na região cervical, nas proximidades do Hospital da Polícia Militar, no Tirol. Casamento fracassado, ciúmes, tentativas de reaproximação, motivos do crime. Segundo os primeiros exames médicos, Jódea ia ficar parálitica.

ABRIL — 1982

Dia 7 — Cícero Faustino Torres e seu comparsa o menor JINS eram presos após arrombarem o Salão Paroquial da Igreja de São João em Lagoa Seca.

Dia 20 — Nas proximidades da Gaiola do Louro, na rua Presidente José Bento, o pasteleiro Manoel Florêncio da Silva matava a tiros o mecânico José Francisco de Lima e feriu o soldado da PM, Gilberto Bento de Albuquerque.

Dia 27 — O corretor de imóveis, Francisco Cavalcanti Filho, era assassinado com um tiro de revólver em pleno Mercado do Alecrim, por seu companheiro de farrã Antônio Rafael, funcionário da Cida.

MAIO — 1982

Dia 7 — A ex-professora primária do município de Rafael Godeiro, Francisca Marques de Medeiros era assassinada na porta de sua residência, à rua Professor Jo-

nas, em Lagoa Nova, com três tiros à queima-roupa, disparados pelo seu primo, Tomaz Cortez de Medeiros, também conhecido como Verdinho. Tratava-se de um crime de vingança.

Dia 11 — A empregada doméstica Ana Maria Correia dos Santos, conhecida como Anita, era assassinada com vinte peixeiradas desferidas pelo pescador Olavo Malaquias da Costa, de quem estava separada.

Poió e Rogério, dois conhecidos marginais, assassinavam o pintor de paredes, Francisco Torres de Medeiros, ao sair da Discoteca Itangaré, situada à rua dos Potiguares, no bairro de Felipe Camarão. Quatro punhaladas matavam o pintor que não quis entregar seu dinheiro aos marginais.

Dia 15 — O vendedor de peixe João Caetano da Silva era liquidado na Cidade da Esperança pelo

Violência persegue também casais e assusta mulheres

Uma modalidade de violência até então desconhecida — ou pelo menos não conhecida de modo a ter figuração significativa nas estatísticas — em Natal surge com o ímpeto semelhante ao das grandes cidades: contra as mulheres. Hoje, as mulheres não podem mais andar tranquilamente em Natal nem durante o dia em áreas como a Praça Cívica ou pelas ruas tranquilas do Tirol. Quadrilhas de delinquentes juvenis escolhem justamente esses locais para o ataque a mulheres desacompanhadas e até mesmo quando se encontram com o namorado ou marido.

Porém o pior é o crescimento dos crimes de estupro, geralmente, segundo os policiais, uma modalidade de delito muito característica das cidades grandes. Nos locais ermos que dão acesso aos conjuntos como o Candelária, na orla marítima ou na inacabada Via Costeira os crimes sexuais, praticados com requinte, têm se repetido com uma normalidade que sugere a absorção de uma nova praga dos centros maiores.

SEMPRE DELINQUENTES — Policiais e repórteres policiais notam que também quando a estes crimes uma boa parte é praticada por delinquentes juvenis. Talvez porque, como explica um policial, sejam os delinquentes juvenis os que costumam agir mais em quadrilhas e bandos, enquanto os ladrões mais experimentados atuam solitariamente. Os policiais acham também que os crimes sexuais geralmente são estimulados pelo consumo da maconha. Aliás, na opinião de quase todos os policiais, a maconha sempre está presente nos assaltos violentos. A explicação:

— Antigamente era a cachaça. Para tirar a inibição, para afastar o medo. Agora, com a moda da maconha que o pessoal da classe média botou, é a maconha mesmo. Eles acham que dá coragem. Mas tudo não passa é de instinto ruim mesmo, de raiva contra a sociedade, de miséria, de desejo de vingança.

PARA DESMORALIZAR — O mais sintomático desse desejo de vin-

gança e para “desmoralizar”, frequentemente mencionado pelos policiais, é que têm sido atacados mais casais do que mulheres desacompanhadas. E os assaltantes se deleitam em violentar as mulheres exigindo que o seu companheiro participe, olhando.

Raro é o dia em que a Polícia não registra uma queixa desse tipo. Geralmente são três, quatro, bandidos, atacando os casais e violentando as mulheres. Num dos últimos ataques desse tipo na Via Costeira o grupo se deu ao requinte de mandar parar um casal que passava, de madrugada, numa moto. Inocentemente, o rapaz parou e foi atacado com a sua companheira, sendo forçado a assistir ao seu estupro e ainda foi deixado sentado sobre cardeiros.

Há casos dramáticos como o de um par de noivos atacados em Ponta Negra. O ritual foi o mesmo, sendo que os atacantes foram cinco. No caso, o rapaz, ao prestar queixa com a noiva, teve uma atitude digna, dizendo que aquilo em nada afetaria o seu plano de realizar o casamento dentro de poucos dias, pois ela não tivera culpa de nada. Mas nem sempre há atitudes como essa. O mais comum é o companheiro da mulher ficar revoltado e desabafar sobre ela, sentindo-se ultrajado, quando o ultraje maior é da mulher, que se sente revoltada e humilhada.

comerciante Manoel Galdino Sobrinho. O assassinado invadira a residência do matador.

Dia 18 — O bombeiro hidráulico Clidenor Lopes de Lima era encontrado morto na Favela do Japão, com três perfurações de faca-peixeira. Era desconhecido o autor ou autores do crime.

Dia 20 — O ex-auxiliar da Polícia Civil, Francisco da Silva, vulgo Memeu, matava com três tiros à queima-roupa, seu inimigo Raimundo Ribeiro Machado, conhecido como Raimundo de Madame, crime acontecido no Bar e Restaurante Maia na rua Presidente Bandeira.

Dia 22 — Vingando-se de uma tentativa de assassinato, quando fora alvejado ao tentar roubar o depósito da Casa Júnior, perigoso arrombador Carlos Alberto da Silva, conhecido como “Beto dos Coqueiros”, assassinava com 15 pei-

xeiradas o vigilante José Salustiano de Oliveira em seu próprio local de trabalho na Avenida Bernardo Vieira.

Dia 25 — O comerciante Manoel Pacheco Sobrinho, procurando evitar que seu filho Lenine de Souza Pacheco fosse preso dentro de sua residência, acabou assassinando com vários tiros de revólver os soldados da PM, Francisco Edgar França Martins e João Batista de Souza. Local do crime: rua Presidente Sarmento, no Alecrim.

JUNHO — 1982

Dia 8 — O soldador Gerônimo Lúcio Freire era assassinado pelo seu próprio irmão Pedro Lúcio Freire, pintor de paredes, aposentado do INPS por distúrbios mentais, crime acontecido na sede do Clube Bangu, em Brasília Teimosa.

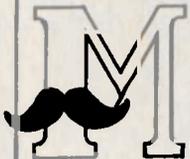
Dia 13 — O marceneiro José Edilson Fernandes, após ser esmurrado pelo garçon Antônio Saraiva, estando completamente embriagado caiu, batendo com a cabeça no solo e vomitando sangue, vinha a falecer. Tudo isto acontecia no Bar da Nova Estação Rodoviária.

O auxiliar de contabilidade Manoel Estevam Câmara, apaixonou-se por Luciete Jales Dantas, casada com o fotógrafo Francisco de Assis, com quem estava separada. Foi a sua perdição. O marido traiu e assassinou-o com doze cuteladas de faca-peixeira. O crime acontecia em um ônibus que viajava para Natal.

Dia 28 — Os marginais conhecidos como Negrinho e Fia, assassinavam com peixeiradas, em Mãe Lúzia, de maneira bárbara, o pi-poqueiro Albertino Nicácio Nunes.

COMÉRCIO & SERVIÇO

MUSTACHE
Cabeleireiros
Cortes • Massagens
Alisamento • Limpeza de
Pele • Trat. Anti-Caspa
Manicure • Engraxate



MUSTACHE
CABELEIREIROS

Galeria do Edf. Barão do Rio Branco,
Loja 4 • Fone: 222-6571 • Natal-RN.

TURISMO
AEROTUR TURISMO
AEROTUR
Natal-RN

Viagens personalizadas, nacionais
e internacionais
Agência especializada em serviços
internacionais
• Carga aérea internacional
• Filiada à EMBRATUR e I.A.T.A.

Rua Apodi, 563 - Tels.: 222-6128/3588/2974

**ASSISTENCIA
TÉCNICA**

IBM
OLIVETTE
PROLOGICA
MAOVETTI



Rua General Osório, 222 — Tel.: 222-5343
Natal-RN



Instaladora e Refrigeração Ltda.

Rua Frei Miguetinho, 90 - Natal-RN

ASSISTENCIA TECNICA CONSUL-BRASTEMP. Tels.: (084) 222-3825/8383

**MOLAS ZITO COM.
LTDA.**



ESPECIALIZAÇÃO EM
Reforço para Caminhões

Av. Prudente de Moraes, 1471 Tel.: 223-1565
NATAL-RN.

**LAVE O CARRO
EM 8 MINUTOS**



POSTO 1003

Av. Bernardo Vieira, 1455 — Tel.: 231-2562

- Esquadrias de alumínio;
- Box para banheiro em alumínio fosco ou brilhante;
- Assistência técnica permanente.



R. Alexandrino de Alencar, 660 — Tel.: 223-3404
Av. Hermes da Fonseca, 614 — Tel.: 222-7470



**IRRIGAÇÃO COM
QUEM ENTENDE**

E quem entende do assunto, em todo o Estado, é mesmo a Agromáquinas, que dispõe de uma equipe técnica capacitada para elaborar projetos de irrigação industrial e comercial com total garantia. A Agromáquinas comercializa também produtos veterinários e material agrícola em geral.

AGROMÁQUINAS

Rua Presidente Bandeira, 853 - Alecrim
Tel. 223-1028 Telex 0842364 - 223-1340

O NORDESTE PRECISA PROGREDIR

**AUTO
LOCADORA**

D U D U

Alugue um carro novo
com ou sem motorista

- Av. Rio Branco - 420 - Centro
 - Box Aeroporto Internacional Augusto Severo
- Fones: 222-4144/222-0501
223-1106/272-2446 - Natal-RN

Datas fatais dos partidos até chegar o dia da eleição

O Direito, advertem os advogados, vive de prazos, — quer eles sejam cumpridos ou não, terão grande importância para a sentença final, condenatória, ou de absolvição. E a política, que muitas vezes funciona como um severo Tribunal, também não escapa aos rigorosos, impreteríveis prazos da Justiça Eleitoral. A resolução número 11.321, de 17 de junho último, do Tribunal Superior Eleitoral, fixou o calendário para as eleições de 82 com uma precisão tão detalhista, que cita até os horários em que, por exemplo, um partido político poderá requerer a inscrição de seus candidatos ao Governo, Senado, Câmara Federal, Câmaras Municipais, Assembleia Legislativa e Prefeituras do interior. Essa data foi o último dia 17 de agosto, quando então contava-se 90 dias antes das eleições. O prazo máximo estipulado era até às 18 horas daquele dia.

A resolução do TSE, entretanto, começou a contagem regressiva bem antes, desde o último dia 6 de agosto, 101 dias antes do pleito de 15 de novembro. Naquele dia, nada menos de três prazos foram encerrados: o período de alistamento, para a transferência de títulos e para que o eleitor que mudou de residência na área do município pudesse notificar a alteração.

TIRANDO O SONO — Dia 7 de agosto, um sábado, 100 dias antes da eleição, expirava a chance para que os partidos realizassem convenções regionais e municipais para a escolha de candidatos aos diversos níveis, seja do Legislativo ou Executivo. As exigências da lei, logo a seguir, entraram em um brevíssimo recesso, mas pouco depois, voltam a prescrever normas e, dessa vez, a abrir prazos, ao invés de encerrá-los: desde o dia 15, ou seja, três meses antes da consulta às urnas, que os candidatos terão o direito de dispor da instalação de telefones nas sedes dos Diretórios, independentemente de critérios de prioridade, se confrontados com outros assinantes, desde que paguem as taxas devidas, claro.

O dia 15, que caiu num domingo, marcou também o início da permissão para o funcionamento dos carros de som, das 14 às 22 horas, uma atividade de propaganda que certamente está tirando o sono de muito eleitor, que, já cansado de todo um estafante dia de trabalho, tem de conformar-se a ter insônia, enquanto um pretendente a mandato insiste em que terá solução para os seus problemas. Paciência.

Mas já no dia 17, uma terça-feira, 90 dias antes do pleito, vinha a célebre disposição do encerramento de prazo para o registro das chapas partidárias, desde vereador até Governador e ao Senado. Na mesma data, o Governo perdeu a chance de fazer nomeações, contratações, designações ou readaptações de funcionários. O objetivo da legislação é claro: impedir que tais procedimentos viessem a permitir à máquina oficial a proceder favoritismos ou, em atitude inversa, punições ou intimidações, visando arrancar o voto do servidor público. A partir de então, os cartórios eleitorais e a Secretaria do Tribunal Regional Eleitoral já estão funcionando aos sábados, domingos e feriados, com pessoal de plantão.

ÚLTIMO ELEITOR — Encerrado o aziago mês de agosto, que, por sorte, não trouxe no criterioso calendário eleitoral nenhuma exigência caindo numa fatídica sexta-feira, 13, prossegue a marcha rumo a novembro. As atenções voltam-se agora para o recém-iniciado mês de setembro, quando, dia 6, uma segunda-feira, 70 dias antes das eleições, todos os pedidos de registro de candidatos a prefeito, vice e vereador, inclusive os impugnados, já deverão estar julgados pelo juiz eleitoral e publicadas as respectivas sentenças, o mesmo dizendo-se quanto aos candidatos a governador, vice, senador, deputados federais e estaduais, só que, no caso, com julgamento a cargo do Tribunal Regional Eleitoral.

Também dia 6 de setembro, encerra-se o prazo para publicação no Diário Oficial dos nomes das pessoas indicadas para compor as Juntas



Eleitor: atenção principal

Eleitorais, escoando-se também o período para a entrega dos títulos de quem requereu inscrição ou transferência. Dia 7 de setembro. Tão cívica data marca os exatos 69 dias antes da grande corrida às urnas, e a lei diz que será nesse dia, às 14 horas, que, em audiência pública, será encerrada a inscrição de eleitores e proclamado o total de inscritos até às 18 horas do dia anterior. Da mesma forma, será alardeado em edital o nome do último eleitor registrado, acabando-se aí também a possibilidade de transferência de títulos.

Dia 11 de setembro, sábado, 65 dias antes de, afinal, o povo começar a votar: encerra-se o prazo para publicação de edital de convocação de audiência pública para nomeação de mesários. Virá então o dia 14, e a contagem regressiva estará marcando os 62 dias que antecedem às eleições gerais. Diz a lei: "Data a partir da qual as estações de rádio e televisão farão propaganda eleitoral gratuita".

Afinal, 60 dias antes da eleição, ou seja, dia 16 de setembro, uma quinta-feira, serão nomeados os membros das Juntas Eleitorais, encerradas as requisições de segunda-via do título eleitoral fora da zona de residência e data de nomeação, pelo juiz eleitoral, dos membros das mesas receptoras. Além disso, serão fixados os locais para votação, assegurando-se, na



mesma data, prioridade aos partidos para remessa postal da propaganda de seus candidatos.

15 MINUTOS — Um sábado, o dia 18 de setembro, estará marcando os 58 últimos dias antes da disputa final, e então os partidos terão encerrada a oportunidade para reclamar da nomeação dos membros da Mesa Receptora. Já na terça-feira, 21, nada menos de 55 dias antes do embate decisivo, é a vez dos membros da Mesa Receptora declinarem da convocação, caso não queiram colaborar de forma tão direta com a revitalização democrática.

Seguindo adiante, está anotado que o dia 26, nada menos que um reconfortante domingo, 50 dias antes da formação de filas ante as cabines indevassáveis, que encerra-se a possibilidade para que os responsáveis por todas as repartições, órgãos e unidades do serviço público oficiem ao juiz eleitoral, informando o número, espécie e lotação dos veículos e, até, embarcações, que poderão colocar ao dispor da lei, para o literal bom andamento da votação.

A segunda-feira seguinte é o prazo irrecorrível para que todos os registros de candidatos às eleições municipais já estejam com seus projetos políticos devidamente sacramentados pelo Tribunal Regional Eleitoral. A

determinação é válida para os que haviam impetrado recursos à Corte.

O mês de setembro prosseguirá sem novidades, até que o dia 1.º de outubro fixa o reinício da febricitante atividade na Justiça Eleitoral. A data será numa sexta-feira, 45 dias antes da eleição. Aí, encerra-se o prazo para que eleitores brasilienses, lá em

sua distante realidade sócio-política, possam solicitar sua folha individual de votação, terminando também o tempo para devolução da folha individual de votação à zona eleitoral de origem. Ainda nesse dia, as emissoras de rádio e TV terão a impositiva obrigação de divulgar, gratuitamente, comunicados da Justiça Eleitoral, desde que ocupem o tempo máximo de 15 minutos e sejam irradiados entre às 18 e 22 horas.

CORAÇÕES PULSANDO — Quarenta dias antes da votação. Dia 6 de outubro, quarta-feira. Acaba a chance dos Diretórios Regionais dos partidos de indicarem representantes à Comissão Especial de Transporte e Alimentação. Já no dia 16 de outubro, um sábado, com a campanha política atingido níveis altíssimos de tensão e disputa entre todos os candidatos, especialmente porque faltarão apenas 30 dias para o choque decisivo nas urnas, os juizes eleitorais deverão comunicar ao Tribunal Regional Eleitoral os nomes de importantes personagens para o último ato: serão apontados os escrutinadores, os encarregados de fazer a contagem de votos.

Ainda no dia 16, encerra-se a entrega de títulos decorrentes de pedidos de inscrição ou transferência. Os juizes eleitorais deverão comunicar ao Tribunal o total de eleitores alistados. □

Você comprou
forropacote, divisória divilux,
- piso paviflex, esquadria de
aluminio, box p/banheiro e
não consultou a Única Metal,
você PERDEU DINHEIRO.

Única Metal
fones: 222-0200 - 222-7957
Org. FERNANDO BEZERRIL

Corações pulsando mais forte, altofalantes troando como trovões, os candidatos, a partir dessa data, poderão atirar-se à luta com maior afinco. É que, desse dia em diante, e até à eleição, nenhum deles poderá ser preso, a não ser em caso de flagrante delito, é óbvio. Por outro lado, entretanto, a corda estica ainda mais, já que nenhum deles poderá divulgar, por qualquer forma, resultados de prévias eleitorais.

Acrescente-se que aí encerra-se também o período para o TRE designar os integrantes do Comitê Interpartidário de Inspeção, quando os partidos não os tiverem indicado, acabando-se também o tempo destinado à requisição de funcionários e instalações para possibilitar a execução dos serviços de transporte e alimentação de eleitores. Também dia 31, deverá ser divulgado o quadro geral de percursos e horários programados para o transporte de eleitores.

Novembro. Afinal, tensos até à última gota de suor, os candidatos verão chegar o dia 3, e anotarão na folhinha que faltam apenas 12 dias para o final de tudo. Nesse dia, diz a lei que está acabada a possibilidade de reclamações contra o quadro geral

de percursos e horários fixados para o transporte de eleitores. Escolha-se o tempo. O dia 5 de novembro estará marcando os últimos 10 dias de campanha, e então será a oportunidade final para que eleitores venham requerer a segunda-via do título. Da mesma forma, o TRE terá seu derradeiro dia para comunicar a repartições ou empresas particulares que seus prédios, no todo ou em parte, serão utilizados a serviço da Justiça Eleitoral.

Nesse período, certamente, a campanha estará com os ânimos acirrados ao extremo e muitos já terão a certeza ou o temor acentuado de vitória ou derrota. É que então o calendário eleitoral já estará marcando o dia 6, nada menos do que nove dias antes da eleição. Então, o juiz eleitoral está obrigado a decidir a respeito de reclamações contra o quadro geral de percursos e horários programados para o transporte de eleitores.

DATA FINAL — Cinco dias antes do momento decisivo. Dez de novembro de 1982, quarta-feira. A data agora beneficia o eleitorado em geral, e a lei garante que ninguém poderá ser preso, salvo, é claro, em flagrante

delito. Virá, ninguém tenha dúvida, o dia 12 de novembro, três dias antes do pleito. O calendário eleitoral diz o seguinte a respeito: encerra-se o prazo para o juiz remeter ao presidente da Mesa Receptora a urna e o material destinado à votação; começa a validade do prazo de salvo-conduto expedido por juiz federal; e termina, às 23 horas, o período de propaganda eleitoral gratuita no rádio e TV.

Intensificando-se o ritmo dos acontecimentos, já a partir das 8 horas do dia 13 de novembro, um sábado, abre-se o prazo para que os presidentes de Mesas Receptoras deverão insistir no recebimento de urnas e todo o material necessário ao funcionamento de seus setores, caso ainda não os tenham recebido. O dia 13, entretanto, pode ser visto como o marco decisivo da campanha: a data marca exatamente a cessação de toda propaganda política, abrindo, por conseguinte, o angustioso período de espera, até o fatal dia 15 de novembro. Depois, é esperar a contagem dos votos e, afinal, a vitória, para os que obtiverem a maioria. Quem perder, paciência, daqui a quatro anos começa tudo outra vez. Pelo menos espera-se. (E. B.).

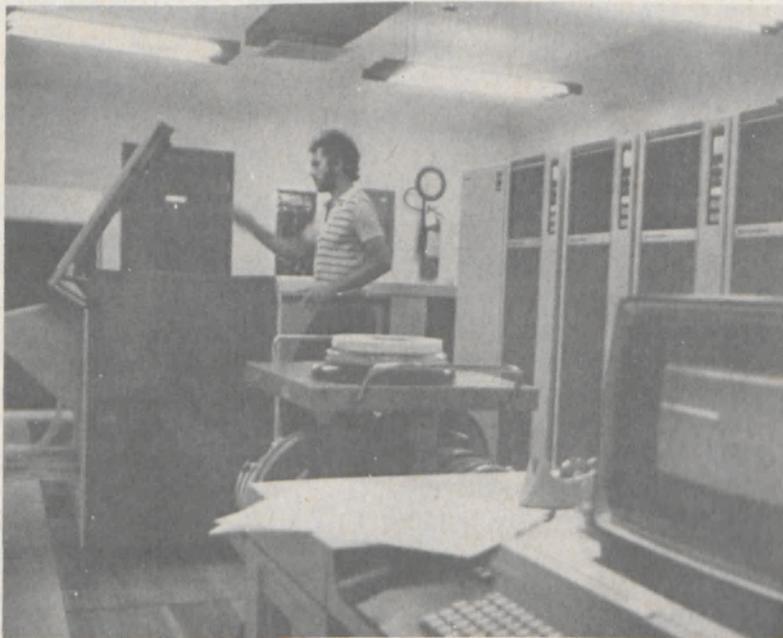
A informática já é uma realidade no Rio Grande do Norte. É a tecnologia eletrônica atuando nos mais diversos setores empresariais, com o processamento de dados para facilitar a informação de números e outros elementos essenciais aos executivos e dirigentes de empresas. É o RN integrado na era da cibernética com a sua primeira empresa de prestação desses serviços — SISTEMA SA PROCESSAMENTO DE DADOS criada em 1973, consolidada nos seus negócios oferecendo uma estrutura de computação que opera com eficiência e pode ser muito útil à sua empresa.

Informe-se sobre as alternativas oferecidas visitando-a nas suas novas e modernas instalações, ou solicite uma visita de um técnico.

SISTEMA SA PROCESSAMENTO DE DADOS LTDA.

Estrada de Ponta Negra, 1831
Capim Macio — Tels.: 231-4215 e 231-4890 Natal

COMPUTAÇÃO: ALTERNATIVA EMPRESARIAL PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS



Técnicos perdem para quem improvisa durante campanha

Se os políticos reclamam muito os custos de uma eleição, profissionais que, de uma ou outra forma, são chamados a prestar seus serviços nas campanhas eleitorais têm a satisfação de ver o seu mercado de trabalho momentaneamente ampliado. E como campanha profissional depende, fundamentalmente, de publicidade e comunicação, são os profissionais dessa área — a de campo mais restrito no Rio Grande do Norte — que se beneficiam da procura. Principalmente, os profissionais mais versáteis e de maior experiência.

Jornalistas, radialistas, fotógrafos, artefinalistas, cinegrafistas e publicitários estão tendo oportunidade de faturar neste período que precede a eleição de novembro um nível compatível com as suas habilidades, o que não ocorre em tempos que, para a classe, podem ser classificados de normais.

VEÍCULOS ATIVADOS — Além dos profissionais que são utilizados diretamente na campanha política, junto aos candidatos e seus coordenadores políticos, o processo de efervescência eleitoral beneficia o setor de comunicação, como um todo. Com, ou sem Lei Falcão, as emissoras de rádio são utilizadas em favor dos candidatos. A Rádio Cabugi, da família Alves, passa a funcionar como agente catalizador e de mobilização.

A Rádio Trairy, uma emissora que sempre ocupou um lugar muito modesto no panorama radiofônico de Natal, ganhou mais potência nos seus transmissores e, além de se tornar mais audível, ganhou muitos profissionais de bom nível. Com boa participação dos Maia, a rádio procura ser o outro lado da Cabugi. E dentro desse quadro até a Rádio Rural voltou a ativar o seu esquecido — e para uns saudoso — Departamento de Esportes. Não é uma iniciativa da rádio. Mas um arrendamento do cronista esportivo e candidato ao Governo pelo PT, Rubens Lemos, que se responsabilizou pelo horário de esportes naquela emissora, levando, inclusive, alguns nomes de respeito do Departamento Esportivo da Cabugi, onde trabalhava antes. É evidente que, mesmo sendo o esporte o carro-chefe, há o “merchadising” político — Rubens, além de homem de esportes e político, é publicitário.

OS JORNAIS E A CRISE — A campanha também trouxe mais vitalidade financeira aos jornais de Natal, que vinham se ressentindo do recesso econômico do Estado. Com o custo do papel, o centímetro dos jornais tornou-se muito caro, em comparação com a mídia eletrônica. Mas a eleição é uma mídia certa. Não só em forma de anúncios. As empresas jornalísticas que têm interesses políti-



cos — Tribuna do Norte e A República — sentem a necessidade de reforçar os seus quadros, dando oportunidade aos elementos competentes, porque a concorrência entre elas aumenta.

PROBLEMA DE ÉTICA — O quadro também cria paradoxos. Como o da questão de ética profissional que quase sempre se confunde também com o da consciência. O dilema é: até que ponto um profissional, prestando serviços profissionais numa campanha, veste a camisa do partido e do candidato?

Os estudantes de Comunicação ficam perplexos com a situação. E numa oportunidade em que viram um profissional na sua classe, o questionaram porque ele trabalhava num jornal que era de um partido e, logo, devia ser do partido também. O profissional não conseguiu convencê-los que uma coisa nada tem a ver com a outra.

A situação se torna mais delicada quando é a própria cúpula da campanha que supõe, ao contratar o profissional, estar vinculando-o, também, pessoalmente com o candidato. Isso tem gerado algumas más interpretações e foi justamente para fugir disso que o publicitário Ney Leandro, ao ser convidado para coordenar a campanha publicitária de José Agripino resolveu deixar de escrever — alegando que “entrava em férias” — uma coluna dominical sobre livros que mantinha no jornal “Tribuna do Norte”, dos Alves.

Entre os profissionais, há o consenso de que o “trabalho técnico não significa envolvimento pessoal”. E há fotógrafos “free lancers” que tanto podem vender uma boa foto para os Alves, como para o comitê de Agripino.



O discurso muda de tom e as boas intenções acabam logo

Ao contrário do que se esperava, a linguagem da propaganda política no Rio Grande do Norte não se renovou. Pelo menos nesta primeira metade da campanha. Os dois principais grupos oponentes — os governistas que apoiam o candidato oficial ao Governo, o ex-Prefeito José Agripino e os aluizistas agrupados no núcleo da incorporação PP/PMDB — mantêm o mesmo nível de discussão de campanhas passadas. Os dois lados acenam com a necessidade de uma linguagem de “alto nível” e, num certo momento, houve tentativa de um acordo de cavalheiros entre os estrategistas publicitários dos dois grupos. A proposta era de evitar ataques e retaliações pessoais sob a alegação de que cada um estava realizando um trabalho “profissional”.

Mas à medida que a campanha foi esquentando, todas as boas intenções foram progressivamente sendo esquecidas. Para complicar, dentro dos próprios núcleos de estrategistas houve incompreensões e acerbas discussões internas por falta de acordo na condução das técnicas publicitárias. Houve discussões entre publicitários de um mesmo grupo, discussões entre publicitários de grupos diversos, farpas lançadas de um lado para o outro — a nível político e pessoal — e cada decisão, de um e outro lado, vem sendo tomada ao sabor de pesadas e tortuosas discussões.

QUEM DÁ AS ORDENS — Na confusão que se tem estabelecido, as táticas iniciais dos dois principais grupos envolvidos na disputa pelo Governo do Rio Grande do Norte têm se modificado automaticamente. Segundo apurou **RN/ECONÔMICO**, são os candidatos que, na prática da campanha, têm ditado o seu ritmo. José Agripino se cercou de uma assessoria experiente dividida na área de imprensa e de publicidade, que planejou com sensibilidade a fase preparatória da Convenção que oficializou a sua candidatura. Mas teóricos do próprio partido acharam que não foi muito convincente, e consequentemente foi mal planejada, a sua

primeira aparição na televisão com um recado direto ao eleitorado, que ganhou tons algo agressivos.

Evidentemente, a área técnica da campanha se chocou. E recuou um pouco do entusiasmo inicial, passando a planejar os novos passos com mais cuidado. Foi o suficiente para que os teóricos achassem que estava tudo andando lentamente demais.

Do lado aluizista as coisas se passam mais ou menos da mesma maneira. Até agora não está suficientemente explicado porque o jornalista Agnelo Alves, um dos principais assessores de Aluizio (e seu irmão) sumiu tão repentinamente, passando mais de duas semanas no Rio de Janeiro sem assinar sua coluna no jornal do grupo, nem aparecer no programa da Rádio Cabugi. Dizem os adversários políticos que foi discordância pela estratégia que está sendo seguida. Os porta-vozes dos Alves dizem que Agnelo estava supervisionando a produção de peças publicitárias que estariam sendo confeccionadas no Rio.

MUITAS OPINIÕES — Os técnicos em publicidade que estão envolvidos na campanha se enervam com tantas opiniões. Os que conseguem entender a situação com mais clareza, dizem que tudo é causado porque a estrutura política do Estado continua provinciana.



Discurso à altura



Mensagens críticas

“Não adianta querer tentar fazer uma campanha com técnicas publicitárias, quando prevalece o sistema doméstico e as questões pessoais estão acima dos debates políticos”.

É a opinião de um técnico já estafado com os contratemplos, os conselhos não seguidos. Todos os que trabalham na campanha, aliás, no início, estavam carregados das melhores intenções e planos: estudos prévios dos locais dos comícios, diálogos com os candidatos e conselhos para os discursos mais adequados e as posturas mais consoantes com os perfis físicos, a repetição dos slogans, etc. Quando chegaram as convenções e os comícios se amiudaram, a teoria desapareceu num instante. Misturaram-se slogans. Cada assessor, ou cada grupo que dá apoio a este ou aquele candidato passou a agir isoladamente, a confecção de cartazes não obedece a uma unidade partidária — e há até candidatos do PDS que omitem em sua publicidade qual o seu partido.

O ritmo da campanha tomou um tal impulso com a aproximação de novembro que a intuição dos candidatos passou à frente dos conselhos dos assessores e cada um diz o que for necessário e de acordo com a situação do dia e a resposta que achar que deve ser dada naquele dia.

A FASE MAIS QUENTE — E tudo está ainda no começo. Só agora é que está começando a aparecer o material produzido no Sul, as primeiras peças que, vão funcionar como chamariz da campanha. Nestes dois primeiros meses as convenções funcionaram como elementos catalizadores dos esforços. □



Tarso: batalha jurídica

LEGISLAÇÃO ELEITORAL

Batalha legal é um aspecto muito importante na eleição

O Direito, ensina a melhor doutrina jurídico-legal, surgiu para dirimir situações conflituosas, impedindo que questões e desentendimentos encaminhem-se para soluções violentas entre as partes litigantes. Pelo menos é assim na atualidade, muito embora, já perdida no mofo do tempo, seja resgatada vez por outra a Lei do Talião, cujo princípio de retributividade prescrevia a equivalência entre crime e castigo: "Olho por olho, dente por dente". E observe-se que o Talião pode ser considerado um grande avanço, já que, antes de sua vigência, não havia limite para a vingança do ofendido. Mas se o Talião regulava toscamente rudes princípios na antiguidade, ainda hoje o Direito disciplina golpes e contragolpes daquilo que pode, literalmente, ser chamado de batalha legal, com estrategistas das partes em disputa utilizando-se de todos os artifícios, regras e normas para chegar à vitória.

E um firme, vigoroso combate jurídico vem sendo comandado em Natal pelo deputado Paulo de Tarso Fer-

nandes, líder do PMDB na Assembleia Legislativa, ante as seguidas denúncias de fraudes eleitorais praticadas por representantes do PDS no interior do Estado. Diz o parlamentar: "A fraude é uma tentativa de, viciando previamente o resultado da eleição, garantir vitória quando há certeza de resultado adverso nas urnas. A intenção da fraude, é, portanto, inverter a manifestação da vontade eleitoral do povo".

O MEDO, O PAVOR — Após ressaltar que "quem pratica fraude, só a pratica, tendo, primeiro, a certeza da derrota, e segundo, a intenção de modificar o resultado eleitoral que se projeta", Paulo diz que o Governo, através da mobilização de toda a malha do poder ("Líderes, sub-líderes, chefes, chefetes e chefinhos"), usa a máquina estadual "ostensivamente", de duas formas: coagindo o eleitorado, "na intenção de fazer com que o medo, o pavor, o terror, extinga a liberdade do eleitor de fazer a sua opção, de acordo com a sua cons-

ciência". Continuando, afirma que a onda de pressões também se alastra sobre o empresariado, empresas de economia mista e autarquias.

A segunda forma de utilização do poder em favor do PDS, seria, acrescenta, o deputado, "a aberta fraude, que é a facilitação, o uso indevido da Justiça Eleitoral, do serviço eleitoral, do processo eleitoral, à facilitação das candidaturas governistas, em detrimento das candidaturas da oposição".

FURTO ELEITORAL — Conhecido entre os jornalistas políticos como um parlamentar de esmerado discurso, orador agressivo e certeiro, Tarso tem-se notabilizado por sustentar em plenário um elaborado e ríspido debate com o líder do Governo, deputado Márcio Marinho, também afamado campeão de torneios verbais. Quando da edição da lei que proibiu as coligações partidárias, o representante do PMDB fez um inesperado, vibrante pronunciamento, que, caso fosse deputado federal, teria certamente ecoado forte e ferido os suscetíveis brios de alguém em Brasília. Tarso classificou o Presidente Figueiredo de nada menos do que "perjuror", advertindo que o militar havia-se comprometido em "fazer deste País uma democracia", mas então, tentando impedir a coalizão oposicionista, agia de modo diverso, desmerecendo a confiança da Nação.

Entretanto, vinculado às questões locais do PMDB, e superado o episódio das coligações com a incorporação do PP ao PMDB, o deputado continua cuidando da batalha jurídica, e referindo-se às questões legais, relata: "A fraude atualmente é escancarada no alistamento eleitoral". Segundo garante, há casos comprovados de duplicidade de inscrição, transferência ilegal de domicílio eleitoral, registro de eleitores-fantasma, alistamento de menores e alistamento de pessoas residentes até em outros Estados.

A seguir, adverte: "As fraudes estão comprovadas, comunicadas já ao Tribunal Regional Eleitoral, em vários municípios, com correição ordenada pelo Tribunal pelo menos nos municípios de Ilmo Marinho, Espírito Santo e Baía Formosa. Aguardamos também decisão para diversos outros municípios do Estado. Essa fraude, e principalmente uma perspectiva de impunidade, para quem perpetra esses atos criminosos, se projeta também para o dia da eleição e da apuração".

O deputado explica o porquê do motivo de sua suspeita: "No dia da eleição, é o próprio Governo Federal que pretende institucionalizar o furto eleitoral, através da indecência do voto domiciliar, que não deveria ser discutido numa Nação que se diz civilizada, nesta altura do Século XX, por importar em evidente quebra de sigilo do voto, que é, das garantias eleitorais, a mais sagrada. E, na apuração do pleito, quando o resultado pode ser com muita facilidade manuseado, manipulado, falsificado pelos poderosos agentes do Governo".

À MÃO ARMADA — Mesmo assim, garante, o PMDB está estruturado para enfrentar tão crescente preamar das manobras apontadas: "Estamos prontos para enfrentar de peito aberto, aguerridamente, o desespero governista que se patenteia, através das tentativas de fraude e, principalmente, confiamos na Justiça Eleitoral". Enumerando as instâncias da fé peemedebista, enunciou Paulo de Tarso: "Confiamos, em primeiro lugar, no Tribunal Superior Eleitoral, que, neste País, vem desafiando o Governo Federal, vem tentando fazer com que, apesar dos casuísmos da legislação eleitoral, o pleito se faça de maneira correta, de maneira limpa, evitando a nulidade do voto, evitando as tentativas de impedir a livre manifestação do eleitorado. Confiamos no Tribunal Regional Eleitoral, que tem sido atento aos protestos da oposição e tem tomado providências. Confiamos, sem dúvida, na Corregedoria Eleitoral, nos juízes eleitorais, em sua grande maioria cômicos dos seus deveres. O PMDB tem certeza de que a vitória é sua. E, não será, por espúrias tentativas de assaltar à mão armada, pode-se dizer, a liberdade do povo, através da fraude, que esta vitória será perdida".

Detalhando o modo como o partido oposicionista está mobilizando suas forças de resistência, disse o deputado que o PMDB conta com um decisivo assessoramento jurídico, a fim de enfrentar a carga pedessista. Para tanto, uma equipe de advogados está percorrendo o interior do Estado, na tentativa de flagrar irregularidades e tentar remediá-las, através da Justiça Eleitoral.

Todavia, Tarso, ele próprio um experientado jurista, também presta assistência a correligionários dos mais distantes pontos do Rio Grande do Norte e raras são as vezes em que



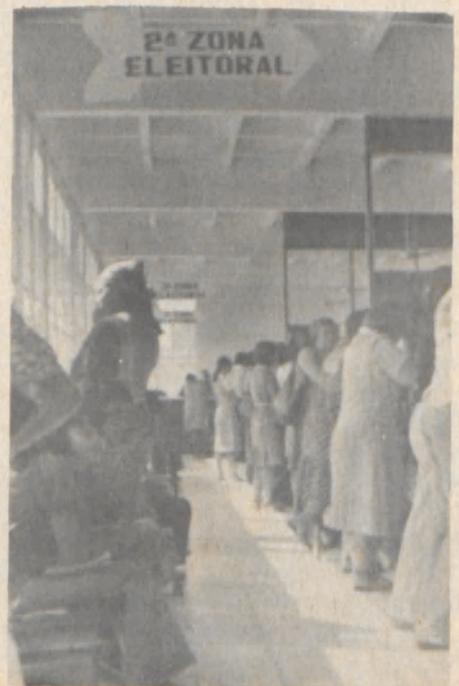
Questões legais sempre preocupam o PMDB em todos os níveis

seu gabinete na Assembléia Legislativa não está praticamente lotado por candidatos ou militantes peemedebistas, em busca de orientação para essa ou aquela questão. Além disso, o partido contratou os serviços dos advogados Murilo Delgado e Nabor Pires de Azevedo, ao mesmo tempo em que a equipe itinerante continua com seu trabalho pelo interior. Participam da investida os advogados Elias Vilaça, Rosália Alves e Danilo Bessa, sustentando o combate em todas as frentes.

ALTIVEZ DO POVO — A movimentação, explica Paulo, tem por objetivo "levantar os elementos de prova" de fraudes, a fim de que o partido só se dirija ao Tribunal Regional Eleitoral municiado de ampla documentação: "Tanto assim, que temos a satisfação de dizer que todas as representações que fizemos, até agora, ao TRE, foram acolhidas, inclusive uma em que o próprio Governo do Estado foi acusado, pela Procuradoria Eleitoral, de cometer crime eleitoral, ao fazer funcionar Secretaria do PDS no próprio prédio do Palácio Potengi".

Mas há um fator a destacar, segundo ele, para o bom desempenho da equipe de assessoria jurídica: "Todos vêm trabalhando com dedicação, principalmente com muita dedicação à causa oposicionista e imbuída da necessidade de se fazer respeitar a liberdade do povo do Rio Grande do Norte".

Após desfiar todos os percalços interpostos entre o PMDB e a desejada vitória a 15 de novembro, Paulo de Tarso manifestou confiança num bom resultado, consultadas as urnas. Segundo antevê, "a altivez do povo do Rio Grande do Norte não se deixará vencer pela falsificação nem pela coação", destacando em seguida outro motivo que o anima a esperar a superação dos obstáculos: "A confiança plena na eficiência e no senso de justiça da Justiça Eleitoral do Estado, que haverá de impedir que a vontade eleitoral do Rio Grande do Norte seja fraudada".



APERN INAUGURA A SUA AGÊNCIA DE CEARÁ MIRIM

Contando com a presença de autoridades, gerentes de estabelecimentos bancários, empresários, agropecuaristas de Ceará-Mirim, diretores, coordenadores e funcionários da Apern, o Presidente do Conselho Administrativo da Apern, Alvaro Alberto Souto Filgueira Barreto, inaugurou no dia 27 de agosto mais uma agência no interior, da Apern. Presentes à solenidade, também o representante do Prefeito Edgar Gouveia Varela, o Professor João de Castro Filho; o Supervisor de Poupança e Empréstimo do BNH no Rio Grande do Norte, Milton da Silva, Hélio Venâncio Rodrigues, vice-Prefeito de Ceará-Mirim, e João Batista Gama da Câmara, representante do Secretário de Estado da Indústria e Comércio.

A bênção da nova agência

foi oficiada pelo cônego Rui Miranda, vigário daquela paróquia. A Apern de Ceará-Mirim será dirigida pelo senhor Geraldo Carlos da Rocha.

Ao discursar na ocasião, o Presidente do Conselho de Administração, Alvaro Alberto, disse que a Apern chegava a Ceará-Mirim com novas flores, a exemplo do que aconteceu com o discurso proferido no Senado por José Bonifácio sobre a Abolição e que deu uma lição ao mundo.

Por fim, o gerente do BNH no Rio Grande do Norte, Paulo Roberto Lobo Guimarães, exaltou os serviços prestados pela Apern e teceu considerações com relação ao volume de aplicações imobiliárias da Apern, que chega a 9 bilhões de cruzeiros, beneficiando 5 mil mutuá-

rios. Em suas 12 lojas, disse, o total de depósito em Caderneta de Poupança é de 3,5 bilhões de cruzeiros, para um número de 71 mil depositantes e que esses estabelecimentos atendem a cerca de 60 municípios do Estado.

Ao fazer seu discurso, o gerente do BNH, Paulo Roberto Lobo Guimarães, deu por inaugurada a nova agência, tendo em seguida, sido servido um coquetel.



Reviravolta com o prestígio ascendente do carro a álcool

O álcool volta a ser debatido em todos os setores como combustível aprovado e a solução para o país. A revista Quatro Rodas deste mês volta a focar o assunto em vários ângulos e chega a uma conclusão de que houve melhorias em benefício dos proprietários de veículos movidos a álcool. Com isso, a venda de carros a álcool tem aumentado e a grande procura dos motoristas de táxis aqui em Natal tem contribuído para que as vendas cresçam mais ainda. Marpas, Seridó e Savel são as concessionárias que mais aumentaram suas cotas de vendas por possuírem veículos mais econômicos. O Volkswagen 1.300 e o Fiat 147 são os carros que estarão rodando em maior número na praça de Natal, com os incentivos da Caixa Econômica Federal.

Por outro lado, as chamadas supergarantias também contribuíram para o aumento das vendas, porque as montadoras também estão preocupadas em que os veículos quebrem menos e os componentes inclusos na supergarantia estão com maior tempo de duração. Os tanques e carburadores passaram a ter uma maior resistência e os carros também consomem menos. O teste feito pelos concessionários da Volkswagen com o Gol 1.6 este mês, aqui, em Natal, com quarenta motoristas, denominado Torneio Gol, mostrou que em estradas sem interrupções nem freiadas os veículos podem atingir uma média de 14 quilômetros com um litro de álcool, o que significa uma média muito boa e isso só se alcança com o veículo



Carro a álcool: reabilitando-se

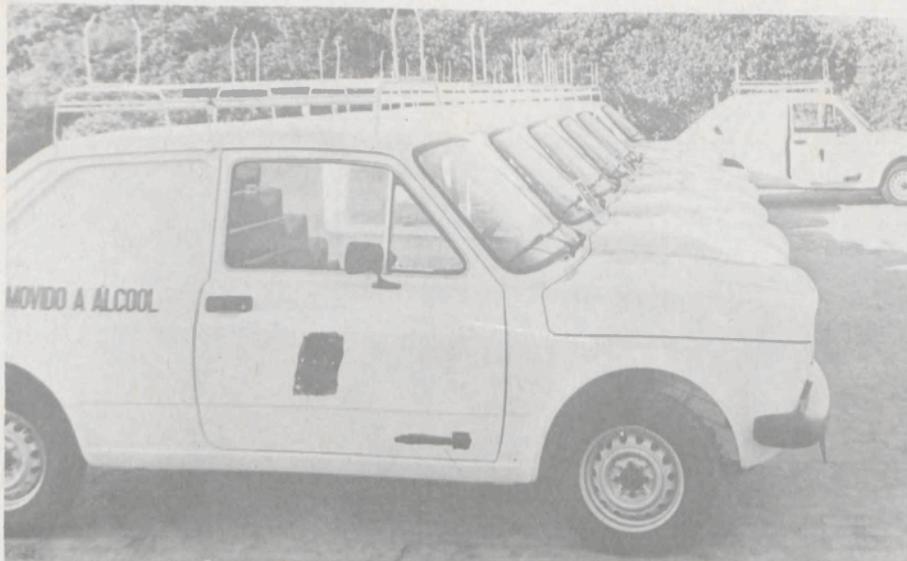
bem regulado. Mas há também quem tenha chegado a fazer apenas oito quilômetros, o que quer dizer que tudo também depende da maneira de dirigir.

É claro que na cidade não se pode alcançar uma média dessa, porque há as constantes interrupções, as freiadas e as retomadas de velocidade, além das paradas totais dos motores o que requer novo esquentar do motor. Mesmo assim o álcool vem mostrando que ainda é a solução para o chamado combustível alternativo e, por isso mesmo, é cada vez maior o número de proprietários de veículos a álcool satisfeitos e o mesmo acontece com os concessionários.

USADOS — O carro usado vem, a cada dia, se valorizando mais e mais, chegando muito junto do preço do veículo novo. Todos já sabem acompanhar os novos preços e se o carro novo tem um aumento, o usado acompanha imediatamente. A grande maioria dos donos de veículos usados quase sempre vende seu carro a pessoas que conhece e com isso consegue pegar um pouco mais de dinheiro do que se fosse à revenda e, quando vai aos revendedores exigem sempre o preço que acha que seu veículo está valendo. Não há mais aquela pressa em trocar o veículo e está quase acabando o hábito de troca anual de um veículo usado pelo novo.



O álcool começa a mostrar suas vantagens



A Quatro Rodas comenta a esse respeito em seu artigo afirmando que "se o automóvel usado for avaliado por um preço muito distante do preço do zero, a tendência do consumidor é adiar o negócio na esperança de que surjam dias melhores. Com isso, o mercado se retrai e os estoques vão se acumulando, com reflexos negativos até a fase de produção".

No entanto, aqui em Natal o número de pessoas que vão às concessionárias trocar carro usado por novo tem diminuído um pouco, porque quase todos preferem vender por fora, embora haja ainda um também grande número de pessoas que não querem ter o trabalho de vender seu carro preferindo trocá-lo já pelo carro zero.

A queda na venda de veículos a álcool ano passado fez com que várias medidas fossem tomadas. Em março último, Governo, montadoras e concessionárias sentiram a necessidade de reativar as vendas dos veículos movidos a álcool. Essas medidas atingiram o objetivo e elas reduziram uma série de incômodos, segundo os consumidores. O selo de identificação do veículo a álcool para abastecimento, uma idéia idiota e sem maiores utilizações; a redução de quatro por cento no percentual do IPI; o veículo também saiu da lista de supérfluos e o Governo prometeu manter o preço do álcool, durante dois anos, a uma média de 59 por cento do preço da gasolina.

Por seu turno as montadoras se comprometeram também em dar maior credibilidade aos seus veículos e, conseqüentemente, aumentaram a garantia dos carros a álcool, além de

reduzirem dois por cento no valor do carro. Mas os motoristas acreditam que o passo maior para essa "super-garantia" são as revisões gratuitas que as concessionárias fazem durante seis meses. Sem contar, evidentemente, com a redução da TRU.

MELHORAMENTOS — O veículo a álcool tecnicamente está mais perfeito. Algumas mudanças fizeram do motor, que antes tinha vários problemas, uma nova arma para a revenda.



O sistema de partida a frio, o que mais irritava os proprietários, já não é tão deficiente como o anterior e o funcionamento a frio é bem melhor. Nas partes onde a corrosão era frequente, houve um reforço e hoje a corrosão já não atinge como nos primeiros veículos e a tendência é melhorar cada vez mais, porque o processo é de desenvolvimento em todos os sentidos.

Por outro lado, a qualidade do álcool colocada nos postos para a revenda é bem melhor. Todos são sabedores de que em cada posto de distribuição havia uma composição diferente. Foi feita uma pesquisa pela reportagem no ano passado e chegou-se à conclusão de que só os veículos abastecidos em Marpas S/A não davam problemas, dos vinte e dois postos onde os carros foram abastecidos. E, por essa razão, muitos proprietários reclamavam dos seus carros quando, na verdade, o problema estava no combustível, se bem que se sabe que alguns outros defeitos ou problemas também eram gerados pelos motores.

A corrosão, outro grande problema do carro a álcool, está sendo combatida aos poucos e, para isso, vários técnicos e cientistas estão estudando a melhor forma de combatê-la. Várias entidades estão empenhadas em descobrir metais novos que ofereçam resistência a corrosão provocada não pelo álcool mas por alguns componentes nele existentes e os primeiros resultados têm mostrado que a corrosão está sendo vencida.

A procura de metais mais resistentes, a procura de agentes químicos que possam diminuir a ação corrosiva ou mesmo uma tentativa de fazer um álcool não corrosivo, são as chamadas frentes do "Projeto Corrosão" que têm a Secretaria de Tecnologia Industrial do Ministério da Indústria e Comércio como principal supervisora de uma "rede" de universidades e centros de tecnologias que está estudando as várias formas de melhorar os prejuízos do álcool.

Daí se conclui que até ano que vem o carro será quase perfeito, a exemplo do a gasolina, sem maiores problemas de corrosão nem as constantes paradas do motor em semáforos.

Mas essa certeza só poderá vir a partir do momento em que os técnicos terminarem seus estudos que já trouxeram algum progresso com o uso do nível químico nos carburadores como proteção superficial.

De mau em mau pagador está diminuindo o nível de venda

Um aumento de 157 por cento no número de fichados do Serviço de Proteção ao Crédito — SPC, em junho e julho, correspondendo ao mesmo período do ano passado, está deixando os lojistas natalenses perplexos diante da grande inadimplência verificada e, conseqüente prejuízo ao comércio que deixa de capitalizar dinheiro dos consumidores. O aumento de fichados no SPC nunca visto antes mostra a situação crítica que vive os lojistas, atingindo de forma global a quase todas as empresas que vendem à crédito.

Segundo o Presidente do Clube dos Diretores Lojistas, João Costa, muitos elementos concorrem para que a alta se verifique no número de fichados no SPC. Um deles é que talvez tenha motivado o desencadeamento dessa inadimplência, foi o grande compromisso assumido pelo público com a Copa do Mundo. "Muita gente comprou televisão à cores, pela euforia de ver o Brasil jogar e ser campeão, além de suas possibilidades. Diante da grande frustração ocorrida, não tenha dúvida que muitos atrasaram as prestações do seu televisor".

Mas o Presidente do CDL aponta a principal causa para o registro de tantos fichados: os aumentos desenfreados ocorridos das empresas prestadoras de serviços que inclui — água,

energia, transporte urbano, telefone, habitação, sem contar com os preços das mercadorias, que também sobem periodicamente e terminam, noômputo geral, onerando o orçamento doméstico. A situação atual também da inflação, reajustes salariais descontrados, tudo isso atinge os consumidores que se projetam um gasto calculado por mês e com alguma reserva para pagar seus compromissos, acabam sacrificando diante de toda essa situação, alguém. "Esse alguém é o comerciante", aponta João Costa. Lembrou também que a poupança está concorrendo também para a queda de negócios realizados, embora ela tenha uma lucratividade aparente, a população está sendo induzida a aplicar seu dinheiro nas cadernetas e, com isso, se atrasa também os compromissos.

RESERVA — Considerado um dos maiores lojistas da capital pelo seu equilíbrio comercial e trabalhando principalmente com uma clientela selecionada, levando em consideração que não vende através de financeira, Luís Cavalcanti, da Casa das Máquinas, acha que a crise é fabricada. Vendo com certa reserva o aumento de fichados no SPC, pelo fato de que em seu estabelecimento o número de pessoas encaminhadas é relativamente pouco, Luís Cavalcanti



O comércio sofre as conseqüências de uma re

relacionou o grande número de inadimplentes verificados, por conta dos bingos realizados em Natal, quando muitos "pela febre de ganhar alguma coisa mais, tiveram que atrasar seus pagamentos". Para o proprietário da Casa das Máquinas, muitos lojistas não estão comercializando como deviam. "Tem muitos que querem vender produtos normalmente da época de meio de ano no final do ano, o que é impossível. E aí, dizem, "o comércio está em crise, o que muitas vezes não corresponde".

Disse Luís Cavalcanti que é preciso se entender que o comércio durante o ano tem suas fases — de janeiro a março, as vendas se situam em 30 por cento, de abril a julho, aumentam para até 60 por cento, tendo uma recaída em setembro, para subir em novembro e dezembro, atingindo um pique de até 100 por cento em dezembro. Os aumentos de fichados no SPC, para ele, não podem ser direcionados apenas por conta da inflação, mas até por gastos excessivos de muita gente.

Hoje, o SPC tem registrado 3.523 pessoas que não podem realizar com-



As lojas com poucos compradores



ssão inesperada

pra a crédito no comércio natalense, um sintoma claro de que a liquidez diminuiu em função dos salários ficaram defasados com tantos aumentos extras, computando-se a isso, a alta desenfreada registrada nos serviços pagos pela população e que não podem ser adiados. Funcionando com grande credibilidade junto aos lojistas e até bancos comerciais, o SPC é a garantia de que pode o comerciante realizar qualquer negócio com as pessoas indicadas, já que dispõem de lisura na sua ficha cadastral, mostrando onde realizou compras e sobretudo a pontualidade de pagar suas prestações.

Ninguém duvida do SPC e os bancos também recorrem a ele atualmente quando vão destinar cheques especiais para seus clientes. Até a instituição do cheque, que ainda continua desmoralizado, mesmo pelo cuidado que teve o Banco Central de querer torná-lo eficiente, não vingou. O simples abrir de uma conta de qualquer novo cliente, levará obrigatoriamente o banco a recorrer ao SPC. Qualquer sinal vermelho está o pretense cliente vetado para receber seu talão de cheque, recorrendo assim as instituições bancárias a um serviço altamente especializado e que funciona como termômetro real do comportamento da economia de cada cidadão. □

Um sistema que funciona

O Serviço de Proteção ao Crédito só informa o real, não inventa números. Daí sua credibilidade hoje assumir junto ao comércio, um banco de dados, onde os consumidores são cadastrados através de número e que passarão a orientar toda sua vida. Aonde o consumidor for comprar ele encontrará na loja de início o seu PI — Pedido de Informação, depois de feito o levantamento de seu cadastro. Ao chegar no SPC este orientará se o pretense cliente pode ou não comprar o que está solicitando na loja escolhida.

É um serviço rápido e eficiente, com pouco minutos o lojista sabe se poderá realizar a venda. O SPC hoje é tão forte, relaciona o Diretor do Clube dos Diretores Lojistas, João Costa, até mais do que o Cartório de Protestos. Ele situa essa

opinião baseado no fato de que com o pagamento da dívida no Cartório o consumidor estará limpo para comprar em qualquer lugar. No SPC, é diferente. Depois de fichado, ele permanece num período de seis meses sem poder comprar a crédito. Para que o comprador seja incluído nessa lista negra, é preciso que atrase uma prestação pelo prazo de seis meses.

Agora mesmo, compradores fichados com contas feitas em 1976, com débitos em lojas de Cr\$ 10,00, Cr\$ 300,00, tiveram que ressarcir os lojistas sob pena de não poderem receber sua casa adquirida nos programas habitacionais que atuam no setor. Até ao SPC, as carteiras imobiliárias estão recorrendo para com isso ter a garantia de que a inadimplência será menor. □

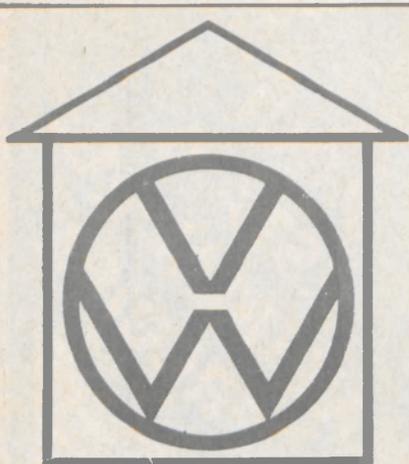
AQUI ESTÁ O MATERIAL QUE VOCÊ PRECISA

Louças e metais sanitários; Pisos revestimentos; Tintas, tubos e conexões, além de outros produtos para sua construção.

Procure a Saci, onde Natal compra.

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO

Matriz: Rua. Pre. Bandeira, 828
Tels.: 223-3626 / 3627 / 3628
Filial: Av. Rio Branco, 304 / 310
Tels.: 222-2284 / 3367



CASA DO VOLKS

Problemas do seu carro deixam de existir, quando você faz uma boa opção, e, essa é a Casa do Volks. Dispondo de um excelente estoque de peças, tintas automotivas, acessórios, escapamento e volantes esportivas; capas para bancos e sistema de som completo. Todos com instalação grátis, além de um amplo estacionamento. Sem compromisso, faça-nos uma visita.



**Gurgel & Oliveira
Comércio e
Representações Ltda.**

Av. Prudente de Morais, 1804
Tel.: 223-2488



Nos casos mais comuns, em Natal, nem sempre a Medicina está aparelhada para a

MEDICINA

Os quase milagres de uma técnica odontológica rara

Com uma população em torno dos 500 mil habitantes, Natal é uma cidade peculiaríssima em certos aspectos. Tem deficiências em setores básicos de Saúde Pública e de outro lado, conta com certos especialistas, médicos de áreas raras.

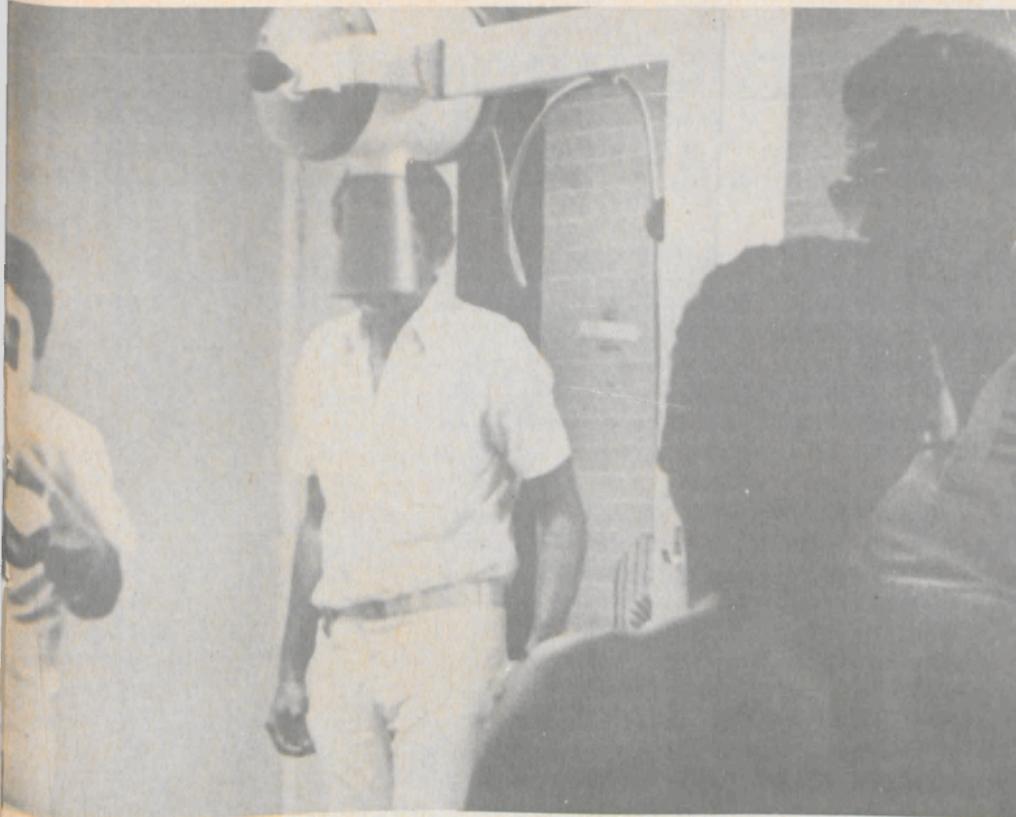
Uma das "peculiaridades" de Natal é contar, por exemplo, com apenas um Protesista Buco-Facial, o cirurgião-dentista Jório Marques de Souza, cuja especialidade chega a ser desconhecida até mesmo entre os estudantes do Curso de Odontologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, já que esse ramo da Odontologia, que trata da prótese facial, simplesmente foi eliminado do currículo do curso.

ANONIMATO — Mas o que vem a ser a "prótese facial"? É um ramo da Odontologia que trata da recuperação ou reconstituição do rosto, como um todo. No anonimato, por isso mesmo sem fazer alardes, o cirurgião-dentista Jório Marques de Souza vem fa-

zendo prótese buco-facial desde 1962 com os ensinamentos que ele faz questão de frisar, apreendidos do seu professor Odilon de Amorim Garcia, hoje aposentado.

A prótese buco-facial, segundo Jório, compreende a prótese ocular, palatal, do nariz, da orelha e da face, trabalho que ele tem feito sozinho, sem uma equipe e com vinte anos de eternos desencontros com a cirurgia plástica. E a luta para recompor um o aspecto de olho de uma cegueira congênita ou acidental, para reconstituir uma orelha ou um nariz tem sido árdua para Jório Marques a partir da eliminação da cadeira de Prótese Buco-Facial do currículo do Curso de Odontologia da Universidade brasileira.

Lamentando a saída da matéria do Curso de Odontologia — ele desconhece os motivos —, Marques diz que os alunos não se interessam em aprender, nem ao menos noções da Prótese Buco-Facial, simplesmente



Assistência necessária

porque não consta do currículo. E ele faz um desabafo, próprio de um homem magoado: "É triste, mas o homem só se tenta bem trabalhando com sangue, fazendo cirurgias. Os alunos se interessam pelos cursos de Traumatologia Maxilo Facial, Cirurgia Maxilo Facial, mas como não consta do currículo desconhecem totalmente a Prótese Buco-Facial, que é um trabalho de laboratório. Por isso todo mundo corre para a sala de cirurgia".

CUSTO SOCIAL — Mostrando o alto custo social que o País paga com a retirada da cadeira de "Prótese Buco-Facial" do currículo do Curso de Odontologia, Jório Marques, professor adjunto da UFRN e capitão dentista da Polícia Militar, afirma que se a Odontologia formasse especialistas nesse setor teríamos profissionais suficientes para atender à população.

Hoje, primeiro e único, Marques enfrenta uma série de dificuldades para exercer a sua especialidade, a começar pela aquisição de Iris para a realização de prótese ocular, que ele compra em Paris. Além disso, ele faz um alerta: "Se eu morrer, o Rio Grande do Norte ficará sem protesista buco-facial".

E Jório dá apenas um exemplo do custo social que o País paga com a não formação de protesista buco-fa-

cial: "O alto índice de mortalidade de crianças nascidas na zona urbana e na rural dos Estados com fenda palatina". Pela falta de especialistas e pelo desconhecimento do povo a criança com fenda palatina geralmente morre, mas ele faz uma ressalva para os casos acontecidos em Natal, na Maternidade-Escola Januário Cicco, "onde a equipe de pediatras é do mais alto nível, o que possibilita a sobrevivência do lactente".

DESCONHECIMENTO — Afirmando que nem mesmo os profissionais têm conhecimento da existência de "Protesista Buco-Facial" em Natal, Jório Marques diz que muitos casos poderiam ser resolvidos sem maiores constrangimentos se houvesse um entrosamento entre esse profissional e a cirurgia plástica. Esse desconhecimento, tanto de profissionais como da população tem sido responsável por deformações estéticas em milhares de pessoas.

Mantendo convênio com o INPS, Jório Marques atende na sua Clínica da Rua Mossoró, 613, uma média de três casos de prótese ocular por mês, sem contar com os outros tipos de prótese que executa, tanto na Clínica como no Hospital da Polícia Militar. Os casos são muitos. Os traumas dos pacientes maiores ainda. Segundo Jório, as pessoas com problemas

estéticos no rosto são muito escrupulosas e têm medo de, submetendo-se a uma prótese buco-facial expor-se ao ridículo. Mas o protesista garante que, após a prótese, nenhum sinal da deformação permanecerá.

Nesses vinte anos no exercício da profissão, Marques revela que já atendeu aos mais diversos tipos de deformações buco-faciais e a pessoas completamente traumatizadas. Cita o caso de um garoto que, tendo perdido um olho em consequência da mordida de uma cobra que caiu na sua rede, se recusava a submeter-se a uma prótese ocular. Vários encontros foram feitos entre Jório e o garoto, que não permitia ao menos que a assistente do cirurgião permanecesse na sala. Depois de muita luta o garoto aceitou a prótese.

Mas para realizar uma prótese ocular, por exemplo, Jório Marques tem de enfrentar a cansativa e irritante burocracia para poder comprar Iris em Paris. Mas não é por falta da tecnologia francesa que ele deixa de realizar qualquer prótese, pois a vivência de vinte anos na profissão lhe permite trabalhar, com sucesso, com a resina e silicones, produtos que, por exemplo, conseguem superar a técnica de um cirurgião plástico no caso de uma fenda palatina de três centímetros. Nesse caso, não tem cirurgia plástica que consiga superar a deficiência. Somente a prótese palatal pode devolver a estética ao paciente. Jório, no entanto, não esconde os casos de rejeição à prótese, mas isso acontece quando a resina fica incluída.



Jório: a difícil técnica

PESCA DO ATUM AGORA SERÁ UMA REALIDADE

Desta vez é prático valer. A exploração da pesca do Atum, industrialmente, será uma realidade no Rio Grande do Norte. Pesquisas em vários níveis foram realizadas, mostrando ser a costa potiguar indiscutivelmente viável para se desenvolver tal prática. E existe uma empresa paulista interessada no assunto — a Caçadores do Mar Assistência Técnica — que, experimentalmente, até o final desse mês, lançará seus barcos para capturar a referida espécie, utilizando o sistema pesqueiro denominado “currículo múltiplo”. Isto representa a consolidação de um projeto que visa implantar nova tecnologia de pesca no Estado, que foi criado pela Secretaria de Indústria e Comércio — SIC e é executado pela sua filiada, a Companhia de Desenvolvimento Industrial — CDI.

Considerando que o País importa 90% — do Peru — do Atum por nós consumido, o Governo brasileiro estipulou, através da Sudepe, ser prioridade “zero” a pesca desse peixe. E como, em todo o Nordeste, as costas norte-riograndenses registram as maiores ocorrências desse pescado, o Governo do Estado, por intermédio da SIC e da CDI, obedecendo à determinação federal, consolida um projeto, por meio de pesca à vela, com o intuito de aplicar-lhe toda a legislação federal e estadual de incentivos financeiros e fiscais, além de oferecer-lhe a necessária estrutura de assistência técnica e material.

POR QUE O ATUM? — *A escassez de alimento em todo o mundo, principalmente carnes, é uma realidade. Por ser vendida por um preço bastante alto, o consumo de carne verde está quase que proibitivo, essencialmente no Nordeste. Vistas a isso, o Governo Central tomou a oportuna decisão de incrementar e estipular prioridade “zero” à pesca do Atum em todo o Brasil, considerando que esse peixe ocorre com abundância em nossos mares, é de boa aceitação para consumo, é vendido a preço acessível e são claras as perspectivas de exportação. O Atum é cotado hoje no mercado internacional a 1.600 dólares a tonelada..*

Ainda é secular a técnica pesqueira desenvolvida em nosso Estado. O homem só vai ao mar em algumas condi-

ções de tempo e, sobretudo, se estiver sem dinheiro. A mentalidade da industrialização não bateu à nossa porta. Mas está batendo, nesse setor, pois o projeto da Secretaria de Indústria e Comércio visa implantar uma nova tecnologia de pesca, mesmo com o barco à vela — tendo como alvo o Atum —, onde o pescador se lançará ao mar menos dias possíveis e terá um rendimento cinco ou dez vezes outrora auferido. O Projeto Pesca à Vela prevê se utilizar nas embarcações desde radares aos mais sofisticados equipamentos no gênero.

CURRÍCULO MÚLTIPLO — *O sistema chama-se “Mather Hein”, ou barco-mãe. Com esse processo utiliza-se o “currículo múltiplo”, que nada mais é além da adaptação no barco pesqueiro de*

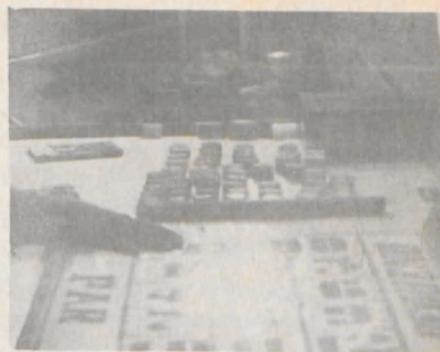
duas vezes horizontais, perpendiculares à embarcação, fixando nelas vários anzóis. Num só lance de pesca poderá ser apanhado até vinte peixes. E o barco-mãe, também com currículo múltiplo, deverá estar devidamente equipado, inclusive com radar, detectando assim a existência dos cardumes.

A empresa paulista Caçadores do Mar Assistência Técnica parte na frente e desenvolverá, ainda esse mês, a primeira fase de implantação do Projeto Pesca à Vela. A partir daí, na prática, será evidenciada a sua viabilidade e prevê-se uma produção, só dessa firma de 1.953 toneladas de Atum. É também uma forma de se motivar ao pescador potiguar a aderir ao sistema, pescando o Atum, um produto de garantida comercialização.



O “currículo múltiplo” é, simplesmente, um barco adaptado

Um negócio que nunca deixa de estar em alta em Natal



Os jogos legalizados levam muito dinheiro do Estado

O Brasil é um País onde a ilegalidade tem mais força do que os preceitos legais, pois geradora da corrupção e da degradação moral e social, a ilegalidade permite a alguns dos seus beneficiários o enriquecimento ilícito e prestígio junto às autoridades constituídas através do tráfico de influência.

Há diversos tipos de ilegalidades no País. Uma delas, a mais perniciosamente, a maior formadora de corrupção, que financia a eleição de deputados estaduais e federais e senadores para defenderem os seus interesses no Congresso Nacional, e que alicia e que deteriora o aparelho repressivo de Estado — a Polícia — é o jogo do bicho.

Vivendo na ilegalidade desde 1961, quando o então presidente Jânio Quadros o tornou ilegal, o jogo do bicho institucionalizou a corrupção e o tráfico de influência no País, demitiu secretários de Segurança de alguns Estados, provocou, com o pagamento de propinas, em troca de segurança às fortalezas e aos pontos de jogo de

EDILSON BRAGA

seus “príncipes” uma “guerra” dentro da própria Polícia.

PODER PARALELO — Os “príncipes” do jogo do bicho no Brasil têm um poder tão grande que, através de seus representantes na Câmara Federal têm evitado que as discussões em torno da sua legalidade tomem fôlego. Os bicheiros sabem que, com a legalização do jogo do bicho o Governo Federal é que vai sair lucrando, com a cobrança de uma infinidade de impostos.

A ilegalidade do jogo do bicho permitiu, por exemplo, que esses “príncipes” da corrupção formassem uma sólida estrutura, a nível nacional, para destruir aqueles que se aventuram a descobrir os seus meandros. São tão organizados que chegam a formar um “poder paralelo” ao aparelho policial, eliminando os intrusos sem deixar pistas para a Polícia.

Uma prova disso foi o assassinato do ex-policia e homem-de-ouro do Esquadrão da Morte carioca, Mariel Mariscot, que gozando dos benefícios da prisão-albergue dava proteção a um bicheiro que estava invadindo a área de outro. Mariel foi fuzilado em pleno centro do Rio e até hoje a Polícia não descobriu os autores.

O poder dos bicheiros e o volume de dinheiro que eles dão como propina são incalculáveis. Somente para se ter uma idéia, foram os bicheiros de São Paulo — segundo denunciou a imprensa paulista — que financiaram a eleição do ex-secretário de Segurança, Erasmo Dias à Câmara Federal. No Rio de Janeiro, entre outras personalidades políticas, os bicheiros estão financiando a campanha do deputado federal Miro Teixeira, do PMDB, ao Governo do Estado.

Mas se o Governo Federal não tem se mostrado propenso a legalizar o jogo do bicho, ele tem demonstrado muita disposição para estimular o brasileiro a reduzir ainda mais o seu

orçamento fazendo uma fezinha na Loteria Federal, na Loteria Esportiva e na Loto. Esses são os chamados jogos oficiais, onde o Governo Federal investe grande soma em dinheiro em publicidade para aguçar, ainda mais, o apetite do povo pelo jogo.

O JOGO EM NATAL — Assim como os demais Estados, no Rio Grande do Norte também se joga muito nas Loterias do Governo Federal e no jogo do bicho. Como no Rio, São Paulo, Minas, Porto Alegre, etc, Natal também tem os “príncipes” do jogo do bicho, que vivem enclausurados nas suas mansões e protegidos sob o manto da impunidade.

Nenhum desses “príncipes” tupi-quinquins aparece de público, e quando os jornalistas tentam uma entrevista são logo despistados, como aconteceu com o repórter de RN/ECONÔMICO que, no Beco da Lama, no Centro da Cidade, procurou conversar com alguns bicheiros. Ao invés dos “príncipes”, o repórter contentou-se em falar com alguns súditos, que responderam somente as perguntas por eles classificadas de pertinentes.

Um desses súditos, José Almir, com muitos anos de vivência em São Paulo e Rio de Janeiro, naturalmente sem consultar o ramo, disse que “a melhor coisa que o Governo faria era regularizar o jogo do bicho pois está perdendo muito dinheiro com isso”. Para ele, — o Governo deveria criar um imposto específico, ao invés de estatizar o jogo, uma vez que isso não impediria que os bicheiros continuassem a passar o jogo na clandestinidade.

MAIS VANTAGEM — Desembaraçado, José Almir disse que o jogo do bicho tem mais vantagem, pelo menos para o Estado, do que as Loterias criadas pelo Governo Federal e explica porque: “Todo o dinheiro apurado nas apostas do jogo do bicho fica no Estado, o que não acontece com as Loterias Federal, Esportiva e Loto”.

Pelo menos nesse ponto a argumentação de Almir é verdadeira. Com o eufemismo de “arrecadar recursos para aplicação em programas sociais, principalmente na construção de hospitais, maternidades, escolas, CSUs, parques esportivos e auxiliar ao esporte amador e profissional”, como explica o gerente de Operações, Programas e Loteria da Caixa Econômica Federal. Inaldo Marinho de



O jogo do bicho: sempre tolerado

Queiroz, o Governo Federal cobra uma infinidade de taxas e impostos de cada agente lotérico do País.

Inaldo Marinho, que acaba de assumir a Gerência de Operações da Caixa em Natal, revela que da Loteria Esportiva o Governo paga 9% de

comissão do revendedor; tira 10% para a Previdência Social; destina 13,5% para o Ministério da Educação e Cultura; leva 8,3% de tarifa de administração; destina 2,5% para o Fundo de Apoio ao Desenvolvimento Social e paga 2,7% de comissão aos fiscais. E tem mais 13,5% destinados a aplacar a fome do Leão da Receita Federal.

Esse esquema de impostos e taxas é usado nos jogos oficiais do Governo Federal que proporciona um retorno ínfimo aos Estados em forma de benefícios. Quando se trata de prêmios, esse retorno praticamente inexistente nos Estados pobres, assim como o Rio Grande do Norte, onde mais de 90% dos apostadores, apesar de manterem a regularidade, jogam o mínimo permitido.

Pelos cálculos feitos pelo gerente de Operações da Caixa, Inaldo Marinho, cerca de 15 milhões de cruzeiros são jogados no Rio Grande do Norte nas Loterias Federal, Esportiva e Loto, semanalmente. Para um povo que ganha pouco, — a maioria percebe o salário-mínimo — isso representa a deterioração do salário, sem contar a inflação.



O eterno sonho de ganhar

Natal é quase um pólo de atração para novos bancos

OS PONTOS DE NATAL — Com a convivência da Polícia — porque o jogo é proibido — joga-se diariamente em centenas de “pontos” espalhados pelo Centro da Cidade, Alecrim, Ribeira, Rocas, Avenida Quinze e periferia. Centenas de “pontos” são divididos entre os “príncipes” do jogo de bicho em Natal, sem que a Polícia se arrisque a uma ação beligerante.

Falando com cautela, José Almir e um outro passador de jogo de nome Nazareno, enumeram os “pontos” mais conhecidos de Natal: Boa Sorte, Pioneira, Carioca, Favorita, Zebra, Imperial, Imperatriz, Bandeirante e Baiana, mas não revelam a identidade dos “príncipes”.

Também é proibido falar do quantum apurado diariamente no jogo do bicho em Natal. Almir e Nazareno dizem, apenas, que “aqui tem muito nego rico com o jogo do bicho. Eles têm mansões e grandes fazendas de gado no Estado”, mas “desconhecem” seus nomes. No Beco da Lama um deles construiu um prédio suntuoso onde se concentram todos os seus passadores de jogo. No prédio tem central telefônica, sistema de rádio-escuta e uma sala de reunião da equipe que conta o dinheiro.

Não foi por acaso e também não é a toa que Natal é hoje, proporcionalmente, a cidade do Brasil que está incluída entre as que possuem o maior número de bancos instalados e espalhados pelo centro da cidade. A afluência de bancos é muito grande e as matrizes estão procurando sempre conseguir cartas-patentes para instalações de outras agências. A cidade completa, dentro de pouco tempo, o número de 30 bancos com a vinda do Banco Auxiliar e dentro em breve terá 32 com a abertura de mais dois bancos — o BEMGE e o BEC — ainda este ano.

Tudo isso, toda essa procura se baseia em dados fornecidos pelo Banco Central que aponta mensalmente o número de depósitos e de créditos financeiros que aqui está um potencial bem menor que o de Maceió e que aquela capital conta apenas, hoje,

com 28 bancos instalados.

Sabe-se também que o Governo é quem tem a maior quantidade de créditos, chegando a atingir um percentual de mais de 70 por cento do total de créditos aqui realizados e isso só traz benefícios para o Estado. Por outro lado, a situação do pólo têxtil, que cresceu rápido e sem que muitos notassem esse crescimento, além dos três contingentes militares que carream para cá uma soma considerável, sem contar com os investimentos futuros da Petrobrás.

É notório que as matrizes dos bancos aqui sediados optaram pela implantação de suas agências nesta capital por saberem que Natal é um mercado que tem futuro promissor até mesmo pela sua posição estratégica geográfica e pelos diversos pólos mineradores existentes no Estado.



marcosa s.a.

**COM CATERPILLAR VOCÊ FAZ MELHOR.
MAIS RÁPIDO E COM MENOR CUSTO.**

Tratores de Esteiras D4E e D6D



CATERPILLAR



Caterpillar, Cat e B são marcas da Caterpillar-Tractor Co.



**Tecnologia mais
avançada**

NATAL (RN)

Rua Antônio Basílio, 1370

Fone: (084) 231 1070/231 - 1077

MOSSORÓ (RN)

Rua Coronel Gurgel, 456

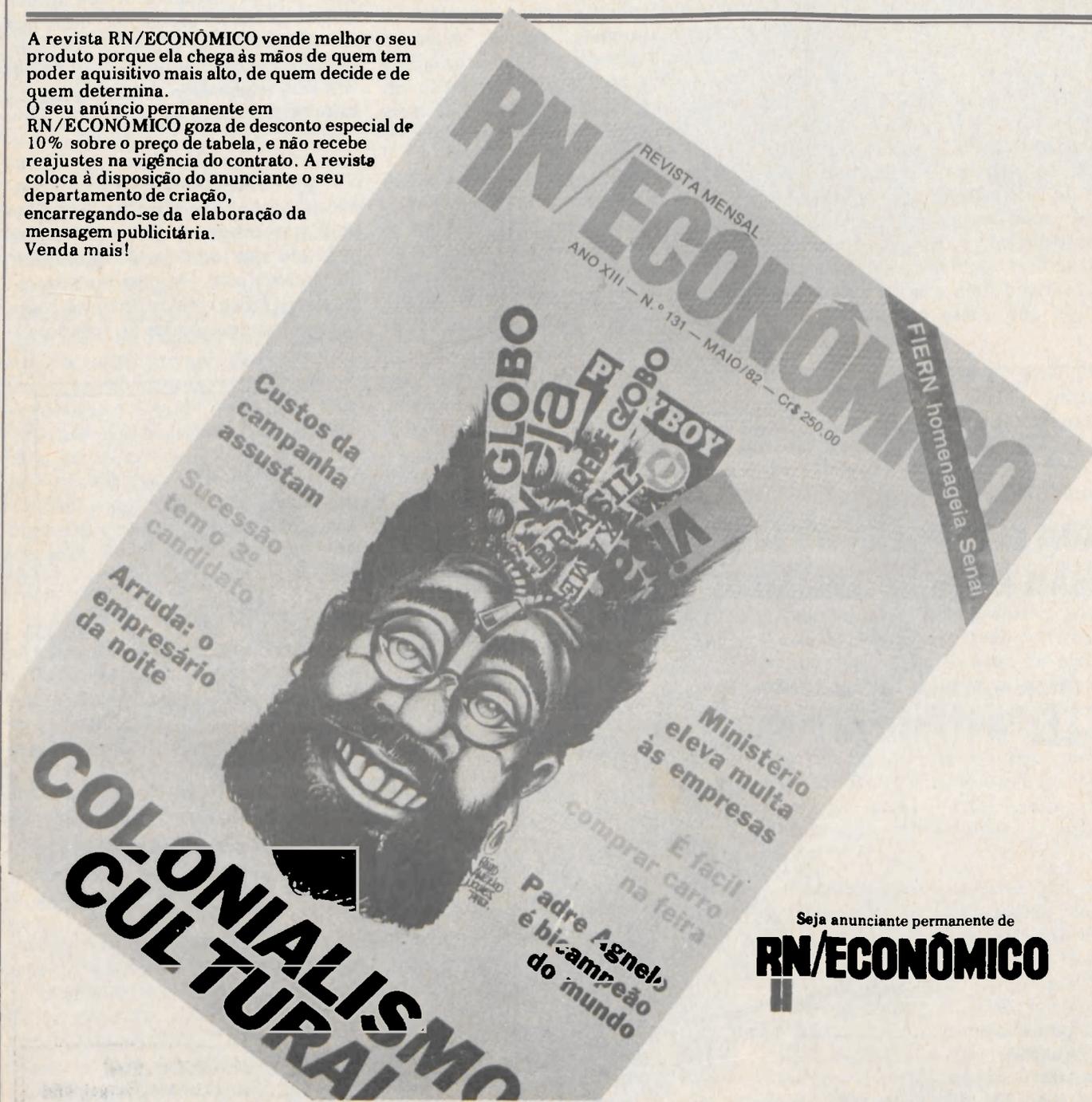
Fone: (084) 321 - 2425

Você escolheu o melhor veículo para o seu anúncio Agora mantenha-o permanente

A revista RN/ECONÔMICO vende melhor o seu produto porque ela chega às mãos de quem tem poder aquisitivo mais alto, de quem decide e de quem determina.

O seu anúncio permanente em RN/ECONÔMICO goza de desconto especial de 10% sobre o preço de tabela, e não recebe reajustes na vigência do contrato. A revista coloca à disposição do anunciante o seu departamento de criação, encarregando-se da elaboração da mensagem publicitária.

Venda mais!



Seja anunciante permanente de
RN/ECONÔMICO



A Igreja se atualiza com os problemas sociais e políticos

IGREJA

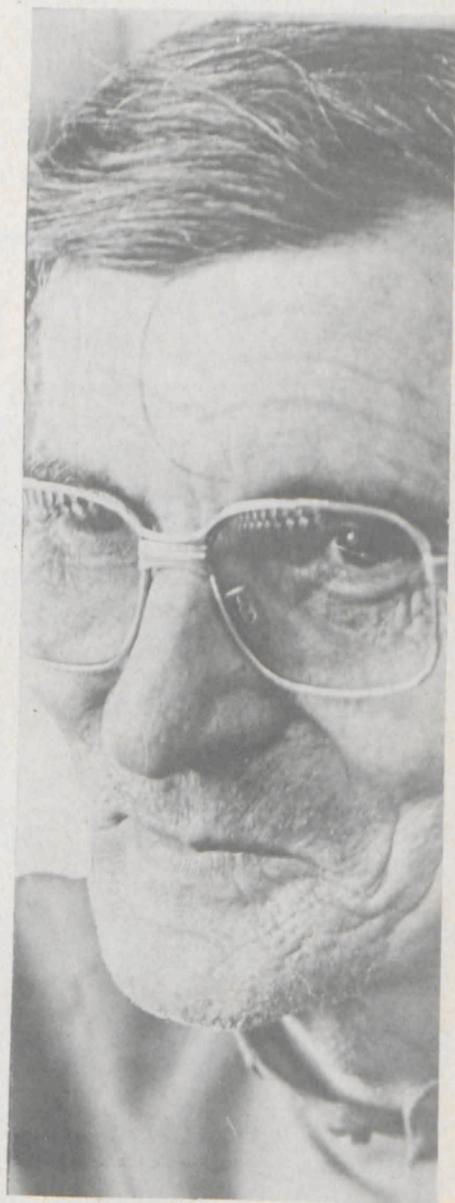
Os novos espaços que estão sendo ocupados pela Igreja

Mostrando a força do seu poder no Rio Grande do Norte, a Igreja reuniu há poucos dias os candidatos ao Governo do Estado nas eleições de novembro: Rubens Lemos, do Partido dos Trabalhadores; Aluizio Alves, do PMDB; e José Agripino Maia, do PDS, além do candidato ao Senado Federal. O encontro, realizado no Centro de Treinamento de Ponta Negra — pertence à Arquidiocese de Natal — serviu para, segundo o Arcebispo de Natal, Dom Nivaldo Monte, “os candidatos revelarem o seu pensamento”.

Um dia após a realização do debate, os jornais locais abriram manchetes afirmando que a Igreja estava do lado do PMDB e do PT, no que discorda o Arcebispo Metropolitano de Natal, Dom Nivaldo Monte: “Não aceitamos essas críticas ao comportamento da Igreja de Natal porque, em momento algum, assumimos uma posição partidária”. A partir da contestação de Dom Nivaldo, o repórter perguntou se esse comportamento não seria resultado do poder que a Igreja tem no Rio Grande do Norte, no que ele também não concorda sob a argumentação de “o nosso poder é espiritual. A função da Igreja é esclarecer o povo diante dos males e virtudes da vida”.

Poder espiritual ou político, o certo é que Dom Nivaldo não consegue entender a preocupação das pessoas com o encontro promovido pela Igreja com os candidatos ao Governo do Estado. Segundo ele, esses encontros e a preocupação com os problemas políticos e sociais do povo já vêm acontecendo há muito tempo, desde que, pioneiramente no Brasil, “a nossa Arquidiocese criou as Comunidades Eclesiais de Base”, comunidades essas existentes hoje em quase todo o País e que vivem atravessadas na garganta do Governo.

VOTAR CONSCIENTE — Na entrevista que concedeu à **RN/ECONÔMICO**, Dom Nivaldo em nenhum momento aceitou a afirmação de que a Igreja é um poder, apesar dela estar fortemente presente em todas as atividades e ser temida e respeitada por todos os estratos sociais. Ele não gosta de se imiscuir na política, preferindo falar das Comunidades Eclesiais de Base, cuja “preocupação fundamental é viver o Evangelho, mas dentro do processo normal de vida. Viver o homem não como um anjo mas como atividade específica da vida, participando e comungando dos problemas da comunidade”.



Dom Nivaldo: ponderação

Mesmo vivendo o Evangelho, um dos papéis mais importantes que as Comunidades Eclesiais de Base têm desempenhado em todo o País é da conscientização política do seu rebanho. Para ajudar a conscientizar é que as Arquidioceses brasileiras divulgam anualmente uma cartilha — a Cartilha da Arquidiocese do Rio de Janeiro foi falsificada — orientando os fiéis a votarem conscientemente, deixando de lado o partido e o candidato. Daí Dom Nivaldo afirmar que o homem tem de pensar. “Se o homem não pensa como é que ele pode ser livre para optar”?

A Igreja orienta o seu rebanho a votar conscientemente, trabalho que é feito mesmo sem ser em ano eleitoral, e quando coincide não assumir qualquer compromisso partidário porque, garante Dom Nivaldo Monte, “somos apartidários” e para avaliar o que diz, ele diz peremptoriamente que, “aqui em Natal qualquer padre ou leigo que assuma uma posição partidária será afastado imediatamente das funções. Ele não pode ser líder comunitário se assume um partido”.

PODER DA IGREJA — Apesar da



Dom Costa: discreto

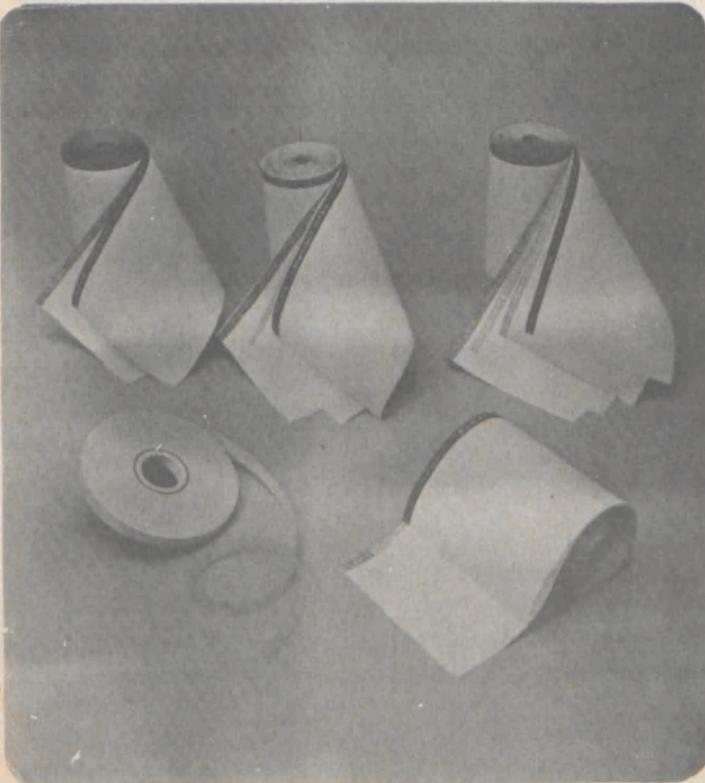
argumentação discordante do Arcebispo, torna-se até redundante afirmar-se que o poder da Igreja é incommensurável. Senão vejamos. No setor educacional, a Arquidiocese de Natal manteve a primeira Escola Radiofônica do Brasil — hoje é a Emissora de Educação Rural; mantém um curso de capacitação profissional; treina lideranças comunitárias e mantém um curso de formação de técnicos e tem uma Faculdade de Teologia.

Saindo do campo educacional, o Arcebispo lembra a preocupação com o homem do campo, por isso “fizemos a reforma agrária em Punaú, beneficiando a 50 colonos; na fazenda de Macau, distribuimos a terra com 70 posseiros; demos cem lotes de terra em Emaús e construímos casas em São Bento do Norte, Touros e São Gonçalo do Amarante.

A Igreja, com o seu poder, ainda está presente no Poder Legislativo, com os seus deputados; nas Forças Armadas, com os capelões; na Universidade e nas diversas profissões liberais e como proprietária de meios de comunicação impressos e eletrônicos. É realmente um grande poder. Forte e temido pelos ditadores. □

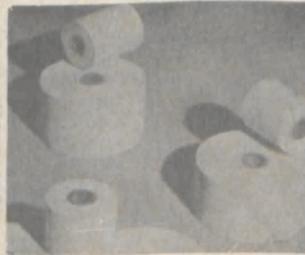


J. PEREIRA & CIA. LTDA. **LIVRARIA OPÇÃO**



Foi acreditando na economia do RN, que hoje J. Pereira e Cia. Ltda. aparece entre as 100 maiores empresas pagadoras de ICM, ano passado. Isso é motivo de satisfação para uma firma que em apenas 9 anos de existência já prestou inestimáveis serviços em prol do engrandecimento da com unidade norte-riograndense. Seus valores se impõem no ramo livreiro. Conta atualmente com um capital de Cr\$ 11 milhões e com três lojas — LIVRARIA OPÇÃO em Natal e LIVRARIA ABOLIÇÃO em Mossoró, felicita o Clube de Diretores Lojistas de Natal, pela sua maioria, 21 anos de fundação. aniversário da administração estadual do governador Lavoisier Maia.

Distribuidor exclusivo para todo o Estado do RN dos produtos MINIROLL. Bobinas para telex, fitas tape e impressora e também a linha de papéis Chamex.



Livrarias Opção Rio Branco, 587 e Galeria Barão do Rio Branco em Natal.

J. PEREIRA & CIA. LTDA.

LIVRARIA OPÇÃO: NATAL
LIVRARIA ABOLIÇÃO: MOSSORÓ

Crise volta a apertar seu cerco em torno da scheelita

A crise do setor mineral do Rio Grande do Norte atingiu contornos imprevisíveis com a demissão de mais de 600 mineiros, medida tomada pelas empresas para reduzir os seus prejuízos. Os empresários, impedidos de repassar o acréscimo dos custos industriais ao consumidor, tomaram uma medida extrema, dispensando em massa os seus trabalhadores.

Num fato inédito no Estado, o presidente da Mineração Tomaz Salustino, desembargador Mário Moacyr Porto, usou a emissora de rádio do grupo, a Brejuí de Currais Novos, durante a transmissão do Jornal de Integração Estadual, levada ao ar diariamente para todo o Estado por uma cadeia de rádio, comandada pela Cabugi, para comunicar que a empresa, "por força de contingências notórias e inelutáveis, viu-se obrigada a dispensar mais de uma centena de operários a semana passada".

No ano passado as exportações do Rio Grande do Norte atingiram 61 milhões 513 mil 443 dólares contra 791 mil 428 dólares de importações. Desse total, segundo o presidente da

Mineração Tomaz Salustino, Mário Porto, mais de dez milhões de dólares foram das exportações de scheelita, cujos preços são ditados pela Bolsa de Valores de Londres.

Para ele, os preços da scheelita no mercado interno eram determinados pelo Conselho Interministerial de Preços — CIP —, que obrigava os empresários a venderem o produto por preço inferior ao do mercado externo e tendo ainda de faturar para 30 e 60 dias e pagar o frete de Natal para São Paulo. É o que ele chama de "política do pobre dá dinheiro a rico".

EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA — Com setenta e uma linhas, a carta do presidente da Mineração Tomaz Salustino, com o título de "Explicação Necessária", tem o seguinte teor:

"EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

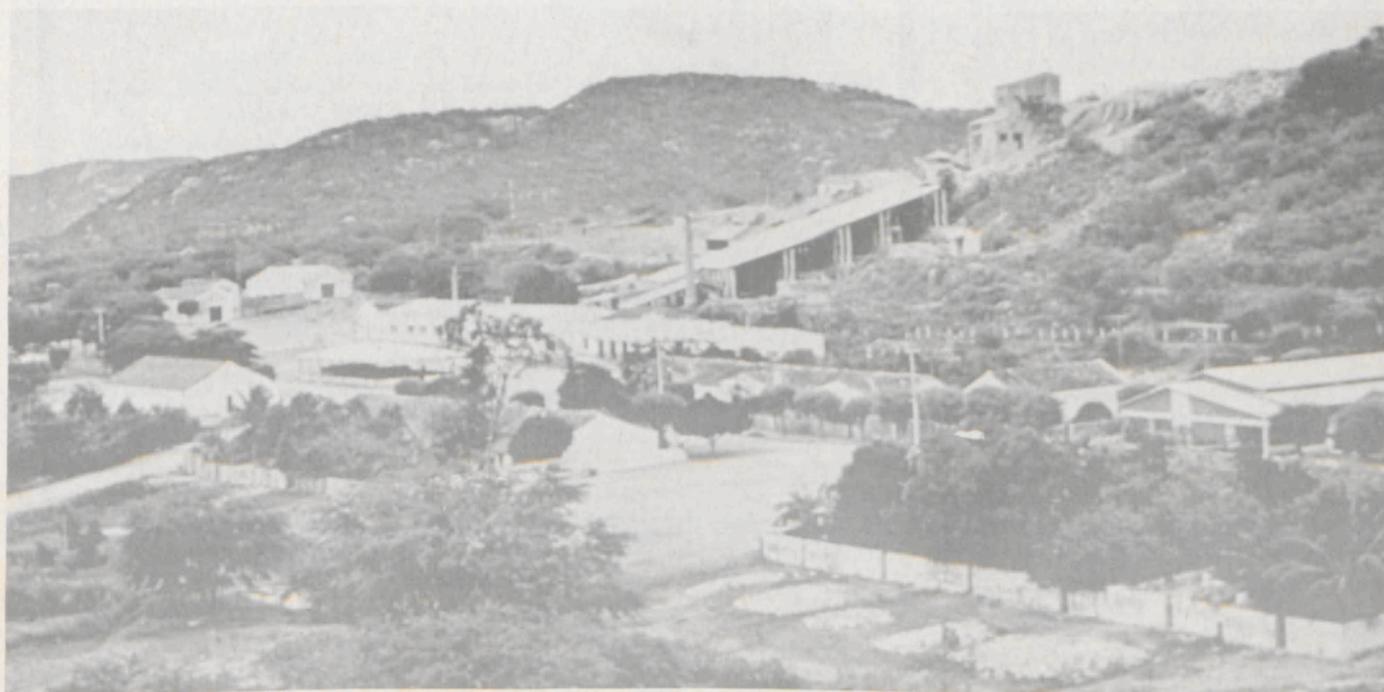
A MINERAÇÃO TOMAZ SALUSTINO S. A., por força de contingências notórias e inelutáveis, viu-se obrigada a dispensar mais de uma centena de operários a semana passada.



Mário Porto: denúncia

Como a vida e o trabalho da empresa de tal modo se identificam com a vida e o trabalho da comunidade curraisnovense, achamos que é do nosso dever informar a nossa gente a respeito das causas que nos levaram a tomar drástica providência, para nós extremamente constrangedora e mesmo dolorosa, pois somos fiéis ao preceito cristão de não querermos para os outros o que não queremos para nós.

É do conhecimento de todos que se abateu sobre a indústria de scheelita



A mineração forçada a uma crise

uma crise sem precedentes. Preço excessivamente reduzido do minério. Acentuado retraimento do mercado comprador. Custos industriais elevados a níveis intoleráveis, entre os quais listamos: energia elétrica, combustível, peças de reposição, maquinário, explosivos, reajuste semestral de salários etc. Quanto ao último item — reajuste semestral de salários — convém esclarecer que não achamos que o operário ganha mais do que merece ou precisa. Aduzimos, apenas, que, frente à aflitiva crise que sobre nós se abateu, a parcela pesa demasiado em nossas debilitadas finanças. Ademais, não temos possibilidade de repassar o acréscimo ao consumidor, pois o preço da scheelita é ditado de fora para dentro. Estamos, em consequência, acumulando prejuízos todos os meses. Para uma empresa genuinamente potiguar, de capital e gente do Seridó, é impossível trabalhar muitos meses no vermelho, isto é, em regime deficitário prolongado.

A semelhança do que já fizeram as outras empresas de mineração do Município, iniciamos a dispensa de operários, como uma opção para a sobrevivência. Temos fé que as altas autoridades da República da área econômica se mostrem sensíveis à gravíssima situação em que se debate a indústria de mineração de tungstênio.

O Sindicato dos Mineradores do Rio Grande do Norte tem se obstinado no seu esforço de obter dos Ministérios competentes um financiamento a juros subsidiados, isto é, empréstimo a juros toleráveis para as indústrias de mineração, facultados pela Resolução 674, destinados a estocagem de produtos para exportação, como é o caso de scheelita, bem como, a ampliação do crédito regulado na Portaria 1.411. Temos fé e também temos direito, pois as indústrias de mineração de Currais Novos contribuem, todos os anos, com quase 11 milhões de dólares em divisas para o País e dezenas de milhões de cruzeiros em impostos para os cofres do Estado, União e Município. E não é inoportuno registrar que a Mineração Tomaz Salustino S. A., se fez, desde à sua fundação, um irrecusável instrumento do bem público. Construiu, às suas expensas exclusivas, hotel, emissora de rádio, posto de puericultura, prédio para agência do Banco do Brasil, além de maciças contribuições para construção do antigo hospital e clubes de recreação da cidade, e



emprega mais de 800 operários em uma terra onde o desemprego é crônico e crescente. Para quem assim procede em relação à sua gente, é fácil imaginar-se como é duro e constrangedor para os seus dirigentes demitir operários em época de calamidade. É possível que dias melhores estejam à vista, mas não é improvável que dias piores se aproximem. Tudo fica a depender da reação do mercado comprador de scheelita e da cooperação das autoridades competentes. Da parte dos dirigentes da empresa, tem sido feito o possível. Gestões e pleitos encaminhados aos

Ministérios. Memoriais fartamente documentados. Entendimentos repetidos com autoridades com poder de decisão na área econômica.

Infelizmente, não tivemos oportunidade para um contato pessoal com o Ministro das Minas, em sua recente visita à Natal, mas estamos informados que Sua Excelência está interessado em minorar a situação, a ponto de ter confiado a um funcionário do Departamento Nacional de Produção Mineral um exame in loco e um levantamento pessoal e realístico das empresas de mineração de Currais Novos, e promete a sua prestigiosa interferência no sentido de que nos seja concedido o financiamento pleiteado.

Para o povo de Currais Novos e, notadamente, para sua classe operária, pedimos e esperamos compreensão e colaboração. Não se perca de vista de que todos nós estamos no mesmo barco e a mercê da mesma tormenta. Todos. Patrões, operários, comerciantes, profissionais liberais, pequenas indústrias de apoio, e, pior que todos, mais de dez mil pessoas que indiretamente vivem dos salários pagos pelas empresas de mineração. Vamos trabalhar em regime de mutirão, para o bem de todos”.

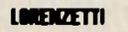
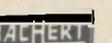
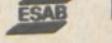
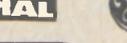
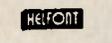
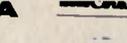
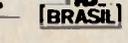
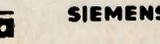
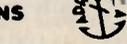
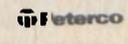
Mário Moacyr Porto
Diretor-Presidente da
Mineração Tomaz Salustino S. A.



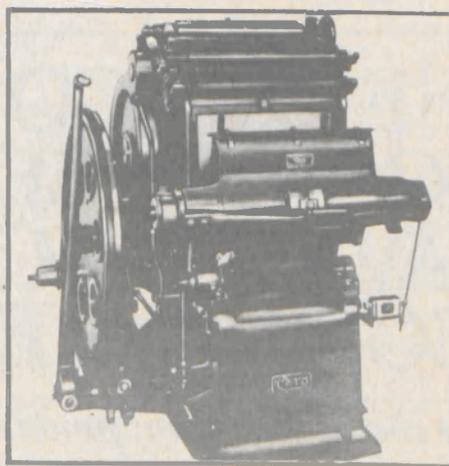
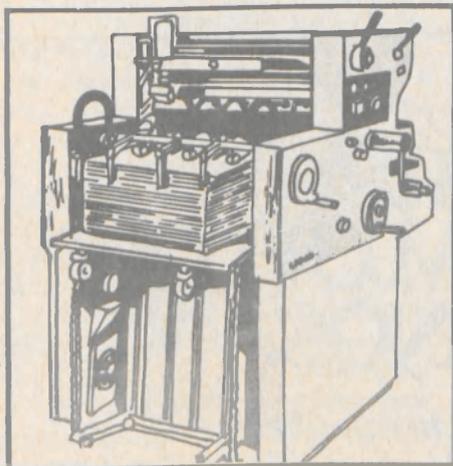
Companhia de Ferragens Distribuidora

*Ferramentas - Máquinas
Material Elétrico - Material de Construção
Ferragens - Abrasivos
Instrumentos de Medição Motores Elétricos
Eletrodos - Máquinas de Solda
Tubos e Conexões
Ferramentas Elétricas etc.*

Matriz: Recife-PE Filial: Natal-RN. R. Dr. Barata, 190 Tels.: 222.3571/8210/8033 — Natal-RN

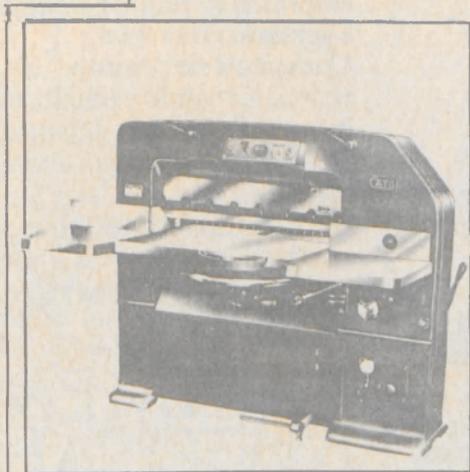
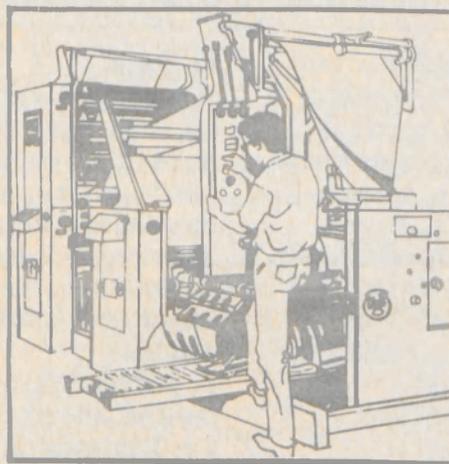
RN/ECONÔMICO ESTÁ EM NOVO ENDEREÇO PARA SERVIR MELHOR AINDA



Nas novas instalações, RN/ECONOMICO está apta a prestar melhores serviços ainda tanto em off-set, como em tipografia, plastificação, composição eletrônica, fotolitos, tudo com a maior presteza e qualidade. O

Departamento de Arte dispõe de pessoal qualificado para produção de "layouts" e todos os componentes visuais para melhorar a imagem da sua empresa. Pelo telefone 222-4722, você pode solicitar todas as informações que será prontamente atendido.

O parque gráfico, o setor editorial e o Departamento de Arte de RN/ECONOMICO, agora, estão na rua São Tomé, 421, perto do Senac e por trás do Colégio Churchill, na Cidade Alta.



RN/ECONOMICO

■ ■ Rua São Tomé, 421

Fone: 222-4722 — Cidade Alta — Natal-RN

ESSE ESPAÇO VAZIO PODE SER RESPONSÁVEL POR MUITOS EMPREGOS A MENOS.

*Na economia de mercado, a propaganda não é um fim:
é um meio a serviço da Sociedade.*

Nos últimos tempos, a propaganda tem sido alvo de freqüentes críticas. Seus adversários alegam que ela motiva a compra de coisas desnecessárias, provoca frustrações em quem não alcança determinados bens e, muitas vezes, é enganosa.

Na verdade, a propaganda promove produtos e serviços que atendem a desejos e necessidades dos consumidores. O Homem sabe que sua existência é efêmera. Nada mais justo que ele procure viver melhor, desfrutando dos bens de conforto, lazer e cultura disponíveis.

A propaganda atende ao direito do consumidor de ser informado, podendo assim exercer a liberdade de escolha, fundamento da economia liberal.

Evidentemente, há anunciantes que procuram vender seus produtos através de mentiras e falsas ilusões. Mas não se pode julgar toda uma atividade necessária e digna por uns poucos que a exercem inescrupulosamente.

A propaganda é um elemento essencial ao bom funcionamento do sistema, pois é o meio mais econômico de comunicação entre produtores e consumidores.

Graças à propaganda, os jornais e revistas são oferecidos ao público por um preço muito inferior ao seu custo. E os programas de rádio e televisão chegam aos lares absolutamente

de graça.

A propaganda também colabora para que a imprensa seja independente e assim possa cumprir seu papel mais expressivo na vida de um país livre, que é informação e formação da opinião pública.

A propaganda traz benefícios de caráter educativo, na medida em que ajuda na criação de hábitos de higiene e cuidados com a saúde.

E, principalmente, como agente estimulador da atividade econômica e dos negócios, a propaganda dá condições para que as empresas continuem operando, preservando e gerando empregos.

Consciente de sua importância, a propaganda vem se tornando cada dia mais franca, mais informativa e mais atraente. E, como instituição, seu compromisso ético é com a verdade.

Por tudo isso dizemos que, na economia de mercado, a propaganda não é um fim em si mesma, é um meio a serviço da Sociedade.

MOVIMENTO NACIONAL PELA LIVRE INICIATIVA.

Supermercados desencadeiam uma guerra de "marketing"

Está se preparando uma guerra mais do que de guerrilha entre os supermercados de Natal e o Bompreço, a se instalar em Natal, em Lagoa Nova, a partir de setembro, com um sofisticado hipercenter e que se propõe a ser o novo paraíso das compras em Natal. Claro: oficialmente, nenhum executivo dos grupos que exploram o ramo de supermercados na cidade admite o estado de beligerância. Mas, na realidade, há uma mobilização incomum para enfrentar a concorrência de uma empresa que é reconhecidamente uma das mais bem sucedidas em todo o país no ramo de supermercados e vem experimentando uma expansão fulminante, compreendendo desde a Bahia e, agora, o Rio Grande do Norte.

A entrada do Bompreço em Natal vai coincidir com um evento significativo, no setor, em setembro: os 10 anos de atividades do Grupo Nordeste, atualmente com três lojas no estilo supermercado convencional, 15 tipo Superbox e duas na modalidade Hiperbox, que é uma espécie de meio termo entre as duas primeiras formas.

PREPARATIVOS — É claro também que os eventos com que o grupo Nordeste vai marcar o seu 10.º aniversário não pretendem se confundir com uma escalada publicitária para enfrentar a entrada em cena do gru-

po Paes Mendonça, proprietário do hipercenter. Trata-se de uma coincidência. Mas não deixa de ser uma coincidência oportuna para um grupo local que tem se portado com muita segurança em suas estratégias comerciais/publicitárias. Porque, aproveitando a ocasião, o Nordeste vai reforçar a sua imagem junto ao consumidor como uma empresa essencialmente da terra, que tem se dedicado durante todos esses anos à tarefa de prestar serviços ao Rio Grande do Norte. Evidentemente, será estabelecida a diferença com um grupo que vem de fora. Por essa razão, o evento aniversário é de grande oportunidade e oferece um "gancho" precioso para uma sacudida publicitária, com a realização de pesquisas suplementares, trabalhos de consultorias de empresas especializadas, tudo para fazer um balanço do perfil do consumidor e saber suas tendências atuais — e se ele será fiel ou não.

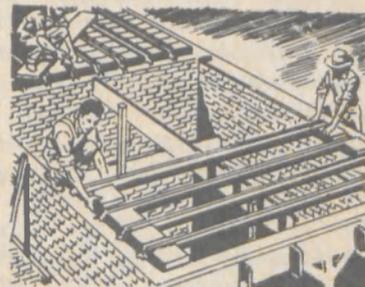
O grupo do Minipreço não tem a coincidência de semelhante evento. Mas já deu outra forma ao seu esquema publicitário muito antes. Mesmo não sendo uma empresa da terra — porque parte dos seus dirigentes vem de Pernambuco — está provocando incluir, sutilmente, nas suas mensagens o fator sentimental, inclusive usando a imagem de um coração, símbolo universal do sentimento e do amor.



O Nordeste prepara sua campanha



economia,
simplicidade
e qualidade.



Com Lajes VOLTERRANA você ganha tempo e dinheiro na sua construção. E tem a garantia de uma qualidade mundialmente reconhecida.



A SACI fabrica e mantém um estoque permanente de lajes e pré-moldados de cimento para pronta entrega.



Rua Pres. Bandeira, 828 — Fones:
222-1543 — 222-4677 — 222-3513
Av. Rio Branco, 304 — NATAL-RN

Mossoró não vende muita gasolina no fim-de-semana

Ao que tudo indica, está perto de Mossoró deixar de vender gasolina nos fins de semana, deixando, portanto, de figurar no calendário da Embratur como "cidade turística brasileira". É que os revendedores do produto instalados naquela praça estão em campanha cerrada junto ao Conselho Nacional do Petróleo — CNP, no sentido para tirarem Mossoró do rol das cidades turísticas brasileiras, pois, conforme afirmam, "a Capital do Oeste ainda não abriga uma quantidade de turista que justifique a abertura dos postos de gasolina ao meio-dia dos domingos". Os revendedores de derivados de petróleo sentem-se prejudicados em não poderem encontrar a gasolina na sexta-feira à noite, que é justamente o horário de "pique" das vendas.

A chegada do Hotel Termas em Mossoró fez com que fosse elevada, pela Embratur, ao nível de "cidade turística", pois, pensava-se que a implantação daquele hotel — que é de lazer — viesse a elevar consideravelmente o fluxo turístico. Apesar do Hotel Termas registrar taxas de ocupação consideradas excelentes, mes-

mo assim, conforme afirmam os revendedores de gasolina, "o movimento de turistas não justifica o sistema de funcionamento especial dos postos. Os revendedores locais de derivados de petróleo preferem funcionar mesmo nos horários convencionais das demais cidades brasileiras.

CNP E EMBRATUR — Os revendedores mossoroenses sentindo-se prejudicados em fechar seus postos na sexta-feira ao meio-dia recorreram ao Sindicato da classe, em Natal, quando entraram em contato com o Presidente da entidade, João Batista Ribeiro, também revendedor. Este, por sua vez, afirmou ter reivindicado ao CNP, pedindo o não fechamento dos postos de gasolina de Mossoró na sexta-feira à noite. Criou-se um impasse. Mossoró, deixando de fechar os postos nos horários pré-estabelecidos para as cidades turísticas, automaticamente, deixará de ser cidade turística. Então, o CNP não quis dar a palavra final no assunto e achou que a Embratur seria o órgão indicado para resolver o problema. E, aqui em



Jussier: problema difícil

Natal, o Presidente da Emproturn, Jussier Santos, diz, textualmente: "Que não se deve deixar de vender gasolina em Mossoró no domingo, face a existência do Hotel Termas, que registra uma taxa de ocupação excelente e até mesmo surpreendente em todo o Nordeste".

Jussier, apesar de defender o não fechamento dos postos de gasolina aos domingos em Mossoró, por outro lado, mostrou-se sensível ao problema dos revendedores que não são autorizados a vender gasolina na sexta-feira à noite sendo, conseqüentemente, prejudicados. O Presidente da Emproturn reconhece que, apesar do Hotel Termas estar frequentemente lotado, esse fluxo de turistas não justifica o fechamento dos postos na sexta-feira à noite. Na sua opinião, deixando-se de vender gasolina em Mossoró aos domingos, isso prejudicaria sensivelmente o Hotel Termas e outros localizados naquela região.

Enquanto não se resolve entre CNP e Embratur se Mossoró continuará ou não sendo "cidade turística", afirma o Presidente do Sindicato dos Revendedores de Derivados de Petróleo, João Batista, "que todos os 19 revendedores instalados naquele município estão sendo prejudicados e não querem fechar seus postos na sexta-feira à noite, perdendo assim o pique de vendas". O Presidente da Emproturn defende veementemente que Mossoró continue vendendo gasolina aos domingos. E apontou uma solução: o rodízio dos revendedores. Mas será que eles irão aceitar?

CONFIAR NA SORTE É PERIGOSO

Seu barco é bom, eficiente, mas um dia pode entrar em pane e lhe deixar em apuros, no meio da água. Por isso é bom — e a Capitania dos Portos exige — que você navegue com equipamentos de salvatagem. Leve consigo balsas, coletes salva-vidas, rações de abandono e pirotécnicos. Se o barco falhar, você aciona o equipamento, garantindo assim sua sobrevivência. E esses equipamentos são vendidos com exclusividade pela Opel, situada à rua Sampaio Correia, 4000. Ligue para 223-2400 e peça informações.

Todos esses equipamentos aprovados pela ABNT, Min. Trab. e Capitania dos Portos.
Rua Sampaio Correia, 4000 — Bom Pastor - telex.: 223-2400-3557 — Natal-RN.

opel MÁXIMO EM PROTEÇÃO

Juiz: cargo difícil, mal pago e que poucos querem

O atrelamento ao Poder Executivo, a baixa remuneração, a falta de estrutura nas comarcas do interior e o não cumprimento à Lei Orgânica da Magistratura são os principais motivos que têm levado alguns advogados a não aceitarem, após a aprovação em concurso público, o cargo de Juiz de Direito.

Antes cobiçado e até tido como cargo — depois de Governador — mais importante e respeitado no Rio Grande do Norte, hoje ser Juiz de Direito já não desperta a atenção de jovens advogados que estão deixando os bancos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Ao invés de se submeterem a chatos e cansativos concursos para, se aprovados, irem morar numa comarca do interior, os advogados estão preferindo prestar assessoria jurídica a empresas ou montar um escritório, mesmo sem uma clientela definida.

Alguns advogados acham que isso é o retrato de uma Justiça falida, viciada e capenga. Uma Justiça que, dependente do Poder Executivo, paga mal aos juízes, desembargadores e serventuários; uma Justiça sem autonomia, pois até para remanejar um juiz de uma comarca para outra ou promover um serventuário precisa da autorização do Executivo.

DEPENDÊNCIA — O presidente do Tribunal de Justiça, desembargador Newton Pinto, está plenamente de acordo com a afirmação de que o Judiciário está atrelado ao Executivo, numa dependência que só tem acarretado prejuízos. A Constituição Federal prevê a harmonia dos Poderes não a dependência de um a outro, como acontece com o Judiciário.

O desembargador Newton Pinto acha que “a dependência do Poder Judiciário ao Executivo tem tornado a Justiça morosa e honestamente deficiente, quantitativa e qualitativamente deficiente” a começar pelos baixos salários, principalmente dos serventuários.

A opinião do desembargador Newton Pinto é reforçada com a do advogado Vivaldo Otávio Pinheiro, campeão de primeiro lugar nos concursos



Newton: Judiciário atrelado

de Juiz de Direito. Para ele, “a Justiça é muito desprestigiada, renegada. Acho que isso é reflexo do atrelamento do Judiciário ao Executivo”. Um outro crítico ferrenho da Justiça é o ex-juiz de Direito, Caio Graco que acusa o Judiciário “de não ter tutelado nem de nomear seus funcionários, pois até para uma simples remoção de um juiz é preciso contar com o aval do Executivo”.

Caio Graco, que pediu exoneração do cargo de Juiz de Direito justamente por falta de condições de trabalho,

diz que “tudo que há de melhor é para o Executivo e isso tem ocorrido para o aumento dos índices de marginalidade, além de ser um fato gerador da instabilidade social”. Esse atrelamento, na opinião de Vivaldo Pinheiro e Caio Graco, tem tornado a Justiça morosa e decadente.

INTELLECTUAL — Com a sua juventude e experiência adquirida durante o tempo em que exerceu o cargo de Juiz de Direito — recentemente ele foi aprovado no concurso de Procurador do Estado —, o advogado Caio Graco garante que o nível intelectual dos juízes é bom, “mas eles precisam receber uma injeção de estímulo através de cursos de especialização, de pós-graduação”. Reciclagem que ele aconselha para o pessoal de apoio.

Mas Vivaldo e Caio acham que a baixa remuneração é um dos principais fatores que contribuem para jovens, como eles, não tenham ambição pelo cargo. Eles são de opinião de que com o baixo salário — em outubro um juiz deve ficar com um salário em torno de Cr\$ 170 mil — é impossível um juiz manter um padrão de vida razoável, de se atualizar com a aquisição de livros.

Os dois também são críticos ferrenhos da decisão do Tribunal de Justiça obrigando os juízes de Direito residirem nas Comarcas em que foram nomeados. E justificam o ponto de vista afirmando que no interior do Estado o Judiciário é totalmente desaparelhado: não oferece residência para o juiz; não tem aparelhamento nos cartórios e não tem funcionários.

Na Comarca de Afonso Bezerra, onde Caio era juiz, faz seis anos que não tem oficiais de Justiça. O presidente do Tribunal de Justiça, Newton Pinto, concorda com as reclamações dos juízes e diz que realmente a Lei Orgânica da Magistratura determina que o Executivo dê casa para os juízes do interior morar, gratificação da Justiça do Trabalho e da Justiça Eleitoral, além de outras vantagens, mas o Poder Executivo simplesmente não leva em consideração essas determinações.

Com setenta e dois juízes em todo o Rio Grande do Norte, a Justiça do nosso Estado é a que paga menos à magistratura. Desembargadores, juízes e advogados são unânimes em afirmar que o baixo salário não estimula a ninguém trabalhar, o que torna a Justiça viciada, morosa e capenga.

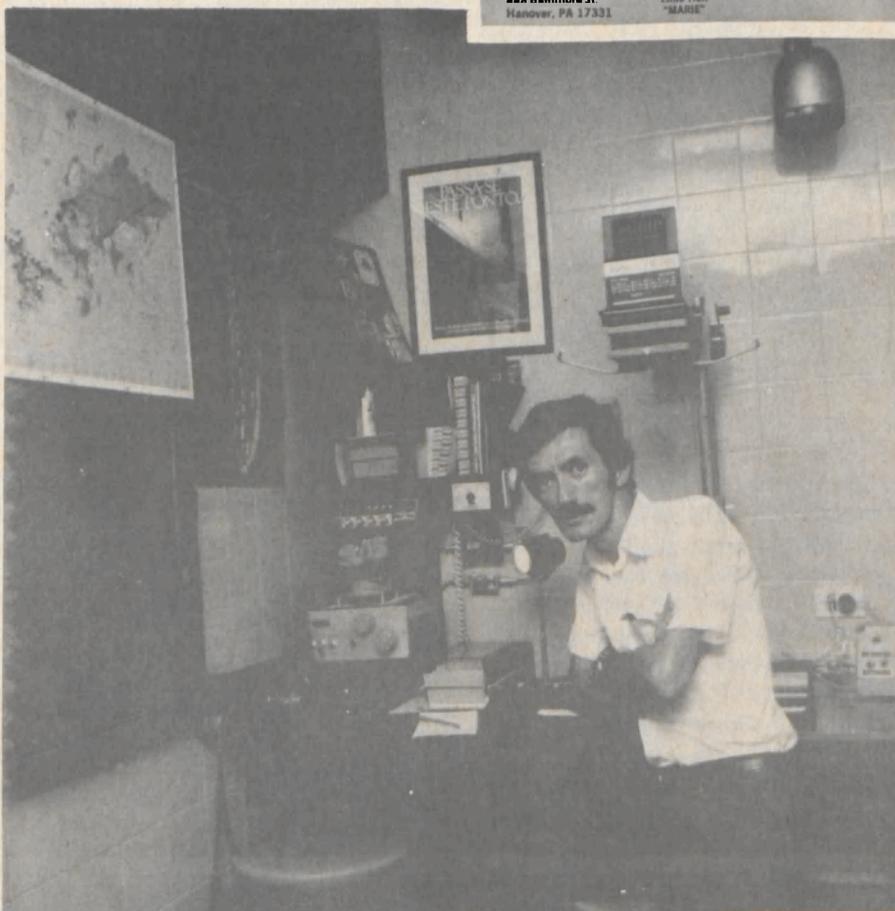
Faixa do cidadão: modismo que já tem seus problemas

O rádio da faixa cidadão vem enfrentando vários problemas ultimamente, mesmo que o Governo tenha autorizado a abertura para quarenta canais, já que o Brasil é o segundo País do mundo em número de pessoas a utilizar esse equipamento, perdendo apenas para os Estados Unidos. A descoberta dos onze metros pelos motoristas de caminhões e de táxi como elemento de serviço e lazer aumentou consideravelmente esse número nos últimos dois anos e "congestionou" os poucos 40 canais autorizados, dando margens a que a grande maioria utilize sistemas proibidos pelo próprio Dentel, passando a utilizar os chamados canais "negativos", o que dá condição aos possuidores de alguns tipos de rádios a terem até 360 canais de transmissão e recepção, respectivamente.

Em Natal há o grande problema da falta no mercado de equipamentos que oferecem melhores condições aos que são mais exigentes e até mesmo os equipamentos menos sofisticados — os que só possuem a amplitude modulada, a "Ana Maria", na linguagem dos faixa cidadão — também deixaram de existir no comércio.

Atualmente o rádio mais usado tem sido o Cobra 148 GTL que possui três bandas de transmissão e recepção — LSB, USB e AM — e já vem com os 40 canais, mas não é tão fácil se conseguir um equipamento desse tipo porque não há um representante nem tão pouco os comerciantes despertaram para esse tipo de mercado que vem crescendo a cada ano, não só aqui como em todas as capitais brasileiras.

DIFICULDADES — Para quem possui um equipamento de rádio faixa cidadão simples e sem nenhum auxílio da "botina", ou linear, não tem conseguido modular com companheiros de outros Estados porque está sendo sempre encoberto por estações "tubarônicas", conseguidas através das "secretárias". O Dentel vinha tomando atitudes rigorosas até bem pouco tempo, mas parece que a fiscalização deixou de existir ou, pelo menos, não está tão rigorosa.



No canto, à esquerda, está o pequeno rádio de 11 metros, 27 mil megahertz

Atualmente não é tão fácil para quem mantém um equipamento simples ou mesmo com as bandas laterais de LSB e USB ou SSB manter um "QSO" com companheiros de outros Estados porque vem sendo sempre encoberto ou simplesmente pelas "portadoras" ou mesmo pelos "tubarões".

— É verdade que as antenas direcionais dão mais potência às estações, pois as plano-terra são mais para "rodadas locais", mas são poucas as estações, hoje, que não possuem uma "secretária" para auxiliar na modulação e poder cobrir os "competidores" de QSO. É uma verdadeira briga de linear, cada um procurando demonstrar que sua estação é a mais potente e deixando satisfeito o seu companheiro do outro lado do País.

Por essa razão, quem dispõe apenas de um "aparato", que em sua

maioria é de doze volts e 7 watts em AM e 12 em LSB e USB — no caso o Cobra 148 GTL — fica limitado a apenas estar sempre na "coruja" e tentar em vão conseguir ser ouvido.

O ECO — A mais nova "bossa" dos rádios faixa cidadão é ter uma estação com eco e há verdadeiras "obras-primas" de fabricação caseira, embora não seja também permitido pelo Dentel, o eco vem transformando na mais nova "febre" do faixa cidadão e com ele a nova identificação da estação porque há características que definem e servem para reconhecer a estação.

Uma câmara de eco para qualquer rádio está em torno dos 40 mil cruzeiros em São Paulo e em Natal, a exemplo dos rádios, ainda não podem ser adquiridos no comércio, mas há até quem já tenha todo o esquema para a fabricação caseira. □

Venda mais, de casa em casa.



dumbo

Anuncie nas Listas Telefônicas.

Veja porque você pode ter uma excelente venda ao anunciar nas Listas Telefônicas.

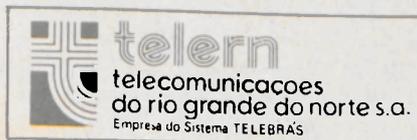
Estas listas são consultadas, em média, por seis pessoas para cada telefone. Se você multiplicar esse número pela quantidade de assinantes, vai chegar a uma audiência só comparável à da novela das 8. Com a vantagem de que a mensagem não some no ar em poucos segundos, mas fica viva 24 horas por dia, 365 dias por ano.

As listas são um verdadeiro centro de compras. Quem a consulta já tem o impulso de compra do

produto, ou a necessidade do serviço. Mais: quem tem lista dentro de casa, tem um poder aquisitivo real.

Anuncie nas Listas Telefônicas do Sistema Telebrás e fique tranquilo.

Enquanto o público usa os dedos consultando as listas, você usa os dedos contando os lucros.



COLONIALISMO SEM MESCLA

CORTEZ PEREIRA

Os países mais ricos que representam hoje 30% da população do mundo, antes do ano 2000 serão apenas 20% e até a metade do próximo século estarão reduzidos a 10%.

Este é um fato importante pelo argumento da desproporção numérica conduzir à organização das maiorias. A história tem mostrado que as maiorias organizadas, mais cedo ou mais tarde, terminam vencendo as minorias privilegiadas.

Se à esta constatação somarmos a de, os países em desenvolvimento, representarem o grande potencial agrícola e mineral, chega-se à conclusão que estão se delineando os traços fisionômicos de um relacionamento diferente entre os dois mundos.

O que agrava, contra os ricos, o problema é que eles institucionalizam um modelo de desenvolvimento, sem alternativa a médio prazo, voltado para o consumo, para industrialização dos recursos naturais controlados pelo 3.º Mundo.

Na proporção em que esta dependência é ampliada, como exigência do processo adotado, cresce contra eles o poder de barganha dos outros. Chega-se, então, a um momento em que a própria vida das nações desenvolvidas, no seu conforto, no seu bem-estar, torna-se dependente de pequenas e pobres nações.

A simples redução na importação de alguns minerais estratégicos é suficiente para arrastar ao desemprego milhões e milhões de operários de países industrializados. Assim, por uma decisão de lúcidos negros exoticamente vestidos, donos, por exemplo, do que se chamou o "escândalo geológico do mundo", na África, fábricas seriam fechadas no Ocidente, comboios seriam paralisados, o consumo de energia cairia, as finanças públicas seriam abaladas, empresas pediriam falência. Por este caminho haveria uma inversão do convencionalismo das influências. Os pobres países do mundo poderiam deflagrar convulsões sociais no reino inglês, na pátria que sonhou a superação, em toda parte, através do controle remoto, que passarão a trabalhar com ou sem competência. Essas mudanças profundas já começaram a ocorrer. Elas se tornaram uma realidade no exemplo dos países produtores de petróleo.

Ora, ninguém poderia jamais imaginar que o capital e a energia, símbolos mais expressivos do desenvolvimento industrial, passassem das mãos do sindicato dos ricos para o domínio dos pobres de ontem. No entanto em 1970, precisamente no dia 14 de setembro, o mundo estarecido tomou conhecimento de uma decisão que viraria a página da história: a Líbia, unilateralmente determinara o aumento do preço do petróleo. Nações poderosas do mundo e seus prepostos,

curvaram-se, pela primeira vez, sob a determinação de uma nação do 3.º Mundo.

O desdobramento desta ocorrência, de tão fantástica que foi, ainda não permitiu o conhecimento crítico que levará, sem nenhuma dúvida, a outras e semelhantes tomadas de consciência. Quando se consolidar os efeitos todos desta primeira e profunda mudança, surgirão outros cartéis congregando os sócios da pobreza do mundo. Da multiplicação de novos aglomerados de interesses, nascerão as armas de defesa e de ataque capazes de, por pressão, impor que se reverta o processo centralizador de riquezas que faz, há séculos, o poder do 1.º Mundo.

O sistema econômico-financeiro do mundo é mais injusto e cruel do que qualquer processo nacional de concentração de rendas. Dentro de fronteiras nacionais a solidariedade, embora raquítica que a pátria impõe, ameniza a estúpida desigualdade da concorrência; os mecanismos de defesa social; a redistribuição da renda tributada; a preocupação em reduzir desníveis de classes e regiões, uma série de instrumentos são criados em defesa dos mais fracos. Na concorrência internacional impera, dominadoramente, as leis puras do mercado.

As nações que lideram, arbitrariamente promovem-se em verdadeiros Bancos Centrais do mundo, de continentes ou blocos. Suas moedas transformam-se na tradução monetária dos negócios multinacionais. Simples emissões solucionam déficits internos e externos, além de aumentar a sua própria capacidade de apropriar-se das riquezas dos parceiros.

Foi assim que se tornaram tão facilmente ricas, as ricas potências de hoje. Assim elas cresceram e dominaram.

O mundo subdesenvolvido não poderá jamais aspirar os tronos, que são propriedades delas, nunca será majestade e, seguindo esse modelo, nunca deixará de ser súdito.

As nações hoje dominantes sublimaram, em seu favor, o velho colonialismo. O colonialismo econômico de hoje não tem mais o desgaste das ocupações militares, as preocupações paternas que obrigavam fazer concessões para defender a colônia. O colonialismo que sofre o Terceiro Mundo, é puro, sem mescla de qualquer sacrifício, é feito só das vantagens que fizeram e fazem os outros ricos.

Em todos os países em desenvolvimento, a carga de todos, mas principalmente das universidades, deverá haver um conhecimento maior da trama que envolve e algema, na pobreza e na desgraça, 70% da humanidade. Só conhecendo é que se tornará possível a libertação sonhada.

Modificação no mercado de imóveis facilita o leão

É pensamento do Governo Federal enviar ao Congresso Nacional, para aprovação, um projeto tornando obrigatória a venda de imóveis através de corretores. Antes mesmo de ser consumada, a medida já é motivo de discussões entre a classe dos corretores de imóveis de todo o País.

Em Natal, a corretora de imóveis Fernanda Antônia Pinto Advíncola se mostra cética acerca dos resultados positivos do projeto do Governo e diz que "a venda de imóveis com a participação obrigatória do corretor irá tão somente atender as exigências fiscais do Governo Federal", já que é uma maneira do Governo, através da Receita Federal, controlar a declaração de rendimentos de muita gente.

Além desse fato, Fernanda vê no projeto outros pontos negativos. Para ela, se o projeto for aprovado pelo Congresso Nacional, vai tornar o corretor de imóveis "num veículo de lucro para o Governo, pois os cem mil corretores de imóveis registrados no País irão trabalhar, de graça, como fiscais da Receita Federal para o Governo".

PIONEIRA — De um total de 700 corretores de imóveis no Rio Grande do Norte, cerca de dez mulheres dividem com os homens uma fatia do mercado de trabalho enfrentando, segundo Fernanda Advíncola, "uma concorrência desleal", muito embora se considere uma profissional respeitada por seus colegas. Praticamente a pioneira, como mulher, no setor da corretagem de imóveis de Natal, e com doze anos na profissão, Fernanda se considera uma mulher realizada em todos os sentidos, falando com uma ponta de orgulho das grandes corretagens que tem feito e da ajuda que tem dado a alguns colegas de profissão.

Mas apesar das realizações que tem alcançado no campo profissional, Fernanda não esconde uma certa tristeza quando lê nos jornais anúncios vendendo imóveis com a ressalva de que os negócios somente serão feitos sem a presença de intermediários o que, para ela, "é uma prova de que a profissão ainda não é bem aceita.

Essa exigência é uma repressão ao profissional".

Profissional que está se unindo para fundar a Associação dos Corretores do Rio Grande do Norte e que vem enfrentando as dificuldades de uma recessão do mercado financeiro. O mercado só melhora para os corretores quando os agentes financeiros liberam recursos para a construção ou aquisição de casas, o que não vem acontecendo no momento. Reflexo da crise ou não, o certo é que o Conselho Regional de Corretores de Imóveis — CRECI — está sofrendo os efeitos dessa recessão apresentando um déficit superior aos seis milhões de cruzeiros.



Negociações de imóveis na mira do leão



DEBATES

Centro Acadêmico forja lideranças

Nos debates que vêm sendo promovidos pelo Centro Acadêmico "Amaro Cavalcanti" os "reitoráveis" — Jales Costa, Cortez Pereira, Pedro Simões, Lauro Bezerra e Dalton Melo — não se mostraram muito claros na abordagem do tema, diante dos estudantes curiosos e indagadores. Deles, dois foram objetivos à sua maneira: o professor Cortez Pereira que, no emaranhado de perguntas, deixou bastante claro estar muito magoado com que os percalços sofridos na vida pública; e Lauro Bezerra, que não usou de meias medidas e meias palavras, admitindo francamente e para satisfação da platéia que tinha, sim, vontade de ser reitor "e quem não tem"?

De qualquer forma, os estudantes puderam perceber que a escolha de um reitor não é um processo tão fácil e simples como geralmente se pensa. O debate público de um assunto desse porte não proporcionou os esclarecimentos esperados porque os "reitoráveis", por questões táticas e até

por respeito natural à presença do Reitor Diógenes da Cunha Lima, mostraram-se muito reticentes. Nessas situações há uma antiga tática que recomenda muita cautela, seguindo os especialistas. Porque, diz uma regra não escrita que os mais cogitados publicamente são justamente os que se queimam mais rapidamente.

A MÁGOA DE CORTEZ — As "prévias" já haviam mostrado que os atuais favoritos para a sucessão do reitor são, pela ordem, Lauro Bezerra, Cortez Pereira e Jales Costa. Foi no diálogo com o ex-governador Cortez Pereira que se processaram os momentos mais curiosos e, de certo modo, dramáticos, do debate promovido pelos estudantes. Quando o professor respondeu frontalmente que não tinha aspirações a ser reitor, um estudante, muito minucioso, insistiu:

— Mas professor, o senhor não está naquela atitude de quem diz não aceitar publicamente um cargo mas, no íntimo, o deseja?

Cortez, a seu modo, com muita paciência e polidamente, afirmou que não era esse o seu caso. E lembrou os dissabores e desgostos que sofrera na vida pública, não tendo, por isso, mais qualquer aspiração de voltar a ela. O estudante insistiu:

— Mas eu soube que o senhor, conversando com um amigo, disse que o seu maior sonho não era voltar a ser governador do Estado, mas ser reitor. É verdade?

Cortez riu e respondeu:

— Realmente, eu não posso afirmar com certeza se houve esse diálogo. Mas, se houve, quero que ele continue sendo um sonho, porque não quero que se torne realidade.

LAURO ACEITA — O mais direto ao assunto foi Lauro Bezerra. Não contou meias conversas, não tergiversou. Disse que tinha realmente vontade de ocupar o cargo de reitor, porque o considera muito importante. As suas afirmações foram tão

francas e diretas que praticamente tornaram sem efeito qualquer desejo de questionamento dos estudantes porque, de algum modo, ele mesmo se respondeu.

Lauro Bezerra, com seu posicionamento, ganhou inquestionavelmente a simpatia dos estudantes de Direito. Aliás, essa simpatia ele já tem de grande parte da Universidade, cultivada através de um trabalho sério de pesquisa e ensino. Fica no ar se a sua franqueza em confessar o desejo por um posto que, de forma um tanto ambivalente, é cobiçado por tanta gente, vai lhe valer pontos positivos na futura escolha.

AS CONVERSAS — Com os outros "reitoráveis" a conversa dos estudantes foi num nível que um deles classificou para **RN/ECONÔMICO** como "morno". Cada um mais ou menos no mesmo diapásão: "Não tenho pretensões, mas se for chamado estarei pronto a servir a Universidade...".

De toda maneira, o debate, segundo avaliou o mesmo estudante, não poderia proporcionar grandes revelações, porque ninguém iria ter a ousadia de revelar planos, esquemas, "desde que não se trata de um pleito direto, como no caso das eleições de novembro".

O que importa, no entanto, é que os estudantes de Direito estão no firme propósito de transformar o Centro Acadêmico "Amaro Cavalcanti" num fórum de debates cada vez mais importante. Depois da organização do debate entre Aluizio Alves e José Agripino, que abriu a série, os estudantes têm estado numa movimentação muito grande e numa autêntica "efervescência democrática". Outro debate entre os candidatos à sucessão de Lavoisier Maia está sendo organizado. Mas, dessa vez, como previne um dos estudantes, as coisas serão muito diferentes, porque há a experiência do primeiro, que foi tumultuado. Haverá certas normas para o acesso ao local e existe a pretensão de cobrar ingresso a um preço que não permita a presença de "cliques".

O Centro também está interessado na difusão de suas idéias. Há o projeto de editar com regularidade um jornalzinho em que sejam veiculadas mensagens de conteúdo democrático.

LABORATÓRIO DE LIDERANÇAS — O que pouco a pouco está ocorrendo com o Centro Acadêmico

"Amaro Cavalcanti" é que em torno dele estão se reunindo as futuras gerações que, certamente, vão se constituir nas lideranças políticas do Estado. Reunindo estudantes de Direito, o Centro não se interessa especificamente por frios debates de conteúdo jurídico ou formas de lei. Pelo contrário. Talvez por influência do momento, os seus grandes temas são

políticos e sócio-econômicos. A tendência geral é do pensamento liberal, com leves tons esquerdistas, caracterizando-se, no entanto, pela falta de radicalismo. Tanto que o maior empenho do Centro é o de promover debates, discussões, apreciações de idéias, porque há um desejo muito forte de compreensão do momento atual. □

Sinta-se especial.



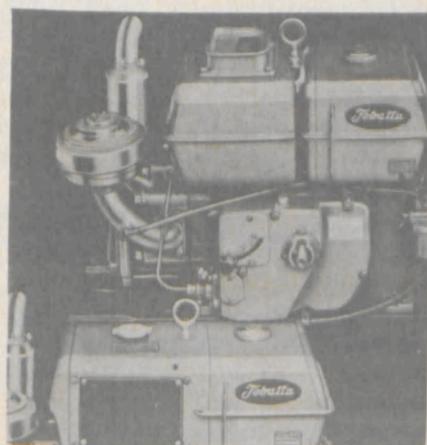
**NORDESTE
EQUIPAMENTOS
E PISCINAS LTDA**
Praça Augusto Severo, 314
Tel.: 222-1665 — Natal-RN.

Bombas hidráulicas, compressores, grupos geradores, equipamentos para piscinas, produtos químicos, manutenção, saunas, aquecedores, sistemas de pressão, hidromassagens.

QUALIDADES E MELHORES PREÇOS

variedades em
peças, assistência
técnica e revisão de
motores MWM,
Perkins, Agrale,
Yanmar e Tobata.

motores diesel e a
gasolina,



**COMERCIAL MUNDO
DOS MOTORES**

Câmara Cascudo, 221 — Fone: 222-8129 — Ribeira — Natal-RN

O BEM E O MAL

DORIAN JORGE FREIRE

Bom seria vivêssemos, permanentemente, em período eleitoral. Em campanha. Vésperas de eleições.

O povo mobilizado, bajulado até o ridículo. As suas vozes de sofrimento sendo ouvidas, os seus protestos não suscitando repressão, a sua presença jamais indiscreta e incômoda. Até os seus problemas, problemas seculares, construídos, um a um, pela injustiça, examinados, discutidos, medidos e pesados. O povo-rei, o povo-soberano, o povo desrespeitado há 20 anos, traído há 20 anos, marginalizado científica e pseudocientificamente há 20 anos, atraído, buscado, caçado com cedula, ele que desde 1964 está cassado com dois ss.

E os políticos? Como são bons e bem intencionados. Como são, surpreendentemente, homens do povo, filhos do povo, pais do povo. A pureza de seus ideais. E o seu discurso.

Quantos dentre eles, constitucionalmente anti-povo, beneficiários de uma bioncidade armada para esmagar a vontade popular e, espezinhada esta, erguer seus próprios edifícios, se vêem, agora, obrigados a esconder o seu chicote, desembaraçar-se de sua gravata Pierre Cardin, calejar as mãos bem cuidadas com a areia de seus latifúndios gloriosamente improdutivos, expectativa para grandes jogadas imobiliárias, cobertura para tantas iniquidades.

O Rio Grande do Norte vira uma festa. E uma festa cívica, melhor do que os saraus das promoções bem boladas por Paulo Macedo.

O Estado reúne a todos. Gregos, troianos e goianos. Judeus e palestinos. Filhos levados pela diáspora da vida e arredios filhos ingratos, que aqui nasceram e se esqueceram disso. Gaúchos, paranaenses, cariocas dos suntuosos e inacessíveis apês de Copacabana. Principalmente paraibanos, de repente tomados pelo ímpeto colonizador.

Há muita extravagância, sim. Há muitos arrivistas, sim. Mas como nem tudo está perdido neste mundo de incerteza, quantos momentos de reencontro, de talento, de verdadeiro amor à terra, de autêntico espírito público.

No grande circo que diverte a turba, se há muitos canastrões, também há os artistas. E há, principalmente há, os que trazidos pela hora do povo, se entregam de novo ao trabalho de Sisifo, conscientes de que lutar é preciso.

As ocasiões de inteligência que o período eleitoral concede! Odilon a me falar de Unamuno e a relembrar versos de Bandeira.

A capacidade de luta rejuvenescendo Aluizio Alves e a própria luta o conduzindo às opções mais legítimas e populares de um povo que deseja participar, porque quer, ele próprio, construir o seu presente e preparar o seu futuro.

A seriedade de Roberto Furtado, que não conhece desmaio, que não se compadece com a menor vertigem, o menor deslize, o mínimo desequilíbrio.

Vingt e Geraldo Melo provando, no concreto, que a dignidade política e pessoal impede que se pague qualquer preço pelo poder.

O velho e querido Dinarte Mariz acima do bem e do mal, a quem tudo, portanto, é permitido.

João Faustino, os pés ensebados, dançando no arame. Tarcísio desafiando tudo e todos, na sua obstinação que pode ser boa ou má, mas que é, sem dúvida, atrevidíssima. A ressurreição de Ulisses. O valedor de Carlos Alberto. Os meus colegas de imprensa, cada qual no seu lance, cada qual cumprindo a sua parte, com os talentos que Deus lhes concedeu.

Passada a campanha, realizado o pleito, apurados os seus resultados, a poeira baixará. E quem me assegura, quem nos garante, que não voltaremos ao ramerrão tão nordestino, às cautelas e prudências, ao fim dos confrontos, das disputas, do jogo de inteligência e habilidades?

Se o período eleitoral fosse mais prolongado, se estendesse mais no espaço e no tempo, talvez ganhássemos todos.

A inteligência que faria exercícios, os problemas nossos que seriam estudados, a causa do povo que seria reconhecida como boa e urgente.

No entanto, queiramos ou não queiramos, 15 de novembro, também para o Rio Grande do Norte, será o divisor de águas. Dentro do artificialismo de uma legislação feita sob medida para viciar as eleições, dentro das regras que se fizeram vigentes por força da prepotência, haverá a decisão.

Vencedora a oposição, há que exigir dela as mudanças que ela prometeu e que são urgentes.

Vitorioso o Governo, tudo poderá continuar como dantes no quartel de Abrantes. O povo voltará ao eito e a festa terá terminado.

Na primeira hipótese, Aiuizio levado pela revolução dos votos ao Governo, já agora não por força de seu carisma, mas de sua identidade com o sentir geral de uma maioria cansada de sofrer e de ser maltratada.

Na outra, Tarcísio garantido pelo voto da maioria para prosseguir o Governo começado em 74.

Não há, aqui, terceiro-mundismo. Todos sabem disso, até os que, por cálculo, negam isso.

Em termos de Rio Grande do Norte, a equação é maniqueísta. O bem e o mal. O dragão e o cavaleiro. Sem meio termo, sem cores cambiantes, sem lusco-fusco. Ou trevas de abismo, ou solzão dos desertos sertanejos.

Deslocam-se para orla centros dos novos modismos de Natal

Está definitivamente decretada a estagnação dos bares do centro e a guerra entre os bares da orla. Uma guerra sustentada em flancos opostos: com a zona sul, que cada vez mais se sofisticava e as praias ao longo da Avenida Café Filho, aos pés da Ladeira do Sol, que ganharam novo ânimo, depois de um período de literal obscuridade, com a iluminação implantada pela administração José Agripino e os bares que puderam se acomodar melhor na calçada as 24 horas do dia. Mas é muito mais do que isso: a abertura política e os tempos eleitorais trouxeram nova vida para os bares, com o surgimento de uma fauna festiva que, enredando-se em discussões intermináveis — de caráter político/filosófico — prolonga as horas de abertura e o faturamento. Já se fala, nesse clima, que ali pela con-

fluência da descida da Ladeira do Sol com a Avenida Café Filho e na garganta da Ponta do Morcego já está fixado um núcleo boêmio/filosófico que os mais dados a comparações chamam de o "Baixo Leblon" de Natal.

PARA CADA GOSTO — Com essa diversificação, criou-se, de repente, em Natal, um amplo leque de bares, com opções para os mais diversos gostos. Um frequentador assíduo dessa nova fase da vida boêmia natalense diz:

— Há o bar das feministas, dos esquerdistas, dos trotikistas, das minorias sexuais... enfim, prá tudo.

Pode não haver bares rigorosamente para tudo. Mas é certo que há, no momento, em Natal — ao contrário do que ocorria até há bem pouco — bares para uma variedade mui-

to grande de gostos e tendências — sexuais e políticas. Essa diversificação chegou a um ponto em que os grupos que se dizem acima e além de todos esses modismos se sentiram, por momentos, deslocados. E foi aproveitando esse clima que surgiu exatamente o "Royal Salute", clube privê que, muito apropriadamente, tomou de empréstimo o nome do uísque mais caro do mundo. Sentindo essa necessidade de escolha de um grupo mais selecionado e que se achava perdido na noite, o pessoal do "Royal Salute" criou o clube privado. E o seu cacife para manter-se privado é realmente insuperável: Cr\$ 25 mil o cartão de sócio e Cr\$ 10 mil a consumação.

NA ZONA SUL — Enquanto na orla de Natal a Casa da Música comanda as noites de sexta e sábado com shows de artistas sempre do primeiro time do Rio e São Paulo — saindo da sua fase brejeira do início, onde predominava o forró — a zona sul respondeu com o Kanecão, os seus motéis com vídeo-cassete pornô e bares que se abrem a cada semana — alguns com vida efêmera.

CONSULTE O SINE

SOCIÓLOGA

- A-31.107 — casada, 22 anos, 4 anos de curso
- A-30.468 — solteira, 34 anos, 5 anos de estágio
- A-30.467 — solteira, 34 anos, 5 anos de estágio
- A-7.579 — solteira, 35 anos, 1 ano de experiência

PSICÓLOGA

- A-35.920 — solteira, 25 anos, 1 ano de experiência

RECEPCIONISTA

- A-37.078 — solteira, 21 anos, 1 ano e um mês de experiência
- A-30.979 — casado, 22 anos, 1 ano de experiência
- A-31.845 — solteira, 25 anos, 3 anos e 4 meses de experiência
- A-34.609 — solteira, 21 anos, 2 anos de experiência

SEGURANÇA

- A-37.066 — solteiro, 25 anos, 1 ano e 5 meses de experiência
- A-36.858 — casado, 33 anos, 5 anos de experiência
- A-31.827 — casado, 22 anos, 1 ano de experiência
- A-31.238 — casado, 29 anos, 2 anos de experiência

PINTOR DE PAREDE

- 00052 — casado, 33 anos, 4 anos de experiência
- 00149 — casado, 33 anos, 2 anos de experiência
- 00150 — casado, 28 anos, 3 anos de experiência
- 00380 — solteiro, 18 anos, 1 ano de experiência

ZELADOR

- A-35.502 — solteiro, 29 anos, 1 ano de experiência
- A-34.080 — casada, 44 anos, 3 anos de experiência
- A-36.912 — casado, 26 anos, 6 anos de experiência
- A-32.126 — solteiro, 32 anos, 1 ano de experiência

TÉCNICO EM ADMINISTRAÇÃO

- A-6.805 — casada, 30 anos, 4 anos de experiência
- A-17.235 — solteiro, 26 anos, 2 anos de experiência
- A-13.445 — casada, 27 anos, 4 anos de experiência

TÉCNICO EM CONTABILIDADE

- A-20.232 — solteiro, 30 anos, 4 anos de experiência
- A-32.321 — solteiro, 25 anos, 3 anos de curso
- A-33.434 — casado, 27 anos, 7 anos de experiência
- A-32.420 — casado, 32 anos, 5 anos de experiência

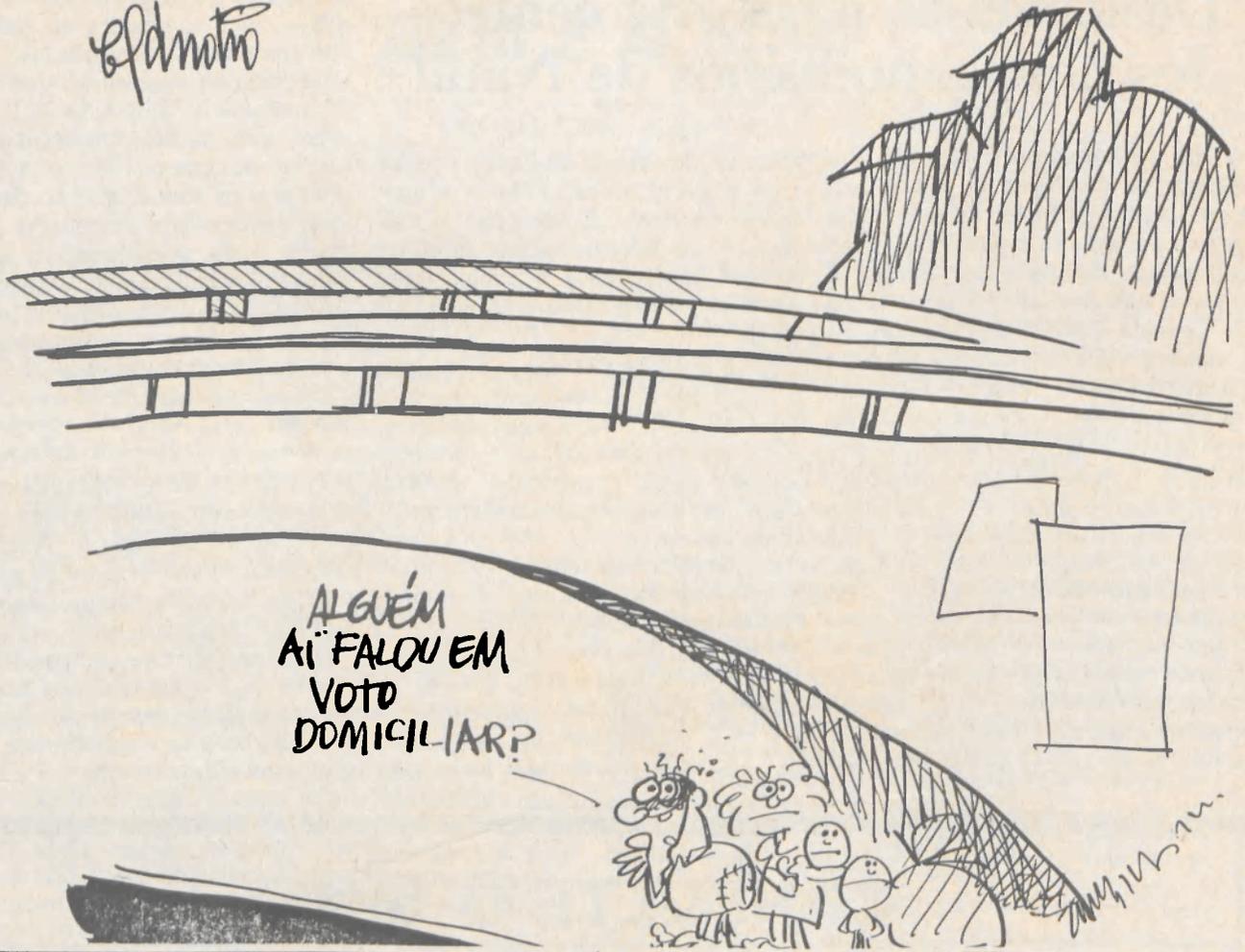
FAXINEIRA

- 00059 — casada, 41 anos, 2 anos de experiência
- 00039 — casada, 35 anos, 4 anos de experiência
- 00305 — casada, 29 anos, 3 anos de experiência
- 00118 — casada, 36 anos, 2 anos de experiência

BALCONISTA

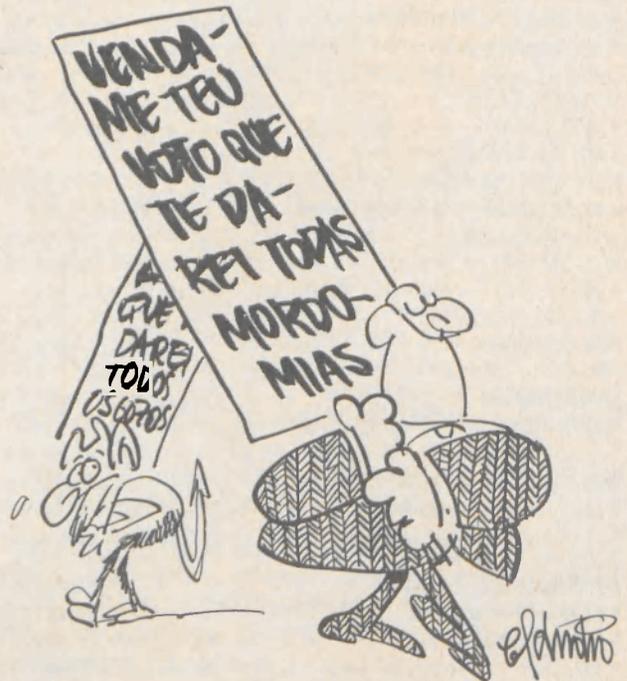
- A-31.902 — solteiro, 22 anos, 4 anos de experiência
- A-37.245 — solteiro, 25 anos, 3 anos e 7 meses de experiência
- A-33.639 — casado, 19 anos, 9 meses de experiência
- A-31.769 — solteiro, 20 anos, 1 ano de experiência

elcmoto



ALGUÉM
AI FALOU EM
VOTO
DOMICILIAR?

TEM CANDIDATO
AI QUE PROMETEU
MUNDOS E FUNDOS...



VENDA-
ME TEU
VOTO QUE
TE DA-
REI TODAS
MORDO-
MIAS

QUE
DAREI
OS SEUS
VOTOS



PÃES MULTIPLICADOS

ROSEMILTON SILVA

O futebol tem coisas que ninguém consegue explicar. Nossos clubes estão com a cuia na mão — não se incluem, no caso o Alecrim e o Riachuelo, o primeiro dentro dos grandes e o segundo na roda dos pequenos — e de repente surgem contratações fantásticas, fazendo lembrar a Bíblia na tão proclamada “multiplicação dos pães”. Pois bem. Nossos dirigentes, especialmente o pessoal do ABC, conseguiram esse milagre. As várias contratações milionárias dão a impressão de que existe uma máquina de fabricar dinheiro no time do povo.

É claro que todos esperam rendas melhores, mas sabe-se que não é tão fácil. Depois de passar essa euforia de contratações e se cair na realidade, as coisas podem se complicar. Pelo que se tem visto, não há muita perspectiva. Basta analisar que o ABC, por exemplo, terá que somar dentro de breves dias, se trouxer mais jogador caro, uma média de treze milhões de cruzeiros, só para pagamento dos passes de Otávio Souto, Edgar e o outro cobra, sem contar com salários e bichos de todo plantel.

Por outro lado, tenho dito sempre que quem leva o torcedor não é só a contratação “fantástica” mas, sim, os resultados positivos da equipe e para que isso aconteça é preciso que todo plantel tenha disposição para jogar. Essa “disposição” depende, única e exclusivamente, do pagamento dos salários deles e, pelo que eu sei, o ABC anda meio atrasado. É claro que não é só o ABC que anda assim. O América também. Este último com problemas na Justiça e tendo suas rendas bloqueadas para pagamento de Fundo de Garantia e direitos trabalhistas de ex-jogadores.

É óbvio que se a torcida alvinegra quiser enche o Castelão e proporciona uma grande renda. Isso pode acontecer porque o time do povo estava liderando o primeiro turno e teria a batalha final com o América. Neste jogo está o termômetro para a observação do que poderá acontecer com o mais querido e, a partir daí, o que será dele com sua torcida dentro do quadrangular decisivo do primeiro turno em termos de arrecadações.

Não se pode negar que o esforço do presidente Edson Teixeira foi dos maiores, mas também não se pode deixar de dizer que “foi uma loucura” na base do “estamos afundados mas não vamos deixar o barco”. Não concordo com a atitude, porque não é tão fácil fazer milagres, principalmente quando se trata de um milagre financeiro. Se a fórmula der certo, será bom para o nosso futebol, mas se sair tudo errado, adeus porque a vaca vai para o brejo e quem vai perder agora é a torcida e os clubes.

Se o ABC contrata sem dinheiro, o América deverá seguir o mesmo rumo. Agora, o que eu não entendo é porque o pessoal dos clubes não seguiu o exemplo do Alecrim, que sem nenhum alarde construiu realmente uma Vila Olímpica e vai, aos poucos, criando mais condições para os seus associados.

Eu acho, e tenho dito diversas vezes ao presidente Edson Teixeira, que o time que vinha jogando tinha amplas condições de fazer bonito no Campeonato — provou isso contra o Baraúnas — e que o problema do alvinegro de Morro Branco não era contratações. É claro que elas são necessárias em algumas posições, e sim problemas financeiros, de pagamento de salários. Basta citar o exemplo de Marinho, que não vinha se apresentando bem e botou a boca no trombone. Pagaram ao jogador e em três jogos conseguiu fazer seis gols.

As contratações também servem para motivar os jogadores da equipe, porque ninguém quer perder a posição. Mas só se atreve a contratar quem tem dinheiro, quem não o tem procura manter o time doméstico até porque ele serve para o clube “fazer dinheiro”. Mas o pensamento do dirigente do Rio Grande do Norte não está voltado para esse time de esquema utilizado pelos grandes clubes e que só pode dar lucro.

A mentalidade aqui é em função de trazer o chamado “jogador de nome” e isso é uma babaquice na expressão da palavra. Mais uma vez digo que quem leva torcedor a campo é vitória. A contratação pode levar o torcedor uma, duas vezes, a vitória e o título levam constantemente.

Esse papo de dizer que o torcedor só vai a campo quando o time contrata é idéia provinciana e sem maiores influências. É claro que essa mentalidade vem de longe, mas naquele tempo, com o advento do Castelão, os tempos eram outros, a “vaca dava leite” e ia de vento em popa porque o ABC estava dando alegria à sua torcida e o América, aos poucos, passava também a ser um clube com maior torcida, maior presença em campo, em termos de arrecadação.

O corajoso Edson Teixeira pode se dar bem. Mas analisando profundamente a questão do “Milagre do Futebol”, cujo autor continua sendo ele e sua diretoria, é bastante arriscado e pode levar o nosso fracassado futebol ao caos. Mas também se der certo, muita gente vai ficar devendo ao presidente do clube por ter conseguido o milagre de fazer voltar ao Castelão torcedores que desde muito tempo não alisavam as arquibancadas do Gigante da Lagoa Nova.



**CONSELHO FEDERAL
DE CORRETORES
DE IMÓVEIS**

COI

Dia do Corretor de Imóveis

Colaboração de **RN/ECONÔMICO** ao corretor
de imóveis

RN / ECONÔMICO

Rua São Tomé, 421 — Tel.: 222-4722

Agentes do progresso, profissionais que se credenciam no senso de ética, força mediadora do crescimento urbano, mão-de-obra que se faz a si mesma. Os corretores de imóveis, que comemoraram o seu dia nacional em 27 de agosto, dão novo passo na afirmação e no reconhecimento do trabalho que realizam com a fundação da sua Associação no Rio Grande do Norte.

FECI



ANOS

82 um ano político



Junto à nossa mensagem de sucesso, de vitória aos que vão se candidatar nas próximas eleições de novembro, RN/ECONÔMICO vem oferecer à sua candidatura o melhor padrão de qualidade em cartazes, folders, panfletos, anúncios para jornais, jingles e outros serviços de criação e arte que colocamos à sua disposição. Já é tempo de programar sua campanha eleitoral. Quem sai na frente quase sempre chega na frente. RN/ECONÔMICO está agora no seu novo endereço, à rua São Tomé, 421 - Centro da Cidade - perto do SESC e do SENAC, numa rua de fácil acesso e estacionamento garantido, telefone 222-4722, onde atendemos com presteza e pontualidade.

RN/ECONÔMICO
Gráfica (Off-set e Tipografia)